

Maria Carolina Giliolli Goos

Jornalismo de Cultura e Arte:

Dança contemporânea e signo da compreensão

Faculdade Cásper Líbero
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu
São Paulo – 2010

Maria Carolina Giliolli Goos

Jornalismo de Cultura e Arte:

Dança contemporânea e signo da compreensão

Dissertação apresentada ao Programa de pós-graduação *Stricto Sensu* da Faculdade Cásper Líbero, Linha de pesquisa B - Produtos midiáticos: jornalismo e entretenimento, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Comunicação, sob a orientação do Prof. Dr. Dimas A. Kunsch.

Faculdade Cásper Líbero
Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu*
São Paulo – 2010

Goos, Maria Carolina Gilioli

Jornalismo de Cultura e Arte: dança contemporânea e signo da compreensão. -- São Paulo, 2010

139 f. : il ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Dimas A. Kunsch
Dissertação (mestrado) – Faculdade Cásper Líbero, Programa de Mestrado em Comunicação

1. Comunicação. 2. Jornalismo Cultural. 3. Pensamento Complexo. 4. Epistemologia da Compreensão. 5. Dança Contemporânea I. Kunsch, Dimas A. II. Faculdade Cásper Líbero, Programa de Mestrado em Comunicação. III. Título.

Para Júlia

AGRADECIMENTOS

Ao meu professor orientador Dimas A. Künsch, carinhosamente São Dimas por ter aceitado fazer parte de mais uma etapa de minha vida. Orientações que sempre foram regadas com muita compreensão, disposição, carinho, amizade e paciência.

À professora e bailarina Gilsamara Moura e ao professor Wellington Andrade pelas contribuições importantes que foram essenciais para a realização da pesquisa.

Às minhas amigas e amigos do grupo de pesquisa “Comunicação, jornalismo e epistemologia da compreensão” pela convivência e interminável busca por narrativas complexo-compreensivas.

Ao professor Cláudio Novaes Pinto Coelho pela disponibilidade e incentivo com que sempre me recebeu.

Às meninas do mestrado, Deak, Ana Paula, Dani e Mara pela convivência, amizade e carinho.

À minha amiga Micheli Valala, pelo companheirismo e pelos contínuos pedidos de calma.

Ao professor Abreu, meu mestre e responsável, por ensinar que a arte e a leitura exercem função libertária no ser humano.

Aos meus irmãos Fabiano e Fernando pelo amor, brincadeiras e conversas.

Aos meus pais, Helena e Antônio pelo amor, paciência, pelas palavras de conforto, pelo colo e incentivo.

E ao Flávio, meu sol, pelo amor constante e por me dar mão e caminhar comigo mais uma vez.

“Na medida em que a ciência e arte não se reconhecem, seus saberes emagrecem. Permanecem como as caixas fechadas que se voltam para seus dentros” (Katz, 2005:2).

RESUMO

A análise do Jornalismo Cultural (JC) em três jornais brasileiros, *Folha de S.Paulo (Caderno Ilustrada)*, *Diário de Pernambuco (Viver)* e *Zero Hora (Segundo Caderno)*, publicados nas cidades de São Paulo, Recife e Porto Alegre, tem como foco a busca pela compreensão da realidade do jornalismo cultural, em especial das seções dedicada à dança contemporânea. Indo ao encontro das inquietudes atuais, sobretudo na busca pelo entendimento desse fazer jornalístico, a visão de mundo complexo-compreensiva direciona a pesquisa para um diálogo com as formas plurais dos saberes, contrapondo-se ao modo reducionista de pensar a realidade, que não dá conta das demandas atuais da sociedade e do jornalismo contemporâneo. Buscando auxílio em autores como Cremilda Medina, Edvaldo Pereira Lima, Dimas A. Kunsch, Fritjof Capra, Edgar Morin, entre outros, a pesquisa trabalha com a noção de cultura como “produção de sentidos”, ou seja, um elemento agregador de saberes como salvação, verdade, sabedoria, bem-viver, criatividade, liberdade, incluindo o saber científico, entre outros, como pensa Morin. Em geral, como a pesquisa busca revelar, os produtores dos cadernos de JC têm certa dificuldade em partilhar esse entendimento. Apoiando-se em contribuições teóricas de autores como Helena Katz, Klauss Vianna, Guy Debord, além dos já citados, trabalha-se com a hipótese de que o JC está posicionado como um possível difusor de uma narrativa reducionista e atrelada à incompreensão. Portanto, com o auxílio da teoria complexo-compreensiva, busca-se avaliar a possibilidade da existência de espaço para uma narrativa pluralista no JC diário, em especial nas seções dedicadas à dança contemporânea.

Palavras-chave: Comunicação. Jornalismo Cultural. Pensamento Complexo. Epistemologia da Compreensão. Dança Contemporânea.

ABSTRACT

The analysis of Cultural Journalism (CJ) in three Brazilian newspapers, *Folha de S.Paulo (Ilustrada)*, *Diário de Pernambuco (Viver)* and *Zero Hora (Segundo Caderno)* published in the cities of São Paulo, Recife and Porto Alegre, respectively, with a focus on the search for comprehension the cultural journalism reality, specially the sections dedicated to the contemporary dance. Facing the current especially the search for the knowledge of this journalistic construction, the world vision of complex-comprehensive takes the research to a dialogue, opposing itself by the reducing way of thinking the reality, which is not able to handle the actual requests of society and the contemporary journalism. With the help of researchers as Cremilda Medina, Edvaldo Pereira Lima, Dimas A. Kunsch, Fritjof Capra, Edgar Morin and others, the research works with the notion of culture as a “sense of production”, in other words, an aggregation of element of knowledge as like salvation, truth, wisdom, wellbeing, creativity and freedom, including the scientific knowledge, among others, according to Morin. In general, as the research seeks to reveal, the producers of the sections in CJ shows some difficult in sharing this type of knowledge or the way of knowledge. Supporting in the theoretical contributions of authors as Helena Katz, Klauss Vianna, Guy Debord, besides those already mentioned, it deals with the hypothesis that the CJ is homogenically positioned as a diffuser of a reductionist narrative and it's connected to the incomprehension. The complex-comprehensive theory is supposed to help the evaluation of the possibility of the existence as plural narrative in dialy CJ, specially in the sections dedicated to the contemporary dance.

Key words: Communication. Cultural Journalism. Complex Thought. Epistemology of the Comprehension. Contemporary Dance.

Sumário

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – JORNALISMO DE CULTURA E ARTE	17
1.1 – A cultura como mercadoria e sua espetacularização	17
1.2 – Narrativas complexo-compreensivas	23
CAPÍTULO 2 – MODOS DE VER A CULTURA	37
2.1 – O jornalismo cultural nos cadernos <i>Ilustrada, Segundo Caderno e Caderno Viver</i>	37
2.2 – Entre o Signo da Difusão e o Signo da Relação	46
CAPÍTULO 3 – A DANÇA CONTEMPORÂNEA NO PALCO DA COMPLEXIDADE	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS:	
As cortinas estão abertas ou fechadas para a compreensão?	79
Bibliografia	82
Anexo 1.....	88
Anexo 2.....	96
Anexo 3.....	146

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por tema o Jornalismo Cultural (JC) praticado na mídia impressa no Brasil. E, considerando que o JC é uma especialização da profissão jornalística que abrange diversas manifestações no campo da cultura, tanto de cunho erudito quanto popular ou de massa, é fácil observar uma tendência à pluralidade temática, ou seja, uma ampliação da abordagem para além das chamadas “sete artes” (dança, teatro, música, cinema, pintura, escultura e literatura), com a inclusão de temas como moda, televisão, artes plásticas, artes visuais, gastronomia, quadrinhos e manifestações artísticas regionais e internacionais. Esta pesquisa pretende compreender qual o tratamento que se tem dado ao JC, especialmente no concernente às seções direcionadas ao tema dança contemporânea, e verificar sob qual ótica a prática dessa especialização é exercida em três diferentes jornais brasileiros.

O JC ocupa um papel importante na imprensa brasileira. As seções dedicadas aos comentários ou à crítica da produção artística e intelectual, reportagens, notícias, agenda, entrevistas, notas, ensaios ou resenhas culturais estão presentes nos veículos de grande circulação e nos mais elaborados cadernos de cultura, em revistas especializadas, na divulgação de eruditas e populares manifestações artísticas, além de ocupar um espaço privilegiado na cobertura de caráter noticioso diário, o que, no entanto, não parece redundar em estudos acadêmicos em grande número e de notável relevância sobre o tema.

Nessa perspectiva, a pesquisa se caracteriza como analítica, indo ao encontro de inquietudes contemporâneas, sobretudo na busca pela compreensão desse *fazer* jornalístico. Estudam-se as editorias de cultura dos jornais *Folha de S.Paulo (Ilustrada)*, *Diário de Pernambuco (Viver)* e *Zero Hora (Segundo Caderno)*, das cidades de São Paulo, Recife e Porto Alegre, respectivamente. Tomam-se para a análise as edições do mês de junho de 2008.

A escolha das três cidades foi pensada por elas representarem centros culturais de grande importância no Brasil, trazendo para o universo da pesquisa o fator da

diversidade geográfica, além de permitir um estudo da produção cultural da *Folha de S. Paulo*, jornal de maior circulação no Brasil, em comparação com o que fazem os outros dois veículos. São Paulo, Porto Alegre e Recife, ao lado de outras metrópoles importantes, são espaços de referência no contexto cultural brasileiro.

Embora a pesquisa trabalhe com três veículos específicos, tem no horizonte a realidade midiática como um todo. O recorte da editoria de cultura brasileira assume como tarefa fazer a contextualização histórica dessa forma específica do *fazer* jornalístico no Brasil, seu conceito e sua prática, o que deve facilitar a observação dos modos como os três diários atuam com e no campo cultural. A análise dos cadernos de cultura dos três jornais deve revelar elementos importantes para o entendimento da realidade do JC, sobre a visão que se tem de cultura e a partir de quais bases teóricas e práticas os profissionais de comunicação produzem suas matérias, reportagens, notas e críticas. Como eixo condutor para a análise do JC é utilizada a epistemologia complexo-compreensiva. Como se verá adiante, é a partir dessa iluminação teórica que esta pesquisadora irá analisar o JC, incluindo nessa análise a etapa de estudo de caso relativa à dança contemporânea.

A análise da seção de dança serve para ilustrar, fazer um recorte no JC e observar a intensidade com que as reportagens e críticas são produzidas, se de maneira pluralista e compreensiva, como se entende que a cultura deva ser tratada jornalisticamente, sob o ponto de vista da agregação de diversos saberes, ou se o contrário é o que acontece, ou seja, uma produção mecânica e fechada na observação e registro dos acontecimentos. A atenção dada à dança contemporânea se justifica por se tratar de uma manifestação artística híbrida, isto é, que se constitui a partir de diversos saberes. Além desse hibridismo, percebido visualmente, as temáticas dos espetáculos de dança contemporânea são extraídas do diálogo com a literatura, história, filosofia, antropologia, física, e também das narrativas do cotidiano. Ou seja, a dança contemporânea também pode ser lida como uma maneira de entendimento do mundo, dos acontecimentos cotidianos, dos sentidos que esse mundo e esses acontecimentos carregam consigo.

A epistemologia complexo-compreensiva (Kunsch, 2008) é a que melhor responde às preocupações desta pesquisa e também a que mais se ajusta ao cenário do JC. Observa-se que um *fazer* jornalístico mais arejado só é possível quando existe abertura e capacidade de diálogo com novas e diferentes propostas do saber. Com efeito, é de maneira complexa, e não reducionista, que a arte deve ser compreendida, no

diálogo com as múltiplas e diferentes formas de conhecimento e de experiência do mundo.

O desenvolvimento e a certeza da ciência, na sociedade ocidental, se pautam, basicamente, no pensamento cartesiano, segundo o qual os acontecimentos da sociedade são registrados segundo uma única ótica. Diferentemente do modo cartesiano de pensar e registrar os acontecimentos, esta pesquisadora escolhe trabalhar com a epistemologia complexo-compreensiva por ser uma noção que se abre para observar os vários desdobramentos da realidade, que acolhe uma perspectiva multidisciplinar, menos autoritária na relação entre a sociedade e os diversos saberes. O pensamento complexo e compreensivo promove uma conversa entre a ciência e a sociedade, construindo uma relação de interdependência entre mito, ciência, natureza, arte, sensibilidade, racionalidade e não-racionalidade, onde se descarta o rigor da discussão entre bem e mal, para pôr em questão o equilíbrio entre os diversos sentidos existentes na vida. Um pensamento que se constrói a partir de associações que foram esquecidas pelo modelo mecanicista e meramente explicativo. Espaço fértil onde a compreensão é mais frutífera que a explicação, um espaço aberto para as singularidades, que se engrandece com a aproximação do diferente, que necessita do terno para observar a ciência, que busca nas cores o entendimento sobre a natureza e encontra na união de elementos aparentemente desconexos uma nova narrativa: complexa e compreensiva.

Compreender significa abraçar, juntar e abranger. É compreensivo o pensamento não reducionista, não fechado pelas teorias determinadas pela ciência, acolhedor e não-preconceituoso, terno, compreensível e não mutilante, que se engrandece com a aproximação do singular e do plural, que chama a complexidade como sua parceira para compartilhar poesia e lógica, criando um pensamento que não se engana porque não é só a informação que importa, mas também, a ordenação coerente e aberta dessas informações e saberes, o que torna possível a construção de um cenário complexo, que não significa complicação.

Complexidade abarca a idéia da união de elementos diferentes e multifacetados. Um pensamento que se mostra complexo e não abandona associações, vistos, não como contrárias e, sim, complementares.

Trazer essa noção ao ambiente do jornalismo corresponde ao retorno ao que em sua essência esse saber significa, muito além do que o *lead* permite comunicar. A palavra comunicação evoca a idéia de conversação, amizade e participação. Plural em

sua metodologia e aberto às diversas respostas que busca desvendar para a problemática do conhecimento.

A pesquisa busca mostrar que mais importante que a informação é a estrutura de pensamento que deve ser comunicada, os tipos de pensamentos diferentes da ciência, tanto em culturas diversas como em uma mesma sociedade. Neste sentido, traz-se para a proposta de mudança o que Medina (2006) chamou de passagem do signo da difusão para o signo da relação. O primeiro é entendido como uma maneira de divulgar, de construir uma ponte entre os fatos, entre o *fazer* científico e o público, ou seja, uma maneira de aproximar o fazer científico na mídia especializada e na grande imprensa, transformando o jornalista em um tradutor de conteúdos científicos. O segundo implica “uma crise da degenerescência do signo da divulgação”, isto é, a mudança da relação “sujeito-objeto para sujeito-sujeito”, o que corresponde a um pensamento democrático na produção jornalística. É o exercício empírico de reciclar a relação causa e efeito, escapando da maneira tradicional de se pensar a produção jornalística, fincada na idéia de que sempre existe um fator único para os acontecimentos. Em geral, o jornalista sente dificuldade de perceber que os acontecimentos merecem ser vistos em suas múltiplas causalidades, em sua complexidade, o que torna a narrativa pobre de vozes. Nega-se o diferente e fica-se acomodado no conforto da pirâmide invertida.

As preocupações de Guy Debord (1997) se aproximam da temática do JC, uma vez que leitores, espectadores, telespectadores, público, jornalista, o crítico e o artista que produzem JC estão numa posição de dependência e se configuram como protagonistas de diferentes tipos de espetacularização, atingindo de um modo ou de outro o que o autor denominou “*uma maneira falaciosa de felicidade*”. O estudo do conceito debordiano de sociedade do espetáculo pretende levar a uma compreensão dessa dominação, ou dependência e suas possíveis relações com o JC.

O conceito de sociedade do espetáculo se conecta com a abordagem de Marx (1980) em meados do século XIX e com a teoria crítica da Escola de Frankfurt, principalmente no que diz respeito à Indústria Cultural (Adorno, 1999), na primeira metade do século XX. A aproximação a esses autores permite observar a capacidade de transformação e recuperação do modo de produção capitalista, o movimento que transforma cultura em mercadoria e espetáculo. Na sociedade do espetáculo, as imagens “ocupam” o cotidiano da sociedade, em grande velocidade e numa escala industrial.

Debord (1997:14-15) identifica no espetáculo o “resultado” e o “projeto” do sistema produtivo de nossa sociedade. Portanto, o espetáculo não é uma decoração do

mundo, mas trata do “irrealismo da sociedade real”. Ele representa o “modelo” dominante na sociedade, definido por meio de uma escolha “já feita” previamente na produção. Por isso, o espetáculo representa a justificativa da “ocupação principal do tempo vivido fora da produção moderna”. O pensamento debordiano é pensado em suas conexões com a divulgação do cinema, televisão e outras manifestações ligadas à Indústria Cultural. Porém, ao tratar o tema de dança contemporânea, a pesquisadora observa como uma manifestação que se contrapõe a esse movimento “espetacular”.

A crítica frankfurtiana por meio do conceito de Indústria Cultural aproxima-se da temática da dominação a que a sociedade se encontra submetida, sob a regência de forças econômicas e com um grau maior ou menor de exclusão da autonomia, ou seja, da capacidade de se “levantar” contra o sistema estabelecido. Alguns questionamentos levantados por setores nomeados apocalípticos ainda geram discussão e estão intimamente ligadas a esses questionamentos como, por exemplo, a manipulação das massas, produção em série, padronização e baixa qualidade do que é produzido pela indústria cultural, tendo como consequência a deterioração dos padrões culturais etc. Vale recorrer à tese de Walter Benjamin (1994) sobre a perda da “aura” na obra de arte: por meio da técnica da reprodução em massa, por conta do desenvolvimento da indústria, a produção artística ganha status de mercadoria, descaracterizando-se enquanto arte.

Em contrapartida, para Morin (2006), a Indústria Cultural não se limita aos meios de comunicação de massa, tornando-se também uma indústria de lazer e de férias. A visão do indivíduo privado cede espaço, ao mesmo tempo, a utopias concretas (ilhotas de harmonia na qual as pressões da vida podem ser eliminadas), que o levam a fazer desabrochar virtualidades abafadas na vida cotidiana urbana, focada no trabalho e nas obrigações.

Segundo Morin (2006:111), os meios de comunicação de massa (televisão, rádio e imprensa) veiculam, conjuntamente com a informação, com o divertimento e com os espetáculos, “conselhos” e “incitamentos” com relação até mesmo à residência dos indivíduos. Além disso, a publicidade faz a mediação entre indústria e casa, mantendo vivo o desejo de consumo obsessivo, em conjunto com a vontade de multiplicação dos “sinais, símbolos e instrumentos do bem-estar”.

A idéia de um pensamento complexo-compreensivo surge então como uma alternativa, uma proposta de se pensar e praticar a comunicação, um refúgio possível frente ao paradigma cientificista, da dominação; uma abertura para o racional e o não-

racional; a possibilidade de se pensar a arte como forma de conhecimento do mundo.

A hipótese, nesta pesquisa, é a de que a editoria de cultura está inserida num universo reducionista, com sua produção aprisionada pelo agendamento e realizada sob a ótica tradicional do fazer jornalístico, de caráter fundamentalmente difusionista, além de simplificador. Daí a necessidade da epistemologia complexo-compreensiva, tendo em conta que um pensamento é compreensivo na medida em que não é reducionista e estrangeiro aos agentes que o produzem. Busca-se um pensamento preocupado com o geral, mas que não descuida das partes, que valoriza a conexão entre o singular e o plural.

Os três capítulos deste estudo estão estruturados da seguinte forma: o primeiro se volta para a história do JC, suas origens e compreensão, seus principais expoentes teóricos e práticos, os “personagens” que contribuíram para posicioná-lo de tal forma que ocupe hoje um papel fundamental no universo jornalístico. Nesse momento da pesquisa, as preocupações em torno da noção de cultura e arte e de como essas são entendidas por estes cadernos serão enfatizadas. Na pesquisa dialoga-se com a idéia de que o modo reducionista de pensar a realidade não dá conta de reportar para a sociedade toda a gama de sentidos, fatos e acontecimentos ligados ao *fazer* jornalístico contemporâneo. Por isso, busca auxílio nos estudiosos da comunicação, da complexidade e da compreensão já mencionados, além de outros.

Para o momento empírico, reportado no segundo capítulo, a pesquisa realiza um mapeamento da publicação dos três veículos, tendo em conta: a) data/dia da semana, b) título/ intertítulo das matérias, autoria/as, d) gênero jornalístico, e) assunto, f) fontes, g) comentários e reflexões para, assim, identificar os modos de produção e tratamento da informação jornalística no mundo da cultura. Para o recorte específico das seções de dança contemporânea, aprofunda-se a análise baseada no momento anterior de modo a se ir desenhando as diversas maneiras de tratamento que recebe a editoria de cultura/dança contemporânea, a partir de uma segunda listagem, em que os mesmos elementos são considerados, acrescidos de comentários críticos, reflexões e questionamentos.

O terceiro momento da pesquisa é constituído propriamente por uma análise das matérias dedicadas à dança contemporânea em cada veículo. Merecem destaque os seguintes questionamentos: quem as produziu, suas fontes, sob quais perspectivas essas matérias foram confeccionadas, quais as possíveis aproximações com a epistemologia complexo-compreensiva, entre outros. O estudo de caso nas seções dedicadas à dança

contemporânea ilustra o que essa investigação se propõe a responder a respeito do JC: o tratamento dado a essa especialização jornalística é reducionista, um mero trabalho de divulgação, de agendamento de espetáculos teatrais, de estréias de cinema, exposições de arte, lançamento de livros, programação televisiva e coluna social – além das mais recentes, como gastronomia, moda e consumo de novas tecnologias –, ou existe espaço para uma narrativa complexo-compreensiva no jornalismo cultural diário?

Essa análise deve servir de proposta, para como uma possibilidade de pensar novos horizontes para a comunicação, no qual a observação e o registro mais arejado do JC poderão conduzir para narrativas menos reducionistas, que recriam maneiras novas, menos mecânicas e mutiladoras de observar, registrar e narrar os acontecimentos. Um universo que utiliza a polifonia e a polissemia como elementos agregadores de um discurso aberto, um território que prefere pensar em termos de uma pluralidade de saberes. Porém, longe de esgotar o tema, a pesquisa busca estimular uma reflexão complexa e compreensiva sobre os rumos do JC.

CAPÍTULO 1

JORNALISMO DE CULTURA E ARTE

1.1. A cultura como mercadoria e sua espetacularização

Os veículos de comunicação no Brasil carecem de espaço no que diz respeito ao pensamento sobre JC. Se voltarmos os olhos para os jornais impressos, o Brasil se posiciona de modo diferente dos norte-americanos e dos europeus. Estes não editam cadernos de cultura diariamente, como no Brasil, porém, contam com um bom número de publicações semanais que cobrem a agenda cultural – o chamado guia de caráter estritamente informativo, em Paris – o *Pariscope*¹, por exemplo.

No Brasil, historicamente, não há nada parecido com as publicações semanais que cobrem a agenda cultural. Somente o jornal *Folha de S.Paulo* lançou, em 1998, *O Guia da Folha* com publicação semanal toda sexta-feira junto com o exemplar do dia, e recentemente os “Guias Culturais” têm se multiplicado, principalmente no ambiente virtual.

Em contrapartida, os jornais brasileiros criaram uma maneira de suprir essa lacuna, publicando listas e resenhas de programação em seus cadernos culturais diários chamados de serviço ao leitor, onde há uma cobertura extensiva de programação. Observa-se uma tendência na publicação de *releases* enviados por assessores de imprensa, o que acarreta a diminuição de matérias e reportagens com teor mais analítico.

As assessorias de imprensa ocupam uma posição importante nesse cenário, pois, em alguns momentos, conduzem o que vai ser publicado, onde e como. Ou seja, a busca de uma pauta, uma reportagem "diferente", abre espaço ao simples ato de "baixar" o *release* e a uma produção muito próxima à publicidade. Em contrapartida, Meira² explica que se esforça muito para dar um tratamento mais amplo na editoria de cultura, e sente no *Viver* uma proposta diferenciada ao JC, também quando o assunto é dança

¹ Criada em 1965, é uma revista popular semanal disponível nas bancas de Paris, que cobre os eventos de entretenimento, durante a próxima semana, incluindo teatro, música e filmes.

² Tatiana Meira, em entrevista à autora (Anexo 1), jornalista do caderno de cultura *Viver*, do *Diário de Pernambuco*, que será observado mais cuidadosamente no capítulo seguinte.

contemporânea, mesmo que o espaço não seja tão privilegiado como o que é dado ao cinema ou televisão, por exemplo.

Meira explica que muitas vezes não tem condições de explorar o potencial da notícia e de pesquisar por questões de espaço, prioridade e linha editorial. Ela vê o tratamento dado à dança contemporânea da seguinte maneira:

Não só é “confundida” com teatro, como fica para um segundo plano, em relação a outros assuntos. É mais comum conseguir um espaço melhor quando é a estréia de algum espetáculo ou se a montagem vem de fora do Recife, como aconteceu na semana passada com o 1º Ato, de Belo Horizonte, que veio com “Geraldas e avencas” e foi matéria de capa da sexta-feira.

Essa realidade aponta para alguns problemas no cenário da cobertura cultural que acabam interferindo em todo o procedimento jornalístico: o da repetição, o da mera disseminação de consumo e reprodução dos discursos oficializados, o que compromete a realização de narrar/reportar a produção cultural. Nessa perspectiva, esta pesquisa aponta uma diretriz, uma tentativa do desvencilhamento do mercado, qual seja, a libertação frente à padronização, com o intuito de produzir discussões férteis, construindo assim um discurso que propicia dinâmicas interativas que possa dar despertar o interesse para pensar a comunicação em horizontes mais vastos. Entretanto, o que se nota na sociedade contemporânea é um interesse sufocante pelo mercado, o que deixa as páginas do JC com mínimas pinceladas do pluralismo e amplitude necessários.

Para uma reflexão crítica sobre o JC, Guy Debord contribui de maneira singular. Autor de *Sociedade do Espetáculo*, Debord trabalha com a noção de realidade deturpada pelo que chamou de espetáculo. A visão debordiana acredita na degradação evidente do *ser em ter*, ou seja, tudo aquilo que falta na vida real cotidiana dos indivíduos, e isso se torna cada vez mais explícito nas sociedades, onde existe a modernização de produção e o anúncio de uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo que “era” real ocupa a posição de representação. Trata-se de uma alienação financiada por diversos setores que compõem a sociedade. Sendo assim, a televisão, os meios de comunicação de massa, a propaganda, o marketing e alguns aspectos da globalização são apontados como fatores essenciais que contribuem para que esse “sistema de dominação espetacular”, como o próprio autor chama, tenha se tornado um companheiro do cotidiano e de estudo. Para Debord, esta é a maneira mais elaborada de uma sociedade que desenvolveu o “fetiche da mercadoria”, em referência aos estudos de Marx (1980), como sinônimo de

felicidade. O fetichismo corresponde à relação social entre as pessoas mediatizada por coisas, o que significa uma relação direta entre as coisas e não entre as pessoas.

O autor observa, ainda, que existe um segmento da sociedade ocupado em manter o chamado sistema de dominação espetacular. Desse modo, as preocupações de Debord se aproximam da temática do JC, porque hoje os leitores, espectadores, telespectadores, público, jornalista, o crítico e o artista que produz JC são dependentes e atores do espetáculo. As manifestações culturais são produzidas, vistas, absorvidas e reportadas não como produção de bens simbólicos e sim como mercadoria descartável, resumindo em vários momentos as páginas culturais em cadernos de divulgação de espetáculos e estréias com informações tendenciosas que se limitam a colocar duas, três ou quatro estrelas ao lado. Ainda que ocorra a crítica, em alguns momentos, esta se parece muito mais com uma opinião pessoal, ligeira e despreocupada, do que com uma narrativa que possa servir de entendimento, como pensa Bernardet³.

Não pratico a crítica como julgamento, botando sinal de mais para alguns filmes, de menos ou mais ou menos para outros, ou fatiando: mais para a interpretação, menos para o argumento. Mas uma prática de compreensão. Compreender não é captar o que a obra diz explicitamente... É procurar o latente, o que está aquém/além do dito (Bernardet *apud* Martins, 2000:63)

Esta pesquisa elege essa visão de produção jornalística como a mais adequada para tratar o JC. E embora o conceito debordiano não ocupe uma posição central no estudo, é possível detectar, na observação de Debord, a necessidade que o leitor tem de consumir o que está na primeira página dos cadernos de cultura. Acostumou-se às muitas informações ainda que rápidas, nas quais as manifestações artísticas são entendidas não como produção de sentidos e sim como mercadoria, que rapidamente são olhadas, não entendidas e não levadas ao exercício de reflexão.

Esse desenvolvimento que exclui o qualitativo também está sujeito, como desenvolvimento, à passagem qualitativa: o espetáculo significa que ele transpôs o limiar de sua própria abundância; isto é verdade localmente *em* alguns lugares, mas é verdade em escala universal, que é a referência original da mercadoria, referência que seu movimento prático confirmou, ao unificar a Terra como mercado mundial (Debord, 1997:28-29).

³ Jean-Claude Bernardet, crítico de cinema e cineasta. Formado pela *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (Paris) e doutor em Artes pela ECA/USP. O porta-voz do grupo de cineastas do Cinema Novo, especialmente de Glauber Rocha. Foi um dos criadores do curso de cinema da UnB e foi professor de História do Cinema Brasileiro na ECA.

Jornalistas, críticos, responsáveis por divulgar, noticiar, escrever uma reportagem, ou crítica, em alguns momentos trabalham sob a sombra da manipulação. Com frequência assinam um jornalismo opinativo imerso em noções reducionistas. Utilizam sinal de mais ou de menos para determinado espetáculo, filme, etc., o que os faz ocupar uma posição aproximada da sociedade do espetáculo, quer seja por fazer parte diretamente do sistema, ou ainda, por produzirem um JC que contribui para esse sistema de dominação. Dessa forma, a pesquisa entende que uma produção jornalística que exclui o fator qualitativo é uma forma não compreensiva de ver a cultura. Isso significa observar que essa construção em torno dos conceitos sobre cultura de massa e a sociedade do espetáculo tende a criar um campo no qual as narrativas complexo-compreensivas perdem espaço para uma produção jornalística fechada.

As diversas abordagens sobre a cobertura cultural estão inseridas nesse contexto na medida em que os atores desse campo dialogam entre si: jornalistas, críticos, artistas e intelectuais constroem uma rede de comunicação, contribuindo para que as afirmações de Debord estejam presentes no jornalismo especializado diário analisado.

Isso significa afirmar que o cenário do JC está impregnado de movimentações espetaculares e que a dança contemporânea é pensada como uma manifestação artística de resistência a esse modelo “espetacular”, voltada a pensar e dialogar com diversas linguagens: literatura, teatro, artes plásticas, balé clássico, dança moderna, hip-hop entre outras, escapando do modelo que coloca o seu público numa posição de passividade e contemplação. Além disso, a dança contemporânea propõe-se questionadora dos padrões impostos pela tradição clássica, não a negando, mas agregando seus atributos, e assim vislumbrar uma nova organização para a dança.

A dança contemporânea carrega uma perspectiva muito peculiar de absorver a realidade. Sendo assim, um espetáculo geral de dança, pode recriar e criar uma nova leitura, a partir da união e cooperação com diversos elementos que estão postos no mundo. O cotidiano dos trabalhadores de corte de cana⁴ se transforma, a partir da leitura do responsável pela concepção do espetáculo, que recorta, traz uma visão particular do

⁴ Referência ao espetáculo *Cortadores* do Grupo Gestus de Dança Contemporânea de Araraquara, companhia que a pesquisadora acompanha desde 1990, e para a qual trabalhou como assessora de imprensa. O espetáculo aborda a questão da resistência sobre a dominação que se manifesta não somente através da visibilidade política de canais e instrumentos institucionalizados, mas de forma fragmentada nas dimensões banais da vida cotidiana de um trabalhador rural. O Grupo Gestus pesquisou a trajetória do surgimento, consolidação e exclusão do “bóia-fria”, procurando refletir sobre as características, peculiaridades e eficácia em seus trabalhos de todo dia.

que essa classe trabalhadora representa e decide sob quais ângulos será abordada, com uma infinidade de signos. Linguagem gestual, figurino, cenário, trilha sonora e o próprio corpo contribuem para que o intérprete construa seu trabalho, para, assim, constituir recortes da realidade e apresentá-la ao público.

No caso do grupo Gestus de dança contemporânea de Araraquara, a preocupação em manter diálogos com as linguagens e com o público está presente desde a escolha do tema até a forma de concepção. A diretora, bailarina e professora Gilsamara Moura utiliza-se das particularidades e afinidades de cada bailarino para conduzir a produção dos espetáculos, além de manter uma proximidade com o público dialogando com as pessoas ao final de cada espetáculo, com o intuito de agregar novos olhares para a companhia.

Quando Debord explica o espetáculo caracterizando-o como coração da irrealidade da sociedade real, podemos pensar, sob todas as suas formas particulares, que o trabalho da produção artística da dança contemporânea se posiciona como uma manifestação artística que pretende escapar desse cenário, podendo ser observada como uma manifestação artística que busca uma produção mais libertária, disposta a criar outras linguagens, usando outros espaços, que dialoga com diversas áreas do conhecimento e não se limita a esperar a inserção nos meios de comunicação de massa.

Pela perspectiva debordiana, o espetáculo e a atividade social percorrem o mesmo caminho. Quando o JC é pensado, observa-se claramente a realidade sendo invadida pela contemplação do espetáculo, principalmente quando se trata das seções que fazem parte da Indústria Cultural, como o cinema, a música e a televisão. A realidade, para Debord, surge no espetáculo e o espetáculo no real. Os profissionais do entretenimento estão cada vez mais qualificados para criar grandes espetáculos, na televisão, nas casas de espetáculos, no material impresso, no rádio e agora na internet.

Para Debord (1997:16), “o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda a vida humana, como simples aparência”, numa aproximação relevante com o JC, espaço onde freqüentemente as ações são movidas pela aparência e pelo “ter”. Os críticos e os jornalistas sabem como alimentar esse pensamento de sociedade do espetáculo e o fazem com muita competência. Assim, a imprensa assume o papel daquele que oferece o espetáculo a toda uma sociedade e a faz repousar, pois, para Debord, “o espetáculo é o guardião deste sono”.

Esta pesquisa introduziu o conceito debordiano de sociedade do espetáculo com o intuito de compreender essa dominação, ou dependência, e suas possíveis relações

com o JC. Traz, no entanto, a noção complexo-compreensiva como uma resposta, uma reação inovadora, plural e mais adequada para retratar os temas que cabem à produção jornalística especializada, neste caso o JC e o estudo aprofundado do tema dança contemporânea.

1.2. Narrativas complexo-compreensivas

Descartes (1596-1650), o primeiro grande arquiteto da visão mecanicista de mundo, observava o mundo como um relógio, capaz de ser montado, desmontado, reduzido a peças simples, de tal modo que se tornasse mais fácil o seu entendimento. Essa visão, que dominou o mundo durante 300 anos, tendo inicialmente provocado uma ruptura com o pensamento filosófico e teológico medievais, almejava o mundo autônomo, em contradição com um pensamento que o vê sob a regência eclesiástica. Daí o fascínio, para Descartes, da metáfora do relógio. O pensamento cartesiano, no entanto, acabou produzindo a idéia de que todos os seres vivos, plantas, animais fossem iguais às máquinas. Esse pensamento acabou por tomar conta da arte, da política etc., tornando-se igualmente uma forma de as pessoas se relacionarem umas com as outras e de entenderem a própria prática de suas profissões.

A idéia que norteia esta pesquisa não é a de condenar o pensamento cartesiano, tachando-o como o mal de todas as ações reducionistas. O que se busca é reconhecer suas limitações, tirá-lo do terreno da pretensa segurança em que se manteve durante muito tempo. Considera-se, nesse contexto, que existem outros elementos, que são vitais para a construção de um novo modelo de pensamento, com a possibilidade de construção, também, de novas práticas, mais plurais e menos mecanicistas de ler a sociedade e reportá-la aos leitores.

Observar o mundo como máquina pode ter sido útil por um período de pelo menos 300 anos, mas hoje isso se tornou uma visão danosa. Uma alternativa a esse pensamento vale-se das contribuições da transdisciplinaridade, de Morin, da epistemologia complexo-compreensiva, de Kunsch, da passagem do Signo da Difusão para o Signo da Relação, de Medina, do jornalismo com alma, de Lima, e das relações de interdependência, de Capra. Esse repertório teórico garante segurança no aprofundamento do objeto desta pesquisa, chamando a atenção para o fato de que o JC, mais especificamente voltado para a dança contemporânea - conforme Katz - é uma forma de conhecimento do mundo. Jornalistas que trabalham nessa editoria ganhariam com o desapego às concepções que não suprem mais as necessidades de um tempo novo, em que a chamada “globalização” coloca a sociedade para relacionar-se com a prática do não-preconceito. É o caso de não continuar levantando uma bandeira superficial e mutiladora no âmbito do conhecimento, incapaz de olhar as diversas

facetar no entendimento e no registro da complexidade presente nos fatos. Como afirma Morin:

A idéia de complexidade reapareceu marginalmente, a partir da cibernética e da teoria da informação. Foi Warren Weaver, co-formulador, com Shannon, da teoria da informação, quem disse, num importante artigo sobre complexidade – publicado no *Scientific American*, no início dos anos 50 – que o século XIX tinha presenciado o desenvolvimento das ciências da complexidade desorganizada - referia-se ao segundo princípio da termodinâmica - e que o século XX deveria presenciar o desenvolvimento das ciências da complexidade organizada. Mas para todos esses investigadores a palavra complexidade é muitas vezes sinônimo de complicação, isto é, de uma tal imbricação de ações, interações, retroações, que nem o espírito humano nem um computador extremamente potente poderiam medir, ou mesmo discernir os elementos e os processos desta teia emaranhada (Morin, 1984:13-14).

Desprezar as partes conduz a ações empobrecidas e limitantes. Neste sentido, a compreensão surge como um elemento capaz de estabelecer um diálogo consistente no contato com diversas teorias e visões de mundo, produzindo assim a prática de seu significado. Compreender significa, originalmente no latim, juntar, abranger, abraçar. A compreensão se ocupa em ser terna, se engrandece com a parceria do singular e plural; ela conversa com a complexidade, faz com que aconteça uma conversa entre a poesia e a lógica. Trata-se de um lugar onde a ternura e a rebeldia pedem espaço para caminhar juntas. Manter uma atitude complexa e pensar compreensivamente não significa assumir uma postura de passividade. Pelo contrário, essa noção assume uma postura de contestação, quando não julga importante a mera explicação ou informação e sim busca exercitar um pensamento que ordena coerentemente informações e saberes de forma aberta. Como na perspectiva de Kunsch:

Dois são os mais relevantes significados do termo compreensão para os quais se está chamando a atenção (...). O primeiro é de tipo intelectual, cognitivo, objetivo, enquanto o segundo vê a compreensão em sua relação com a intersubjetividade e os vínculos humanos (2008:187-188).

Nesse sentido, informar é permitir ao leitor que se sinta responsável por uma mudança. O jornalismo de caráter transformador estreita a relação entre jornalista e público, saindo do esquema sujeito-objeto para sujeito-sujeito, conforme Medina. Faz com que o leitor saiba onde está, trazendo informações mais contextualizadas, considerando sua história para obter maior entendimento da realidade. Ainda conforme Kunsch:

Trata-se, aqui, da possibilidade de imaginar um conhecimento hábil no exercício do diálogo entre diferentes saberes ou modos de aproximação ao mundo; que junta e não que (apenas) separa; que não condena a competência do especialista nem o espaço da disciplina, mas os integra numa arena mais ampla de conversação (2008:188).

Fritjof Capra (1988), ao falar sobre a crise da percepção, nos aponta Isaac Newton (1643-1727) como o responsável por transformar teoria científica em poder e, antes dele, Francis Bacon (1561-1626) que, no reinado de Jaime I, julgou como bruxas mulheres que prescreviam a medicina popular aos doentes, levando-as à tortura. Bacon também acreditava que a natureza devia ser “caçada”, posta para “trabalhar”, ser “escravizada”, além de mencionar a Mãe-Natureza como mulher, num tom de bruxaria. O que se observa na ciência moderna é que ela ainda é refém dessa “tortura” e ainda permanece a devastadora noção patriarcal do homem como dominador.

Capra investiga as implicações e impactos de uma mudança de paradigmas, que teve seu ponto de partida na observação dos principais problemas visíveis do século XX – ameaça nuclear, destruição do meio ambiente, desigualdades e exploração, preconceitos políticos e raciais, etc. – como sintomas ou aspectos diversos que, no fundo, não passam de uma única crise fundamental: uma crise de percepção, uma percepção distorcida baseada no individualismo e na separação entre pessoas, coisas e eventos.

O atual paradigma, que já deu inúmeras mostras de esgotamento e de incapacidade de solucionar problemas básicos e existenciais do ser humano, vem dominando amplamente a cultura e educação há quase 400 anos, desde que Copérnico conseguiu enfrentar uma visão dogmática ultrapassada da teologia cristã, abrindo espaço para a Revolução Científica de fins da Idade Média, e que, com o tempo, legou nomes como Galileu, Descartes e Newton. Esse paradigma, que Capra chama de newtoniano-cartesiano, teve um impacto benéfico ao libertar a razão das amarras da superstição e do controle eclesiástico, mas foi, com o tempo, hipertrofiado.

A idéia de que não pode haver uma ciência acabada, com postulados fundamentais fixos, sustenta esta pesquisa. Partilha-se do pensamento de que o conhecimento humano está longe de ser sólido e concluído e de que esse conhecimento escolhe alguns elementos e descarta outros, na linha do velho paradigma que diz o que é e o que não é válido em ciência. Os escritos de Capra contemplam essas preocupações, pois a visão de mundo mecanicista e fragmentada é nociva à civilização. Mudanças

radicais são necessárias e devem refletir-se em atitudes mais orgânicas, complexo-compreensivas entre os seres humanos e entre estes e a natureza, em todos os seus aspectos.

O pensamento de Capra partilha a idéia de pluralidade como uma maneira sensível e significativa de entendimento, o que propicia uma mudança fundamental da compreensão humana quanto à natureza do conhecimento científico, quer na esfera da comunicação, física, biológica e humana, o que implica, em linhas gerais, uma extraordinária, embora ainda não muito bem sentida e/ou pouco avaliada transformação cultural.

Capra defende que as sociedades urbanas, assim como os ecossistemas – ambos sistemas vivos que contêm os mesmos princípios de organização – podem alcançar a sustentabilidade. Ele pontua que em qualquer sistema vivo há relações de interdependência entre seus componentes, de cooperação generalizada, de reciclagem da matéria, tendendo sempre ao equilíbrio, mas que, no entanto, a economia e o sistema industrial ainda permanecem lineares. Assim, para reverter este quadro, ele acredita que deve haver uma mudança de paradigmas, concebendo o mundo como um todo integrado, um conjunto de sistemas interconectados, e não como uma coleção de partes dissociadas.

A sociedade oriental, resume Capra, entende as dualidades como complementares, o que a sociedade ocidental equivocadamente classifica como antagonismo, desequilíbrio e incompatibilidade – homem e mulher, sol e lua, quente e frio. Observando que essas ações são mutilantes, tanto do conhecimento como tal quanto das práticas que nele se sustentam, a epistemologia complexo-compreensiva apresenta-se como um princípio que privilegia a tendência à interconectividade, que, para Capra, valoriza probabilidades de conexões. Perceber a realidade com suas diversas formas, e não apenas por meio de uma forma específica, única, significa entender que o pensamento das monocausalidades não ajuda a construir uma narrativa que realmente dê conta das demandas da sociedade contemporânea.

Essa visão do universo constituído de harmonias, sons e relações não é nova, sendo que é uma ilusão continuar imaginando os elementos da vida separadamente, conforme explica Capra:

Considero a ciência e o misticismo como manifestações complementares da mente humana, de suas faculdades intelectuais e intuitivas. O físico moderno experimenta o mundo através de uma extrema especialização da mente racional; o místico, através de uma extrema especialização de sua mente intuitiva. As

duas abordagens são inteiramente diferentes e envolvem muito mais que uma determinada visão de mundo físico. Entretanto, são complementares, como aprendemos a dizer em Física. Nenhuma pode ser realmente compreendida sem a outra; nenhuma pode ser reduzida à outra. Ambas são necessárias, suplementando-se mutuamente para uma compreensão mais abrangente do mundo. Parafraseando um antigo provérbio chinês, os místicos compreendem as raízes do Tao, mas não os seus ramos; os cientistas compreendem seus ramos, mas não as suas raízes. A ciência não necessita do misticismo e este não necessita daquela; o homem, contudo, necessita de ambos. A experiência profunda da mística é necessária para a compreensão da natureza mais profunda das coisas, e a ciência é essencial para a vida moderna. “Necessitamos, na verdade, não de uma síntese, mas de uma interação dinâmica entre intuição mística e a análise científica” (Capra, 1995:228).

Lembra-se então da cosmovisão hinduísta, em sua crença de que a dança sustentaria o universo, num fluxo contínuo de energia, prova que o verdadeiro saber não vem somente ligado à intelectualidade e de que não existe a pura verdade do conhecimento e, sim, uma verdade que se constitui a partir da dialogia entre narrativas míticas, artísticas, científicas, biológicas e emocionais. Exercício importante para a sociedade, a admiração pela flexibilidade, em sua diferença em relação à ótica patriarcal, newtoniano-cartesiana, que é cega para uma visão do mundo complexo-compreensiva como base para uma forma de conhecimento mais abrangente e fértil. Teoria coesa e coerente, que ajuda na compreensão de como lidar com os diferentes elementos da vida, no âmbito da subjetividade inclusive.

Iluminação teórica para o estudo do jornalismo que esta pesquisa se propõe a pensar, o pensamento complexo-compreensivo se volta contra um modelo de pensamento que utiliza caixas fechadas, compartimentadas, onde de um lado está o racional e, bem mais adiante, o não-racional, a ciência em oposição à ternura, o dualismo do bem e o mal, a narrativa e as respostas provenientes da pirâmide invertida e do *lead*, a arte em oposição à ciência. A epistemologia complexo-compreensiva propõe uma maneira aberta de narrar os acontecimentos pautados pelo JC, levando ao jornalista uma visão que agrega diversos elementos e domínios, a fim de tornar a produção jornalística mais aberta e menos opinativa, transformando a reportagem de um espetáculo de dança não só em uma manifestação artística que mereça estar ocupando a agenda cultural, mas incentivando os jornalistas a fazer uma investigação fértil sobre o tema.

Essa atitude provocaria no leitor uma nova experiência de observação da arte como forma de conhecimento do mundo, resgatando assim a natureza do trabalho artístico, absorvendo seus sentidos, fazendo crescer um processo abundante de

pensamentos e o reconhecimento das interdependências das linguagens, como essencial para um olhar não mutilador. Capra nomeou essa relação de interdependência como *Teia da Vida*, que significa interconexões de saberes, linguagens e manifestações, como uma teia, em que nada é posto de lado, onde as diferenças se reconfiguram o que transforma e reforma o pensamento produzindo narrativas complexas e compreensivas.

Dessa forma, entende-se que a epistemologia complexo-compreensiva é a que melhor responde às preocupações desta análise e, também, a que mais se ajusta ao cenário do JC. Com efeito, é de maneira complexa, e não reducionista, que a arte deveria ser compreendida, no diálogo com as múltiplas e diferentes formas de conhecimento e de experiência do mundo. Um *fazer* jornalístico mais arejado só encontra espaço quando existe abertura e capacidade de diálogo com novas e diferentes propostas do saber.

Morin (1984) acredita que o século XXI deverá abandonar a visão unilateral que define o ser humano pela racionalidade, pela técnica, pelas atividades utilitárias, pelas necessidades obrigatórias. O ser humano é complexo e traz em si o *sapiens* e *demens*, isto é, o sábio e louco, *faber* e *ludens* (trabalhador e lúdico), *empiricus* e *imaginarius* (empírico e imaginário), *economicus* e *consumans* (econômico e consumista), *prosaicus* e *poeticus* (prosaico e poético). Morin apega-se no ensino da compreensão entre as pessoas como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade, em que o verbo compreender tem o significado de apreender em conjunto, *comprehendere*, abraçar junto.

O que deve comunicar são as estruturas do pensamento, e não apenas a informação. O que é necessário é compreender o modo de estruturação dos outros tipos de pensamentos diferentes do nosso, e isto não é só de cultura para cultura, mas também no interior de uma mesma civilização (Morin, 1984:32).

Kunsch (2008:173) chama a atenção para a necessidade de se “compreender a compreensão em sua dupla relação com o conhecimento e com os sujeitos humanos, a natureza e o mundo”. Uma proposta de se pensar e praticar a comunicação, um refúgio possível frente ao paradigma cientificista, da dominação; uma abertura para o racional e o não-racional; a possibilidade de olhar a arte como forma de conhecimento do mundo. Para ele, “a compreensão reforça os sentidos dialógicos, de não-arrogância e de não-violência, inscritos numa epistemologia que não se contenta em se dizer e praticar

complexa, quer ser também intelectual e humanamente compreensiva” (Kunsch, 2004:9).

Neste sentido, o pensamento sobre a compreensão de Kunsch complementa o modo como Medina observa o jornalismo. A pesquisadora elege duas maneiras distintas de se pensar o jornalismo, como signo da difusão ou como signo da relação, noções que a pesquisa aprofundará mais adiante. O primeiro é entendido como uma maneira de divulgar, de construir uma ponte entre os fatos, principalmente entre o fazer científico e o público. O jornalista ocupa então um papel de tradutor de conteúdos científicos. O segundo implica “uma crise da degenerescência do signo da divulgação”, isto é, a mudança da relação “sujeito-objeto para sujeito-sujeito”, o que corresponde a um pensamento democrático na produção jornalística. Medina (2006) propõe a reciclagem da relação causa e efeito, da maneira tradicional de se pensar a produção jornalística, fincada na idéia de que sempre existe um fator único para os acontecimentos. O jornalista, em geral, sente dificuldade de perceber que os acontecimentos merecem ser vistos em suas múltiplas causalidades, em sua complexidade.

A editoria de cultura, estando inserida num universo com uma herança de abordagens reducionistas, tem sua produção aprisionada pelo agendamento e realizada sob a ótica tradicional do *fazer* jornalístico, de caráter fundamentalmente difusionista, além de simplificador. Atesta-se a necessidade de uma epistemologia complexo-compreensiva, tendo em conta que:

Compreender, de *comprehendere*, evoca originalmente a idéia de abranger, de juntar e abraçar. É compreensivo, nessa linha, um pensamento não reducionista e não estrangeiro ao texto e contexto, ao território e aos seus acidentes geográficos. Um pensamento mais afeto ao geral que à parcelização. Fazendo dialogar o uno e o múltiplo, as partes e o todo, o singular e o plural, um pensamento compreensivo está, assim, próximo a quanto propõe a epistemologia da complexidade, antes esboçada. É compreensivo e, também por isso, compreensível, uma vez que o pensamento mutilante é, também ao mesmo tempo, mutilador das virtualidades de entendimento e de compreensão (Kunsch, 2004:9).

Ou seja, um *fazer* jornalístico mais arejado só é possível quando sabe unir as novas propostas complexas e compreensivas em suas reflexões, considerando que:

Complexus significa o que foi tecido junto; de fato, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo – como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico. (...) A complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade (Morin, 2000:38).

A experiência de Medina com as oficinas pedagógicas⁵ que ministra na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) alia-se a esta pesquisa, pois a pesquisadora trabalha com noções relacionadas à plurimetodologia. Essa noção abarca o exercício de diálogo entre várias disciplinas, diversas maneiras de entendimento do mundo de maneira não hierárquica, que tem como preocupação de superar a crise dos paradigmas. A plurimetodologia, unida ao pensamento plural contraria a produção do modelo cientificista e a hierarquização dos saberes humanos: “... os especialistas precisam reencontrar os elos perdidos entre eles e as múltiplas sabedorias para, juntos, darem outras respostas aos impasses históricos” (Medina, 2006:12)

Para Medina, o jornalismo produzido na atualidade sofre de atrofia estética, técnica e ética e, em geral, as produções jornalísticas não conseguem responder às demandas coletivas. Isso porque o jornalista frio e objetivo não percebe diante dos acontecimentos a compreensão necessária que a realidade fragmentada e caótica lhe propõe narrar.

É certo que esse modelo está atrelado ao pensamento difundido no Ocidente, uma herança iluminista, e Medina, ao explicar essa herança positivista e ao propor o que chama de diálogo dos afetos, indica o positivismo como uma influência na produção jornalística, que diluiu na sociedade uma racionalidade esquemática, que se satisfaz com a idéia do mecanicismo no cotidiano e que anula qualquer possibilidade de uma postura criativa.

O caminho de uma prática jornalística que escape do signo da difusão para a arte da relação é, para a autora, o movimento capaz de transformar a realidade jornalística. O comunicador que se distancia da obrigação da técnica e do controle das informações é desafiado, assim, a se aproximar de uma postura humanizada e, conseqüentemente, dedicar-se à prática da dialogia, o que significa abandonar o “consagrado” sistema linear de emissor-receptor, criando “elos na negociação simbólica”.

Ao agente de cultura chamado jornalista cabe produzir narrativas atravessadas por contradições, embates de visões de mundo, incertezas, interrogações. Essa atitude é incompatível, por exemplo, com a arrogância de certos jornalistas,

⁵ Medina trabalha com questões que considera essencial para o jornalismo contemporâneo: profissionais capazes de criar e desenvolver mediações dialógicas, ou seja, fazer o jornalismo ser pensado como uma relação democrática e enfrentar o desafio do direito social à informação, o que para a Medina significa construir uma narrativa do cotidiano sensível e ao mesmo tempo consistente e plural.

tanto manifesta em notícias curtas quanto em grandes reportagens ou comentários críticos. Nas páginas de artes, reflexões científicas ou filosóficas em que se expressa o chamado “jornalismo cultural”, verifica-se, seguidamente, a presença de textos que não lançam interrogações sobre a produção artística. No cotidiano da cobertura jornalística, sejam notícias, reportagens de maior fôlego ou resenhas críticas, aplicam-se ao artista e à obra de arte, juízos de valor e preconceitos (quase sempre destrutivos). Os sentidos que atravessam essas freqüentes avaliações se revelam impermeáveis, por exemplo, à ambigüidade poética da arte (Medina, 2006:82).

Medina explica que “são necessários engenho e arte para fazer circular significados rigorosos e confiáveis, colhidos por mediadores-autores em que a competência racional e a sensibilidade ética andam juntas” (Medina, 2006:95). Avista-se outra forma de observar o mundo, com a esperança de que é possível enxergar o repórter como um “artesão criativo do diálogo”, capaz de transformar o saber cotidiano (Medina, 2006:15). Artesão que tem a responsabilidade de criar sentidos perante os acontecimentos da realidade que visita: fugindo de valores individualizados e inspirando-se na capacidade de mediar os múltiplos sentidos das coisas (polissemia), assim como as múltiplas vozes (polifonia) que expressam o *conflito das versões* (Medina, 2005:23).

Por meio da importância dada à “arte de tecer o presente”, Medina valoriza a experiência de educadora na coordenação de um projeto que pretende reciclar a formação técnica do jornalista e incentivar a ressensibilização do ato de informar. Segundo a autora, “trata-se de humanizar as fórmulas que constituem as técnicas da inércia profissional, na vitalidade do cotidiano anônimo” (Medina, 2003:35).

O esforço da autora faz com que seja possível visualizar sinais de pontos luminosos no horizonte das narrativas jornalísticas contemporâneas. O pano de fundo para os estudos de Medina sobre o jornalismo contemporâneo é a compreensão, a capacidade de encontrar sentido nos fragmentos dos acontecimentos cotidianos, convertendo-os em informação de forma a produzir conhecimento complexo e compreensivo, e não mutilador.

Na mesma direção, Kunsch insiste na necessidade de uma postura compreensiva⁶ como base para a construção de narrativas igualmente compreensivas, tendo em conta a complexidade da sociedade, do mundo, da vida. Atitude que demanda ternura, como lembra Luis Restrepo (1998), e generosidade para um entendimento e

⁶ Exercício este estimulado no grupo de pesquisa *Comunicação, jornalismo e epistemologia da compreensão*, do Programa de Mestrado da Faculdade Cásper Líbero, do qual esta pesquisadora faz parte.

diálogo entre as diversas disciplinas e modos de olhar o mundo. Isso significa não desconsiderar a trajetória histórica de cada um, e sim uma visão suficientemente desobediente, capaz de desatar o nó da passividade construída sob a sombra do modelo cartesiano.

Voltemos nosso olhar para esses momentos silenciados onde, à sombra, se garante a ternura, mas onde também, sem que o registrem os noticiários de TV ou os jornais e revistas de grande tiragem, é diariamente anulada. Perguntemos pelos espaços onde abundam as violências sem sangue, aquelas que não provocam contusões no corpo que possam ser detectadas pelos legistas, mas que nem por isso deixam de provocar sofrimento e morte. Abramo-nos a uma análise da cultura e da interpessoalidade onde a política possa ser pensada a partir da intimidade, âmbito oculto ao olhar bisbilhoteiro que mostra a realidade a partir de um ângulo perceptivo e comunicativo onde o *thymós* ou afetividade adquire uma importância tão grande ou maior do que aquela que atribuímos ao *nous* ou intelecto. Inversão que supõe passar da vista como sentido ordenador da realidade ao tato como analisador privilegiado da proximidade (Restrepo, 1998:11).

Estar disponível a essa mudança de postura é entender que o mesmo incômodo que a postura afetiva causa ao ambiente científico também é percebido no cenário jornalístico. Isso porque “tanto as gramáticas científicas quanto as gramáticas jornalísticas se constituem, no final do século XIX, fundamentadas na mesma visão de mundo e, por isso, também os conceitos operacionais e as técnicas de trabalho se conjugam”. Conseqüentemente, o afeto é expelido do universo do cientista; o que é facilmente comparado com o temor do jornalista de se locomover “no terreno pantanoso das intersubjetividades do mundo cotidiano” (Medina, 2006:10).

Essa alergia ao diálogo dos afetos constitui o dilema do analfabetismo emocional contemporâneo, grito do psicanalista colombiano [Luis Carlos Restrepo]: “Cada vez mais estamos dispostos a reconhecer que o tipicamente humano, o genuinamente formativo, não é a operação fria da inteligência binária, pois as máquinas sabem dizer melhor que dois mais dois são quatro. O que nos caracteriza e diferencia da inteligência artificial é a capacidade de nos emocionarmos, de reconstruir o mundo e o conhecimento a partir dos laços afetivos que nos perturbam” (Medina, 2003:60).

Além disso, Medina nos convida a olhar a “massa” a partir de novas perspectivas, pois já que a “massa” está em transformação, é errôneo pensar na existência de um diagnóstico fechado para tudo. Contaminado por essa ideologia, ou visão de mundo, o jornalista tende a elaborar o trabalho jornalístico também de maneira

fechada, reducionista, como se a vida assim o fosse. No fundo, as idéias de complexidade, compreensão e comunicação se complementam:

O problema da complexidade tornou-se uma exigência social e política vital no nosso século: damos-nos conta de que o pensamento mutilante, isto é, o pensamento que se engana, não porque não tem informação suficiente, mas porque não é capaz de ordenar as informações e os saberes, é um pensamento que conduz a acções mutilantes (Morin, 1996:14).

Para o filósofo René Descartes, na prática da ciência deve-se duvidar de cada idéia que possa ser questionada. Diferente dos antigos filósofos gregos, que acreditavam que as coisas existem simplesmente porque assim deve ser, o filósofo estabeleceu que só possui existência aquilo que pode ser provado. Ele fundamenta a prova da própria existência no pensamento: “Penso logo existo” (*Cogito, ergo sum*).

Restrepo (1998), como crítico desse modo de pensar, convida a uma imersão no pensamento complexo-compreensivo, tendo como ponto de partida uma tentativa de articulação dialógica entre o público e o privado. Para Kunsch, Restrepo assume uma postura de rebeldia epistemológica, social e política, colocando a ternura como um elemento fundamental para a vida e contrária a éticas impositivas, ou seja, distanciada do pensamento reducionista.

Restrepo ao tematizar a ternura, aciona uma reflexão sobre a trajetória do público e privado, que não é somente uma discussão rasa em torno do gênero e das problemáticas da educação ocidental, e, sim, um desafio a encontrar nas entrelinhas elementos de reflexão sobre as narrativas do cotidiano e também um movimento de transformação da dureza do discurso científico. Ao contrário de excluir, Restrepo propõe adicionar, agregar diversos saberes para a construção de um pensamento não-reducionista.

A distância entre a violência e a ternura, tanto em seu matiz tátil como em suas modalidades cognitivas e discursivas, tem sua raiz na disposição do ser terno para aceitar o diferente, para aprender dele e respeitar seu caráter singular sem querer dominá-lo a partir da lógica homogênea de guerra. Podemos falar de uma ternura política, de ternura na pesquisa e de ternura na academia, se em cada um desses campos estivermos abertos a uma lógica da imanência, como sujeitos em fuga que deslizam sobre espaços topológicos onde o jogo de forças, de atrações e repulsões, aparece como matéria-prima da conceitualização. Podemos falar de ternura se nos aceitarmos como sujeitos fraturados, para os quais a única modalidade de relação válida é a co-gestão. Sujeitos jogadores, abertos ao intercambio gratuito com a ignorância e o acaso que, ao reconhecer a necessidade que têm da seiva

afetiva, se mostram dispostos a apostar todo o seu saber por degustar o terno calor dos instantes (Restrepo, 1998:53-54).

No mundo ocidental, em que reina soberana a razão, há a necessidade de se resgatar a afetividade. Afinal, a capacidade de emocionar-nos é o que temos de mais humano. Além de estar presente nas relações interpessoais, o componente afetivo é fundamental na constituição do pensamento e da cognição.

Herdeira da tradição audiovisual, a escola ocidental não apenas privilegia a visão e a audição, mas considera ameaçadores o tato e o olfato. Isso limita a forma como podemos conhecer o mundo. Por isso, para Restrepo, é indispensável a abertura à singularidade e aos componentes passionais do conhecimento para a construção de um sujeito crítico. “Muito mais do que uma atribuição de gênero, a ternura é um paradigma da convivência que deve ser adquirido no terreno do amoroso, do produtivo e do político, arrebatando, palmo a palmo, territórios em que dominam há séculos os valores da vingança, da sujeição e da conquista”, lembra Restrepo (1998:13).

Esse endurecimento das emoções ocorre principalmente em decorrência da educação que tivemos desde a infância. Restrepo nos lembra que somos preparados para a independência, tais como verdadeiros herdeiros de Alexandre, cujo pai, Felipe, rei da Macedônia, o educou para conquistar o mundo. Para se tornar um grande guerreiro, ele teve de passar pelas maiores intempéries: ficar dias inteiros sob sol e chuva, sem que ninguém pudesse ajudá-lo ou levar-lhe alimento. O aprendizado foi eficaz: endureceu e forjou uma couraça de proteção contra os inimigos. Tornou-se o maior imperador do mundo, conquistador da Grécia, Ásia e Egito, mas morreu aos 33 anos, fulminado pela sua grandeza (Restrepo, 1998:22).

Restrepo recorre ao universo escolar para refletir sobre a tradição audiovisual que tanto acorrenta quando exclui o tato e o olfato. “Olhar e não tocar chama-se respeitar” (1998: 32) é o lema proposto. Nega-se assim a possibilidade de fomentar uma proximidade afetiva, perpetuando-se um distanciamento, o que reforça o poder do mestre.

Os sentimentos não podem continuar confinados ao terreno do inefável, do inexprimível, enquanto a razão ostenta uma certa assepsia emocional, apatia que a coloca acima das realidades mundanas. A separação entre razão e emoção é produto do torpor e do analfabetismo afetivo a que nos levaram um império burocrático e generalizador que desconhece por completo a dinâmica dos processos singulares (Restrepo, 1998:37).

Mesmo no campo da ciência e da filosofia, em que a razão impera, verifica-se que um “cientista isolado é inteiramente impensável”. Não se pode mais opor simplesmente razão e emoção em um positivismo típico do século XIX. Se o cientista quiser ir além do seu território, deve reconhecer onde termina a sua competência e começa uma linguagem e atores que são desconhecidos. Nenhuma ciência pode preencher os vazios provocados pela falta de ideologia e de religião. É necessário se abrir à sabedoria cotidiana, considerando que o conhecimento sensorial e sentimental são complementares. É preciso “sentir de verdade”⁷.

A moeda da ciência não é a verdade: é a dúvida. Os avanços da ciência não nos impedem o devaneio nem nos desumanizam. Ao contrário. Continuamos livres para sentir aquela rara sensação de felicidade inexplicável que se torna física, que nos modifica o modo de estar em alguns instantes preciosos de nossas vidas, mesmo fugazmente (Katz, 2004:257).

O pensamento complexo conduz ao pensamento inovador, que chama a epistemologia complexo-compreensiva para a produção de narrativas plurais. Desta maneira, a prática jornalística estará apta a responder às complexidades que a modernidade apresenta, pois nem só de conhecimentos específicos um repórter escreve uma reportagem compreensiva. As teorias e práticas da comunicação não respondem a todas as perguntas para que uma narrativa se caracterize como compreensiva. Ao contrário de excluir, Restrepo nos propõe adicionar, agregar diversos saberes para a construção de um pensamento que põe de lado o reducionismo.

A fuga dos padrões consagrados de obtenção do conhecimento pede passagem, como já repetido inúmeras vezes nesta pesquisa, e vale ressaltar a proposta de uma observação complexo-compreensiva de Kunsch no pensamento jornalístico que está acostumado a dar destaque às fontes consagradas do poder e dos saberes “de terno e gravata”, onde inexistente espaço para ações humanas anônimas:

A noção de complexidade está longe de constituir uma receita para todos os pequenos e grandes males da crise de paradigmas do pensamento contemporâneo, jogando na lata de lixo da história tudo quanto se disse e se fez até hoje no campo do conhecimento. O que ela traduz é a necessidade imperiosa de juntar e tecer o que foi separado, de fazer dialogar o ontem e o hoje das sempre angustiantes, às vezes trágicas, buscas humanas de compreensão e convívio com o mundo, de renunciar à arrogância intelectual para experimentar o diálogo, de não pôr nunca um ponto final nas questões (Kunsch, 2004:55).

⁷ “Sentir de verdade” é o título de um capítulo da obra de Restrepo *O direito a ternura* (1998).

No próximo capítulo, a análise do processo de produção dos três cadernos culturais dos jornais *Folha de S.Paulo*, *Diário de Pernambuco* e *Zero Hora* se dá a partir da iluminação da epistemologia complexo-compreensiva e da crítica ao pensamento que enxerga na racionalização a fórmula para produção do JC. As diversas vozes que são observadas contribuem para propor novos caminhos compreensivos e ternos. Caminhos onde narrativas jornalísticas abrem os braços para a complexidade dos acontecimentos artísticos.

CAPÍTULO 2

MODOS DE VER A CULTURA

2.1. O jornalismo cultural nos cadernos *Ilustrada*, *Segundo Caderno* e *Caderno Viver*

Uma breve história dos três jornais é feita considerando que o foco são as informações voltadas para a editoria de cultura desses impressos. Esta pesquisadora trabalhou com o material de amostragem dos três cadernos escolhidos da seguinte maneira: para o primeiro momento da análise utiliza algumas matérias exemplares dos referidos cadernos, e para o momento seguinte analisa as matérias da seção de dança contemporânea. Vale lembrar que nos dois momentos trabalha-se com o mesmo material. No segundo momento, no entanto, como já adiantado, a preocupação é desenvolver uma análise em profundidade das matérias de dança contemporânea.

Folha de São Paulo

O jornal que hoje leva o nome de *Folha de S.Paulo* foi fundado em 19 de fevereiro de 1921, com o nome original de *Folha da Noite* por Olival Costa e Pedro Cunha. Na década de 60 foi comprado pelo empresário Octavio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho, tendo seu nome alterado para *Folha de S.Paulo*.

O jornal noticiou polemicamente alguns fatos como apoio ao Golpe de 1964 e à Ditadura militar implantada no Brasil que começa com o governo do Presidente General Castelo Branco (1964-1967), passando pelos governos dos Generais Costa e Silva (1967-1969), Médici (1969-1974), Geisel (1974-1979) e vai até o governo do Presidente General João Batista Figueiredo (1979-1985), ao contrário de seu concorrente *O Estado de S. Paulo*, que passou por fortes intervenções e censura no período.

Preocupados inicialmente com a reestruturação econômica, tecnológica e comercial do diário, só a partir dos inícios dos anos 70 a nova diretoria definiria uma linha de atuação, visando pressionar no sentido da “distensão” e “abertura” do regime militar lançando-se a seguir em campanha aberta pela Assembléia

Nacional Constituinte e pelas eleições diretas em todos os níveis (Sevcenko *apud* Primeira Página, 2000:9).

Um dos aspectos mais marcantes da história da *Folha de S. Paulo*, ainda segundo Sevcenko, é “de que se trata de um jornal em constante reformulação. E isso em todos os aspectos, desde as mudanças sucessivas na direção da empresa até a linha editorial, os recursos tecnológicos, os tipógrafos, os critérios jornalísticos e a feição de conjunto do jornal”. (Sevcenko *apud* Primeira Página, 2000:9).

O ano de 1974, segundo Silva⁸, foi marcado pela abertura de espaço para intelectuais de oposição ao governo que tinham passado uma década afastados dos meios de comunicação. Classificada como “jornal das Diretas” como explica Silva, a *Folha* alcançaria o maior nível de popularidade de sua história:

A partir de então, a *Folha* passou a ser identificada como um jornal de resistência ao regime autoritário e uma espécie de “porta-voz” da chamada “sociedade civil”. A direção da empresa teve sensibilidade de perceber que o país mudava e apostou num ramo que, o futuro comprovaria, era o que a maior parte dos brasileiros desejava seguir. A consagração desse processo de convergências de opiniões entre a sociedade e a *Folha* se deu em abril de 1984, com a campanha das Diretas-já (Silva, 2005:54).

Na década de 1980, a *Folha* também foi pioneira no Brasil na instalação de computadores, na informatização da redação e na adoção de infográficos e quadros explicativos, contextualizando e destacando as principais notícias. No final da década de 1990, o jornal criou a figura do *ombudsman*, um profissional contratado com a função de receber críticas, sugestões, reclamações dos leitores de maneira imparcial.

No início da década de 1990, a *Folha* começou a investir na criação de novos produtos e suplementos dentro do jornal, como a *Revista da Folha*, o caderno *Folhateen* e a *TV Folha*. Tendo como aliada uma grande campanha publicitária, em que o próprio diretor de redação Matinas Suzuki Jr aparecia na TV anunciando as novidades do jornal, a *Folha* passou a liderar as vendas em São Paulo, superando *O Estado de S. Paulo*.

O caderno de cultura, a *Folha Ilustrada*, foi criado em 1958 como uma forma de não deixar as mulheres de “mãos abanando, sem nada pra ler” (Gonçalves, 2008: 20), na explicação de José Nabantino Ramos, na época o proprietário da *Folha*. Tachada de machista por muitos, a iniciativa de criação do caderno pode também ser entendida

⁸ Carlos Eduardo Lins da Silva, jornalista, pesquisador. Trabalhou no *Diário da Noite* e o *Diário de São Paulo*. Atualmente, é o *ombudsman* da *Folha*.

como um processo de modernização da imprensa e da sociedade como um todo, num tempo em que a sociedade estava começando a voltar seus olhos para as mulheres como leitoras e consumidoras. A *Folha Ilustrada* não era nem um pouco próxima do que se conhece hoje, pois não se caracterizava nem como um caderno com temáticas estritamente femininas e nem um caderno de cultura, e sim um caderno de “variedades”, que continha “de cesarianas às fofocas do cinema hollywoodiano” (Gonçalves, 2008: 20).

Quando chegamos à *Folha*, em 1964, a *Ilustrada* era um caderno de variedades ou um caderno de leitura, como se dizia na época. Procurava escapar dos assuntos importantes do dia-a-dia e abrir janela para outros horizontes. Mas aos poucos as revistas passaram a explorar esses assuntos e esse campo de leitura foi ficando impreciso demais. Além disso, a *Ilustrada* vivia de um material importado, de agências americanas e européias, que não tinham nada a ver com a realidade brasileira. E era preciso cobrir o que estava acontecendo de fato no país, numa época de grande efervescência cultural como foi a década de 60. Com o passar dos anos, a *Ilustrada* evoluiu de uma forma espetacular, tornou-se moderna, tornou vanguardista, tornou-se um agente de fertilização cultural. Em certos aspectos, chegou a ser melhor que o primeiro caderno. Foi pela *Ilustrada* que o Claudio Abramo começou a explorar territórios novos. E nisso ele levou uma vantagem estratégica sobre o Estadão, que só tinha cadernos muito recheados de coisas, não tinha espaço para abrir (Gambirasio, *apud* Gonçalves, 2008:34-35).

No que diz respeito à identidade visual do caderno, até os anos 1980 o logotipo da *Ilustrada* não ocupava um espaço fixo. Só em 1988 voltou a fixar-se embaixo de “caixas” – as chamadas para outros assuntos do caderno. Foi em 1996 que a *designer* Eliane Stephan assume a “reforma”, e depois em 2000, com Vincenzo Scarpellini, e em 2006, pelas mãos de Mario García e Massimo Gentile, editor de arte da *Folha*, o jornal foi repaginado.

A redação da *Ilustrada* conta com uma equipe de 20 profissionais (dados de 2008). São eles Mario Gioia, Sérgio Rizzo (crítico de cinema), Inácio Araujo, Naief Haddad (editor-adjunto), Marcos Augusto Gonçalves (editor), Leonardo Cruz (editor-assistente) Sylvia Colombo, Laura Mattos, Daniel Castro, Silas Martí, Bruna Bittencourt, Thiago Ney, Tereza Novaes, Lúcia Valentin, Janaina Fidalgo, Raquel Cozer, Cristina Luckner, Cristina Fibe, Fabio Cypriano e Silvana Arantes (Gonçalvez, 2008: 367).

Em termos da produção jornalística da *Ilustrada*, o diretor de redação, Otavio Frias Filho, aponta algumas mudanças que considera importantes na linha das características atuais da sociedade e de acordo também com o perfil dos leitores:

O jornalismo militante, engajado em determinadas causas e concepções, perdeu vigor, e foi em parte substituído por um jornalismo mais pluralista, menos dogmático e, acho eu, mais investigativo e independente dos governos em geral. Os veículos e jornais ficaram mais parecidos e talvez mais “bem comportados” no tom. A crítica cultural em profundidade ficou reduzida a algumas ilhas (Frias *apud* Gonçalves, 2008:350-351).

Identifica-se no discurso de Frias uma tendência ao difusionismo, num distanciamento em relação ao pensamento de Medina e seu entendimento de que haveria ganhos para a sociedade se os jornalistas observassem o mundo e a coletividade com mais sensibilidade e não em sua mesmice.

Creio que a imprensa se tornou mais profissional, que ela cuida mais de uma agenda que interessa à maioria dos leitores. E menos da agenda “*Cult*” que sensibiliza os próprios jornalistas e as pessoas de seu meio. O público leitor também cresceu, dos anos 89 pra cá, (...), a competição entre os veículos aumentou muito (até pelo advento das “novas mídias”), e a imprensa teve, portanto, de adotar uma política mais realista de atendimento à maioria. (...) O jornalismo cultural teve de se dedicar a muito mais temas e assuntos, dedicando provavelmente por isso menos espaço para cada um deles. Surgiu uma multidão de guetos culturais sem um esperanto que propicie a comunicação entre eles. (...) O jornalismo, em minha opinião ficou mais profissional. Os textos são mais concisos e sua qualidade é mais uniforme. Perdeu-se em originalidade e idiosincrasia, ganhou-se em exatidão e sobriedade de estilo (Frias *apud* Gonçalves, 2008:350-351).

As questões que envolvem o signo da relação estão longe de fazer parte do cotidiano do caderno de cultura. A prática fragmentalista, destituída de observações mais abrangentes e profundas, é a conduta que Frias elege como a mais adequada, num espaço por onde transita uma infinidade de assuntos e que acaba se tornando, no dizer de Kunsch, um lugar de “incomunicação”.

O jornalismo com alma, tema do estudo de Lima⁹ sobre jornalismo literário aqui é proposto como um exercício de mudanças, tal como as propostas de Medina e Kunsch para a produção jornalística. Lima sugere algumas características próprias desse modo diferenciado de se fazer jornalismo, como saber contar uma história, humanizar as narrativas, cultivar estilo próprio e voz autoral, entre outras, de modo a se responder de forma ética às complexas demandas na sociedade:

⁹ Edvaldo Pereira Lima, autor de *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura* (2008).

Nenhuma história pode ser igual à outra. Nenhuma narrativa deve se limitar, em mesmice, à eventual falta de imaginação de outra. Mesmo quando milhões de olhos vêem a mesma cena, presenciam o mesmo fato. Ao contrário, na literatura da realidade, o desejável é o olhar único, singular, do autor. Pois a realidade é como um caleidoscópio, oferecendo combinações infinitas de cores. Cabe a cada escritor escolher o ângulo que lhe interessa mais, vislumbrar um portal criativo para contar sua história. (Lima, 2008:389).

Diário de Pernambuco

O *Diário de Pernambuco (DP)*¹⁰ nasceu em 7 de novembro de 1825, sendo hoje o jornal mais antigo em circulação na América Latina com 183 anos. Fundado pelo tipógrafo Antonino José de Miranda Falcão, da Tipografia de Miranda e Companhia, o DP era inicialmente publicado todos os dias, exceto aos domingos, e nele eram veiculados anúncios e serviços trazidos pela população.

As informações eram trazidas por passageiros de embarcações que aportavam no Recife, assim como as entradas e saídas do Porto. Por exemplo, a carta de Dom João VI nomeando imperador do Brasil seu filho Dom Pedro de Alcântara foi escrita em 15 de novembro daquele ano, tendo sido publicada na edição nº 43 de 31 de dezembro. O documento ainda confirmava a independência do país em relação a Portugal e estabelecia as leis regulamentando a propriedade de terras brasileiras.

No ano seguinte ao da fundação do DP, Antonino Falcão foi preso e absolvido por sua luta pela liberdade de imprensa. Falcão também foi responsável pela publicação de versos contra Dom Pedro I em um Pasquim de 1829, o que lhe rendeu outros 14 meses de prisão. Morreu em 1878, no Rio de Janeiro.

O *Diário* foi vendido em 1835 à Tipografia Pinheiro & Faria, assumido por Manoel Figueroa. A nova linha do jornal buscou seguir a mesma qualidade gráfica das publicações que circulavam na Corte, porém o jornal passou a contar com mais textos e informações divididos por títulos, além de contos literários. Em nove de abril de 1835, o resultado da votação em Pernambuco para a escolha do novo regente do Império ganhou as páginas do DP, com a disputa entre Antonio Francisco de Paula e Holanda Cavalcante e o Padre Diogo Antonio Feijó. A eleição em Recife e Olinda teve como escolhido Antonio Francisco. A família Figueiroa conduziu o DP por 65 anos.

¹⁰ As informações sobre a trajetória do jornal *Diário de Pernambuco* foram coletadas da seguinte maneira: se recorreu ao Centro de Documentação do jornal (CEDOC) em sua versão digital, além de entrevista com a jornalista Tatiana Meira que é repórter do caderno *Viver* desde 1998, responsável pela seção de dança do caderno. Formada pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em 1998. Entrevista concedida em 25 de maio de 2009. Ver anexos.

Em 1901, o DP passou a ser controlado pelo então vice-presidente da República Federativa do Brasil, o conselheiro Rosa e Silva. Na época os anúncios já estavam presentes no jornal que contava com quatro páginas dedicadas a propagandas de diversos gêneros, principalmente de remédios e produtos alimentícios.

O *Diário* ganhou novo formato sob a direção de Assis Chateaubriand. Chatô, como ficou conhecido, considerava o jornal “a praça forte da liberdade”. As notícias do mundo chegavam ao leitor do jornal com exclusividade através da *United Press*, da *Agence Press*, do *International News Service*, do *British News Service* e do *Chicago Daily News*.

Vale mencionar que grandes escritores da história literária do Brasil publicaram textos e contos nas páginas do DP, como Clarice Lispector, Tristão de Ataíde, José Lins do Rego e Franklin Távora. Entre os suplementos mais marcantes publicados pelo jornal está o relativo à II Guerra Mundial, quando saía às bancas semanalmente, opondo-se ao totalitarismo dos países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão).

O *Diário* ocupou sete edifícios ao longo de seus quase dois séculos de existência até chegar ao endereço atual, na Rua do Veiga, nº 600, no bairro de Santo Amaro. Dados disponíveis no site do Instituto Verificador de Circulação (IVC) referentes a junho de 2008 dão conta de que a tiragem é de aproximadamente 41.060 assinantes durante a semana, chegando aos sábados com 55.992 e aos domingos com 65.354. O caderno *Viver* é publicado diariamente com seis páginas, subindo para oito páginas quatro ou cinco vezes por ano.

Tatiana Meira, em entrevista já mencionada, explica que as editorias de cultura tentam preparar matérias especiais, que não fiquem limitadas às agendas semanais de eventos e espetáculos, estréias e shows. Não raro esbarram na falta de papel, na enorme quantidade de anúncios, nas deficiências estruturais. Como quando, por exemplo, a equipe fica menor, complicando a divisão das tarefas. Diz Meira:

Os computadores são obsoletos – só passamos a ter internet em todos os micros há 4 anos, quando nos mudamos para a redação nova, em Santo Amaro. Antes a sede do DP era no centro da cidade e a internet ficava restrita a um único micro por editoria (não havia nem o Word). Temos poucos fotógrafos, é difícil conseguir um carro para sair para a rua, de acordo com o horário. Na semana passada, esperei durante 1h e 30 min. para voltar da rua para a redação, por exemplo. O telefone lá é péssimo, principalmente para ligar para celular – fica dando eco, morro de vergonha dos entrevistados. Cheguei a comprar um chip de outra operadora com uma promoção de R\$ 10 gratuitos por dia e coloquei num aparelho antigo de meu companheiro, porque estava gastando muito com meu celular para fazer as entrevistas.

Avaliar o jornalismo cultural no Brasil, segundo Meira é uma tarefa arriscada. Ela acredita que o JC praticado no caderno *Viver* é sério. Diz que acompanha um pouco do que acontece no cenário cultural lendo a *Bravo*, a *Revista Continente* (editada no Recife), a *Ilustrada da Folha*, o *Estadão* e o *Correio Braziliense*, do qual o *Diário de Pernambuco* republica várias matérias.

Integram a equipe do jornal os seguintes profissionais: Ivana Moura, editora, e a editora-assistente, Kéthuly Góes. Os repórteres são André Dib, Júlio Cavani, Pollyanna Diniz e Michelle de Assumpção Tatiana Meira – que já trabalhou na edição em umas quatro fases diferentes. Na última vez que colaborou com a edição, editou o caderno durante um ano. A redação conta com a estagiária Lucélia Brito.

Meira explica que essa equipe produz textos para a *Revista de Domingo* (de gastronomia, comportamento, decoração), editada por Phelipe Rodrigues. Além dessa equipe existe o editor-júnior, Diogo Carvalho, que é da equipe de *Últimas* (Capa Dois), e também colabora no fechamento da coluna de televisão e nas matérias de gastronomia. Os colunistas do *Viver* são Paulo Coelho, às segundas-feiras; Luzilá Gonçalves com a coluna Letras às terças, sobre Literatura; Márcio Cotrim escreve “O berço da palavra”, nas quartas; e Xico Sá com a coluna “Modos de macho e modinhas de fêmea”, aos sábados.

Meira explica que, para as matérias especiais de domingo, é bem raro ter convidados escrevendo. Entretanto, ela indica que “acontece em matérias especiais, de domingo, ou cadernos especiais também, como os que fizemos sobre o frevo, Ariano Suassuna ou o cordelista Leandro Gomes de Barros”.

Zero Hora

O jornal *Zero Hora* (ZH) ¹¹ foi fundado em 4 de maio de 1964, em pleno Regime Militar, substituindo a *Última Hora* (jornal que havia sido fechado com a eclosão do Golpe Militar). Sua antiga sede localizava-se na Rua Sete de Setembro, no centro de Porto Alegre, em 1969 foi inaugurada a sede na avenida Ipiranga. O edifício da Sete de Setembro passou a ser a sede do ZH *Classificados* e do *Classidiário*. No ano seguinte, em 1970, o jornal começa a introduzir temas sobre lazer e variedades. Era o início do que constitui hoje o seu caderno de Cultura.

A partir de 1966, o ZH reforçou a colaboração com a *Rádio Gaúcha* e a *Televisão Gaúcha* para coberturas jornalísticas e promoções, o que permitiu atuação mais abrangente de todos os veículos da Rede Brasil Sul (RBS). Exemplo disso foi o envio, por *Zero Hora* e *Rádio Gaúcha*, do primeiro jornalista brasileiro ao *front* da Guerra do Vietnã, Flávio Alcaraz Gomes, em maio de 1967. O jornal investiu em modernos equipamentos e, em 1968, iniciou a construção do novo prédio e a montagem de um novo parque gráfico, em que se utilizava a composição a frio e a impressão *off-set* (a mais moderna tecnologia do setor no Estado naquela época).

O ano de 1972 marcou o abandono definitivo da linotipia em favor do sistema de composição, e a instalação de três computadores de fotocomposição, que permitiram padronizar a apresentação gráfica do jornal. Em 1975 o ZH tornou-se o jornal de maior venda avulsa do Sul do país.

Em setembro de 1997, inaugurou a ampliação de seu parque gráfico e foi implantada uma nova rotativa que permitiu em um primeiro momento que o corpo principal do jornal passasse a contar com 32 páginas coloridas. Hoje são 96 páginas coloridas.

A equipe do *Segundo Caderno* do *Zero Hora* é composta por Claudia Laitano, editora executiva, Ticiano Osório, sub-editor, Marcelo Peroni e Daniel Feix, repórteres e eventualmente editores, Gustavo Brigatti, Carlos André Moreira, Luis Bissigo, Gabriela Hass e Roger Lerina. Eduardo Veras, que concedeu entrevista para esta

¹¹ As informações recolhidas sobre o tablóide *Zero Hora* foram colhidas por meio de pesquisa eletrônica (ver endereços na Bibliografia), além de entrevista com jornalista Eduardo Veras e Gustavo Brigatti (por telefone). Entrevista concedida em 25 de maio de 2009 (Ver Anexos). Eduardo Veras é repórter do *Segundo Caderno* do *Zero Hora* desde 1993. Formado em jornalismo em 1989 pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tem mestrado em Artes Visuais, com ênfase em História da Arte, Teoria da Arte e Crítica de Arte, também pela UFRGS. Atualmente é doutorando no mesmo programa. Professor no curso de Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), em São Leopoldo, lecionando uma disciplina chamada Comunicação e Arte. Trabalha no *Zero Hora* desde 1993 na editoria de Cultura. Gustavo Brigatti é também repórter de Cultura do *Segundo Caderno* do *Zero Hora*.

pesquisa, não faz parte da equipe desde o final de janeiro de 2010. Além dos colunistas Antonio Augusto Fagundes, Cláudio Moreno, Diana Corso, Kledir Ramil, Luis Augusto Fischer e Ricardo Silvestren.

Observações

A história da *Folha de S.Paulo* carrega um vasto registro, sendo que o próprio jornal edita esporadicamente a *Primeira Página*, obra que, além de conter as primeiras páginas do jornal, traz depoimentos de profissionais do jornalismo e historiadores. Há também diversas obras de estudiosos do jornalismo, de profissionais que passaram pela redação do jornal e que posteriormente se debruçaram sobre a história desse jornal.

Trata-se de algo muito diferente do que acontece com o *Diário de Pernambuco* que, mesmo sendo o jornal mais antigo do Brasil, não possui sua história registrada em detalhes. Há um breve relato histórico no próprio site do jornal, como mencionado. A pesquisadora entrou em contato várias vezes com a Redação e não obteve informações precisas sobre o nascimento da editoria de Cultura do jornal.

O mesmo ocorreu, aliás, com a coleta de dados do *Zero Hora* e seu respectivo caderno de Cultura. Num e noutro caso, a pesquisadora teve que se contentar com o que pôde descobrir sobre a produção de cultura por esses jornais a partir do próprio material analisado.

2.2. Entre o Signo da Relação e o Signo da Difusão

A noção da mudança do chamado signo da difusão para o signo da relação, de Medina (2006), mencionada no capítulo anterior, traz a reflexão sobre o modo de abordagem do JC nos impressos em estudo. Considera-se o jornalismo como uma narrativa dos acontecimentos atuais ainda atrelada ao pensamento de tipo cartesiano, gerando um modelo, para o qual Medina chama a atenção, preocupado numa “transferência dos conteúdos dos especialistas aos leigos” (Medina: 2006,13). Ou seja, uma maneira simples de divulgar o fazer científico para o público; um recurso de aproximação ao trabalho científico na mídia especializada e na grande imprensa, em que o jornalista ocupa o papel de tradutor de conteúdos científicos. A proposta de Medina para o jornalismo em geral é a transformação do signo de difusão para o signo da relação, sendo que este último implica “uma crise da degenerescência do signo da divulgação”, isto é, a mudança da relação de “sujeito-objeto para sujeito-sujeito”, onde o jornalista deixa de olhar os acontecimentos como um objeto distanciado e passa a interpretá-los de uma maneira interativa, compreensiva, o que se aproxima de um pensamento democrático na produção jornalística.

A proposta de Medina é uma reviravolta no pensamento fundado nas relações de causa e efeito, e diz respeito a uma forma de repensar a maneira tradicional da produção jornalística, que elege a idéia de que sempre existe um fator único para os acontecimentos. Ora, os acontecimentos merecem ser vistos em suas múltiplas causalidades, e o jornalista não deveria ignorar isso, mas sim estar muito atento a essa complexidade de fatores para produzir algo realmente criativo, distanciado de preconceitos, opiniões e clichês formados sobre determinado assunto. Contaminado por uma ideologia ou visão reducionista de mundo, o jornalista tende a elaborar o seu trabalho também de maneira fechada, reducionista, como se a vida fosse assim.

Quando se observa o fazer cotidiano do jornalista e a doutrina presente na formação universitária (que data também do fim do século XIX), verificam-se marcas epistemológicas herdadas do *Discurso sobre o espírito positivo*. Ou do espírito comtiano. Senão, vejamos: a noção de real e a relação objetiva com o real; a tendência para diagnosticar o acontecimento social no âmbito da invariabilidade das leis naturais; a ênfase na utilidade pública dos serviços informativos; o tom afirmativo perante os fatos jornalísticos; a busca obsessiva pela precisão dos dados como valor de mercado; a fuga das abstrações; a delimitação de fatos determinados. A moldura ideológica, fixada no jornalismo, está representada nas palavras-chave da bandeira brasileira – ordem e progresso. (Medina, 2008:24-25).

Todos os elementos mencionados acima por Medina estão no campo do signo da difusão, atrelado ao pensamento de explicação na prática jornalística, que está constantemente preocupado com números, objetividade, em muitos temas e em pouco entendimento real sobre eles. Um real reflexo do que o ensino acadêmico do jornalismo em geral propõe: objetividade e exatidão na elaboração de reportagens e matérias, o que se prolonga quando o jornalista chega às redações – rapidez é a ordem. Assim, a quantidade de matérias que se consegue fazer ao longo do dia torna-se um critério para avaliar o bom desempenho do jornalista, que freqüentemente entra nas redações ocupando o chamado posto de “repórter-coringa”, como Tatiana Meira explica em entrevista para esta pesquisa. Essa conduta é também elemento que vale a observação de Medina:

Sempre que o jornalista está diante do desafio de produzir notícia, reportagem e largas coberturas dos acontecimentos sociais, os princípios ou comandos mentais que conduzem a operação simbólica espelham a força da concepção de mundo positivista. Das ordens imediatas nas editoriais dos meios de comunicação social às disciplinas acadêmicas do Jornalismo, reproduzem-se em práticas profissionais os dogmas propostos por Auguste-Comte: a aposta na objetivação da informação, seu realismo positivo, a afirmação de dados concretos de determinado fenômeno, a precisão da linguagem. Se visitarmos os manuais de imprensa, livros didáticos da ortodoxia comunicacional, lá estarão fixados os cânones dessa filosofia, posteriormente reafirmados pela sociologia funcionalista (Medina, 2008:25).

Enquanto o signo da difusão corresponde às preocupações ligadas a definições, fazendo uso freqüentemente de procedimentos reducionistas, com respostas unilaterais, o chamado signo da relação ou signo da compreensão, como o nomeia Kunsch, está apto a trabalhar uma “relação articuladora” dos acontecimentos, passível de agregar os mais diversos elementos presentes da sociedade para criar uma narrativa que se pretende pluralista.

O olhar do jornalista se transforma de sujeito-objeto para sujeito-sujeito, ou seja, o processo de produção jornalística ganha nova configuração à medida que o jornalista passa a olhar seu trabalho, os acontecimentos e seus leitores não de maneira distanciada e, sim, como parte integrante daquele universo, onde há espaço para as transformações. Quando observa e trabalha com o pensamento que relaciona, que faz e cria relações, o jornalista abre um caminho para se posicionar como sujeito e olhar o mundo com “outros sujeitos” que dependem uns dos outros, que têm a necessidade de se relacionar e

se interconectar para a construção de narrativas que buscam ser complexas e compreensivas.

O despertar de uma outra atitude que emerge da degenerescência da fragmentação do conhecimento científico faz reafirmar a relação articuladora. A inter, a trans e a pós-disciplinaridade reforçam o diálogo entre os saberes científicos, mas também com o saber cotidiano, o saber local, o senso comum, o saber mítico, religioso e artístico (Medina, 2006:12).

Alguns procedimentos que favorecem a mudança do signo da difusão para o signo da relação estão fora dos padrões atrelados à racionalidade, portanto mantém-se dualista. Por exemplo, Meira, na entrevista já referida, explica que “depende muito da vontade do repórter em acompanhar determinado setor, sugerir pautas criativas, saber ‘vender seu peixe’ para quem está no comando, ‘cavar’ pautas exclusivas”.

Medina chama a atenção, também, para as condições e sob quais olhares os jornalistas se põem na hora de construir suas narrativas, e lembra que “são os repórteres e cientistas que vão a campo testar suas hipóteses, que descobrem tendências e comportamentos não fixados na gramática” (Medina, 2008:107).

Talvez os jornalistas, para se tornarem dignos de serem eles próprios autores-mediadores, tenham que percorrer os subterrâneos da sensibilidade coletiva. Como repórteres ressensibilizados por personagens da poética, renovam a competência para compreender os protagonistas da trama social contemporânea (Medina, 2006:87).

Para Meira “depende do jornalista ‘furar’ o bloqueio da ‘mesmice’, sair dos padrões com sugestões diferentes”. Esse “furar o bloqueio da mesmice” corresponde também à observação dos acontecimentos sob a ótica das subjetividades presentes e atuantes no cotidiano, que esperam ser percebidas pelo jornalista de uma forma mais ampla, sensível, tendo isso a ver com o modo como o jornalista se aproxima de sua “pauta”. Se for de maneira complexa e compreensiva, será observado e terá reflexos na narrativa o fato que “a sensibilidade mobilizada para o ato relacional passa, sem dúvida, pela aproximação tátil” (Medina, 2008:49).

Ou seja, ao se relacionar de forma não hierárquica, não preconceituosa e não distanciada dos acontecimentos, a ação terna de que fala Restrepo abre espaço para uma aproximação que leva a um registro jornalístico que considera a “polifonia” e a “polissemia” como fatores essenciais para a construção de narrativas aptas a

reconfigurar o modo de produzir narrativas jornalísticas inovadoras. “Aprofundamento se faz pela polifonia – múltiplas vozes – e pela polissemia – múltiplos significados – definição apropriada de ‘jornalismo de autor’” (Medina, 2006:85). Assim, obteríamos outra forma de observar os acontecimentos, pois, segundo Medina, mudaríamos da ciência que conforma para uma ciência que transforma:

No âmbito da complexidade, pouco há que fazer se a emoção solidária e a criação estética não estimularem uma razão luminosa no lugar da razão técnico-burocrática, movida pelo arsenal das gramáticas estratificadas. Ainda que afetuoso o gesto, este não resulta numa ação solidária se não for informado pelo repertório e pela disciplina racionais e pela pesquisa estética. E a poética só explode no ato da comunhão, como dizia Octavio Paz. Comunhão, a plenitude da comunicação. Ocorre na tríplice tessitura da ética, técnica e estética. Ao experimentar uma narrativa ao mesmo tempo complexa, afetuosa e poética, não se escapa dos problemas da crise de paradigmas reducionistas, da crise das percepções, da aridez emocional e da crise das fórmulas aplicadas às rotinas estéticas (Medina, 2006:69).

Tanto Medina quanto Kunsch defendem que a epistemologia complexo-compreensiva e o signo da relação como forma de registrar os acontecimentos do mundo não é a resposta definitiva ou uma espécie de receita capaz de resolver todos os problemas do registro reducionista, presentes não só no jornalismo. Esses impasses estão longe de respostas. Sendo assim, essas noções se configuram como tentativas e alternativas que podem, por meio do pluralismo, de mais perguntas do que respostas, pela união de elementos racionais e não-racionais, do poético, da polissemia e da polifonia, romper com a herança do modelo mecanicista do modelo científico:

Não basta optar intelectualmente pelo pensar complexo. As práticas do diálogo social – seja através de mediadores-autores da comunicação, seja em outras mediações com a ciência e a sociedade, educador e educando – resvalam, no cotidiano, para as reduções esquemáticas ou políticas (Medina, 2006:53).

Se a observação da forma como o JC é praticado for feita criticamente, pode-se identificar um conflito com a proposta da noção complexo-compreensiva, principalmente com o JC praticado nos impressos analisados sistematicamente nesta pesquisa e apresentado a seguir.

Ilustrada

As páginas diárias do caderno *Ilustrada* da *Folha de S.Paulo* são: coluna social, de Mônica Bergamo. Televisão, que diariamente é acompanhada de pequenas notas, além da programação da TV e ao lado, a seção filmes de Inacio Araújo, composta de pequena sinopse sobre os filmes da Rede Globo, SBT e Bandeirantes. A página conta ainda com a programação do dia da TV aberta e da TV fechada.

Na página seguinte encontra-se a coluna humorística de José Simão, acompanhada de Astrologia, Quadrinho, Sudoku e Cruzadas. O caderno, que, além da coluna diária de José Simão, conta com outra coluna diária, onde diariamente um colunista diferente escreve. Vale lembrar que embaixo dessas colunas existem pequenas notas. O jornal disponibiliza página inteira dedicada à Agenda Cultural/Cinema/Sinopses e Cinema/Endereço, essas páginas contém a agenda cultural que aumentam o número páginas quando os finais de semana e feriados se aproximam.

Considerando que as páginas e os espaços fixos já foram identificados, a análise das matérias se iniciará, utilizando dois exemplares de cada jornal escolhido.

O caderno *Ilustrada* do dia 12 de junho é composto por 16 páginas, sendo cinco delas dedicadas a anúncios. Embalado pelo Dia dos Namorados, na sua capa está: “Amor sem vergonha”, espetáculo humorístico de Marisa Orth e uma chamada: “Josimar Melo avalia cardápios e vinhos de motéis de SP”; e outra chamada: “Lei Rouanet: secretário de Cultura de SP suspeita de boicote do MINC”. Essas chamadas ocupam ¼ da página.

A matéria “Melvins e Hives tocam em novo festival” assinada por Thiago Ney (da reportagem local) noticia a turnê da banda no Orloff Live (supõe-se que é um festival de bandas, mas o texto não diz) e conta da trajetória da banda, menciona nomes de diversas bandas que Melvins e Hives influenciaram e inserem trechos de entrevista: “É bom saber que influenciemos todas essas bandas”, disse o guitarrista Buzz Osborne à *Folha*. “Acho que somos uma banda boa. Há muitas outras piores por aí...”

O repórter também descreve a trajetória de alguns integrantes da banda, com quem cada um já tocou, além de colocar no texto o nome de todos os álbuns da banda. Thiago Ney também é autor de outra matéria sobre rock na mesma página: “Escalação reúne três gerações de rock”, e dessa vez o texto se dedica a noticiar sobre a primeira edição do Orloff Five, mencionado na matéria de cima.

Na página seguinte, o colaborador da *Folha* Irineu Franco Perpetuo escreve: “Meneses volta a Beethoven em CD”, uma notícia sobre o lançamento de um CD duplo

chamado “Beethoven: obra integral para piano e violoncelo”, em que aproveita para relatar a trajetória do violoncelista, seus próximos trabalhos e sua agenda com a OSESP. Na mesma página Perpetuo assina a crítica: “Britânico anuncia morte da indústria fonográfica em livro” que é pautada pelo relato do que o leitor vai encontrar no livro:

Além do título provocativo, o livro traz a habitual mistura de fofocas sexuais, detalhes de bastidores, anedotas e informações interessantes que vêm sendo a marca de Lebrecht desde “When the Music Stops” (...), livro em que ele pela primeira vez chamou a atenção para as dificuldades enfrentadas pela música de concerto, depois da euforia gerada pelo “boom” da substituição dos LPs pelos CDs, no final dos anos 80. (Ilustrada, 12 de junho de 2008, pág. E4)

O crítico continua relatando os elementos de outras obras do autor e finaliza destacando que “especialmente saborosas são as listas que Lebrecht inclui ao fim da obra, com as melhores e piores gravações eruditas de todos os tempos”.

Na página seguinte, o texto de Raquel Cozer (da reportagem local), “Naná e Yamandú fazem ‘maracatu dos Andes’”, anuncia show que vai virar CD. A repórter conta um pouco da história dos músicos, relembra os momentos que os músicos já se encontram no palco e utiliza frases de Naná Vasconcelos para falar do repertório do show que será gravado. A notícia finaliza com o serviço: quando, onde e quanto.

“Quero ver se amadureço e paro de fazer piada” é o título da reportagem que Audrey Furlaneto escreveu sobre o espetáculo de Marisa Orth em cartaz “Romance-Volume 2”. O texto conta a vida da atriz, entrevista, descrição do espetáculo, além de usar os próprios trechos das falas do espetáculo de Orth para compor a reportagem.

Numa espécie de dossiê da atriz, na página se encontra um quadro explicativo, “Marisa Orth em toda parte. Veja os destaques da carreira da atriz”, que relata com fotos e datas os momentos mais importantes de sua vida, além de outro quadro com o repertório musical que Orth utiliza em seu show. Há também o anúncio do novo filme da atriz. A reportagem finaliza com quando, onde e quanto.

Silvana Arantes é a repórter que escreveu: “Sayad suspeita de boicote do MinC” uma reportagem sobre possíveis irregularidades no Ministério da Cultura. Arantes explica para que serve a Lei Rouanet e, na seqüência, publica trecho de entrevista feita com o secretário de Cultura do Estado de SP, João Sayad e utiliza as falas do ministro interino da Cultura, Juca Ferreira, publicadas na revista ‘*Carta Capital*’. A reportagem resume a uma infinidade de aspas de Sayad e Ferreira.

As duas próximas páginas do caderno foram destinadas à seção de comida. Com o título “Comer, comer”, o crítico da Folha, Josimar Melo, dá suas notas sobre o serviço dos principais motéis da cidade de São Paulo.

Na página seguinte, uma miscelânea de assuntos culinários continua e outra crítica de Josimar Melo aparece: “BeFresh não é brilhante, mas está longe da mediocridade de casas saudáveis”, um texto opinativo que relata as qualidades do restaurante. A coluna “Bom e Barato” é sobre o restaurante Bar da Dona Onça. O comentário do Jorge Carrara sobre vinho, “Goles europeus se destacam em encontro”, também se encontra na seção comida, além de uma série de notas chamada de “Tentações” com dicas de restaurantes e especialidades. A página gastronômica termina com a coluna de Nina Horta.

Fabio Cypriano é o autor da notícia sobre a mostra de desenhos espanhóis no Museu de Arte de São Paulo, intitulada “Exposição reavalia papel do desenho”. Ele conta sobre a coleção de desenhos que, antes de chegar ao Masp, circulou por dez cidades. Com um subtítulo “Erros e Acertos”, o repórter fala um pouco da visão do curador do Masp, Teixeira Coelho, sobre a exposição. O texto finaliza com a divulgação do encontro com o diretor do Instituto Fundação Mapfre, além do serviço quando, onde e quando.

A última página da edição do dia 12 de junho ficou a cargo de Contardo Calligaris, com a coluna “Como contar a nossa história?”, acompanhada de pequenas notas sobre literatura “Texto inédito sobre Harry Potter é leiloado”, música “Nestrovski faz aula-show com Ná Ozzetti e cinema “Ouro Preto homenageia Glauber e Sgarzela”.

O caderno *Ilustrada* do dia 14 de junho de 2008 contém 18 páginas, sendo que nove páginas são dedicadas aos anúncios. A capa traz o título: “Opiniões Fortes”, com foto do escritor acompanhado do texto: “Prêmio Nobel J.M. Coetzee lança ‘Diário de um Ano Ruim’, que reúne ensaios de conteúdo biográfico, e afirma à *Folha* que quis discutir a natureza e a autoridade de opiniões. Além de contar com mais três chamadas: “Ministro da Cultura de Portugal defende acordo ortográfico”, “Escritor colombiano mistura erudito e marginal” e “Prefeitura planeja instalar acervo de folclore no Ibirapuera”. Todas essas chamadas ocupam ½ página da capa, sendo que a outra ½ página é dedicada ao anúncio do setor imobiliário.

A matéria “SP planeja museu do folclore”, assinada por Fabio Cypriano, relata a criação do museu do folclore no parque do Ibirapuera. O texto é de caráter estritamente informativo. O repórter utilizou uma fonte oficial, o secretário municipal de Cultura,

Carlos Augusto Calil. A notícia não contém indicação de qual seria a seção, portanto, a pesquisadora a incluiu na seção Museu. Ao lado da notícia encontram-se duas notas da seção de artes plásticas: “Virgílio abre mostra de José Rufino” e “Luiz Hermano expõe obra na Pinacoteca”.

A notícia de Silas Martí “Luz dá forma à obra de Wyn Evans” e “Telas de jovens artistas chinesas expõem lado consumista do país” na mesma página, corresponde também a um jornalismo interessado em explicar o que o artista propõe com sua arte, fazendo uso de várias aspas para explicar ao leitor sobre as novas exposições na cidade.

A página se completa com uma crítica/teatro/ ‘Eu Quero Ver a Rainha’, de Sérgio Sálvia Coelho, crítico da *Folha*, e com uma notícia sobre o FIT (Festival Internacional de Rio Preto) intitulada “Festival destaca Koltès e Jodorowsky”. O primeiro assume um caráter didático de explicação sobre o espetáculo. O crítico indaga e explica o processo de criação da obra ao leitor, o que faz com que seu texto se construa caracterizado mais como um comentário e menos como uma crítica. O texto é finalizado com o serviço: quando, onde, quanto; e há também uma avaliação: ruim. Já a notícia sobre o FIT, de Lucas Neves (da reportagem local) esbarra nos mesmos moldes da informação chapada.

O ministro da Cultura de Portugal ganhou evidência pelas mãos de Eduardo Simões (da reportagem local) com a entrevista “Ministro português quer política comum para a língua”, que abordou em quatro perguntas a importância das alterações do acordo ortográfico. No rodapé da página, entre anúncios de shows e acessórios femininos, está a notícia “Com filmes de Roberto Santos, SP abre biblioteca voltada ao cinema”, de Silvana Arantes (da reportagem local), que faz um relato sobre o espaço da Biblioteca Municipal do Ipiranga, que na ocasião foi rebatizada com o nome de Roberto Santos.

A primeira página da *Ilustrada* abre com seção de livros, com o título “Com análises e relatos, obra traça panorama de imprensa”. O texto é indicado como Crítica/História da Imprensa. Oscar Pilagalio (especial para a *Folha*) inicia sua crítica anunciando as virtudes e vícios do livro e segue assim, relatando prós e contras, lacunas na obra, aponta falta de análise e anuncia que o livro “não oferece uma visão distinta para o período remoto desses dois séculos”. A última informação do texto é a avaliação: bom.

Outro texto ocupa a página também é anunciado como crítica, assinada por Marcos Strecker (da reportagem local), “Mesmo datado, livro não interessa apenas ao cinéfilo”, que mais se apresenta como um roteiro sobre o livro. Pilgalio segue o texto dizendo quais são as melhores entrevistas do livro, que o que “pesa” na obra é sua característica de datada e indica outros tantos títulos, entre os livros que estão disponíveis no Brasil e o que não estão. O texto finaliza como o serviço: autor, tradução, editora, quanto e avaliação: bom.

As três páginas que seqüenciam o caderno continuam na seção de livros, que entre uma crítica e outra, é permeada com a lista dos livros chamada “Mais Vendidos”, outra lista com lançamento chamada “Vitrine”, que é separada por ficção e não ficção.

Segundo Caderno

O *Segundo Caderno* do Jornal *Zero Hora* de Porto Alegre tem diariamente sete páginas fixas. São elas: coluna social “RS VIP” de Mariana Bertolucci, o Guia Hagah que traz notas dos acontecimentos da cidade, seguido de um quadro de eventos e agenda cultural da cidade. As duas páginas que se seguem é o Guia Hagah Televisão a programação da TV aberta e TV fechada, além dos resumos das novelas e uma nota de personagem ou programa de TV em evidência. Na terceira página fixa do jornal está o Guia Hagah Cinema, com todos os filmes e seus respectivos endereços e horários.

A página de quadrinhos, palavras cruzadas e horóscopo também ocupam o espaço fixo no jornal. A última página fixa é a Contra Capa assinada por Roger Lerina onde o colunista escreve sobre música, teatro, cinema, fotografia, moda, etc.

Estabelecidas as páginas fixas do *Segundo Caderno* serão observadas as matérias publicadas no dia 18 de junho de 2008. “No Limite do Corpo” sobre grupo francês de dança-teatro é a matéria de capa do caderno. Vale lembrar que a matéria será analisada mais atentamente no próximo capítulo.

“Punk brega, roupa nova”, notícia de Luís Bíssigo sobre o show de Wander Wilder relata o lançamento do álbum do cantor “La Cancion Inesperada” e seu respectivo show. O repórter dá detalhes do show dizendo os nomes de todos os músicos que acompanham o cantor, além de algumas aspas do próprio cantor que não revela nada ao leitor. A notícia é acompanhada de serviço com quando, local, onde estacionar, sobre o show, ingressos e mais dois quadrinhos com: Preste Atenção e Dica ZH.

Na página seguinte, a seção de livros “Entre Humor e sutileza”, sem assinatura, traz texto sobre o lançamento do livro “Pó de Parede” de Carol Bensimon e entrevista

com a própria autora. Ao lado, o texto opinativo do livro de Bensimon “O tempo e as paredes” é assinado por Carlos André Moreira, uma espécie de texto explicativo sobre o livro, além de quadro de livros intitulado “Lançamentos”.

“Próxima parada Hollywood”, assinada por Daniel Bergamasco da agência Folhapress de Nova York, entrevista o brasileiro Paulo Szot, primeiro brasileiro que ganhou um prêmio Tony. Ao lado da entrevista tem a coluna de Sergio Faraco “A morte de Ernani”.

No dia 23 de junho de 2008, a capa do *Segundo Caderno* foi “Tom Zé para baixar”, escrita pelo repórter Gustavo Brigatti, reportagem que fala sobre a possibilidade de baixar gratuitamente o álbum de Tom Zé no site da gravadora Trama. O texto de Brigatti surge na primeira página com uma narrativa inovadora, quando as aspas do entrevistado aparecem, elas têm realmente algo a dizer. De modo irreverente, Brigatti traça uma pequena trajetória de Tom Zé:

A primeira experiência de Tom Zé com os formatos físicos para armazenamento de música não foi das mais felizes. Corria o ano de 1949 quando o músico, voltando de Salvador para sua Irará natal, levava na mochila um disco de 78 rotações de Edith Piaf para sua irmã. Ao chegar em casa, pouco restava da velha bolacha, despedaçada durante a viagem. Quase 50 anos depois, o mesmo Antonio Santana Martins é que vai inaugurar a Albúm Virtual, mais uma pá de cal da Trama sobre Cds, LPs e afins. (Segundo Caderno, 23 de junho, pág.1)

A partir desse *lead* nada convencional, é possível que o leitor visualize a cena e tudo o que essa transformação significa. O jornalista dá voz a sua fonte, ao seu personagem e ele é rapidamente ouvido. A reportagem é acompanhada por um pequeno texto que conta a importância de iniciativas e como esse projeto vem modificar o cenário da indústria musical.

A seção música da capa continua com uma entrevista com Tom Zé intitulada “No limite entre música e ruído”, onde detalha as questões de sua inserção no universo virtual, de sua música, dos gêneros musicais que estão que estão à beira do ruído e como os temas do cotidiano o afeta ao ponto de escrever sobre eles.

Na página seguinte, está a entrevista com o escritor Philip Roth da AG/Nova York sobre seu novo livro, é assinada por Marília Martins e leva o título “Philip Roth e a nova América”. A entrevista é seguida de um texto de Carlos André Moreira chamado Opinião/ “O fantasma agonizante” que permeia entre a contação de histórias dos

personagens de Roth e suas impressões sobre a tradução de Paulo Henrique Britto. O texto finaliza com a cotação de quatro estrelas para o livro.

“O inventor do rock esteve aqui”, título da matéria de Renato Mendonça sobre o show de Chuck Berry que realizou em Porto Alegre no dia 22 de junho no Pepsi On Stage. Mendonça descreve como foi o show, nomes das músicas que cantou, como seus músicos estavam vestidos. Uma abordagem muito além do que a gente imprensa noticiou, dizendo que Berry decepcionou. O repórter olhou para além das limitações impostas pelo tempo ao músico e compositor. Retratou pequenos detalhes e grandes momentos do show e termina o texto assim: “... e o que se viu depois foi rock, rock mesmo: uma dança ritual adolescente protagonizada por adultos. Ou será uma dança ritual adulta protagonizada por adolescentes? Pergunte a Chuck Berry – foi ele que inventou”. Ao lado está a coluna quinzenal de Kledir Ramil.

Viver

O caderno *Viver* do jornal *Diário de Pernambuco* conta com três páginas fixas diárias, são elas: coluna social de João Alberto, seguida de página dedicada a programação de cinema, astros (horóscopo), cruzadas e quadrinhos. Na terceira página fixa do caderno tem televisão com resumo das novelas, filmes (resumo e destaques do dia), além da programação da TV por assinatura (destaques) e TV aberta (programação), finalizando com a coluna Canal Diário com notas sobre programas de TV e seus personagens.

Na edição do dia 18 de junho de 2008, a matéria de capa do jornal de Michelle De Assumpção da equipe do *Diário* intitulada “Chico Buarque delicado e atemporal” fala sobre o lançamento da caixa com quatro CDs e um DVD de Chico Buarque, conta o processo de remasterização das músicas e história da gravação do DVD. O texto termina com serviço com nome da coletânea, gravadora e preço. O jornal traz nesta edição duas matérias sobre dança que serão analisadas no capítulo seguinte.

“Afirmção do espaço feminino vai às ruas” é o título da reportagem da seção de teatro que conta sobre o espetáculo “Mulheres em V”, do grupo teatral Trupe de Copas. O diferencial do trabalho é que espetáculo sai dos palcos e é apresentado em diversos pontos de Recife. Além de trazer depoimento da diretora do espetáculo, que conta sobre o processo de criação e a temática que gira em torno da questão da violência de gênero.

Na página seguinte, a nota “Palestra e mobilização pela libertação do Tibet” anuncia evento da livraria Saraiva sobre a uma manifestação pública pela libertação do

Tibet. Na mesma página a nota “Ação Mulher/ Cinema e música no parque” anuncia o encerrando do 3º Festival Audiovisual Ação Mulher. Outra nota “Ensaio lembram James Joyce” fala sobre o lançamento do livro de ensaios sobre a obra de James Joyce.

Na edição do caderno *Viver* de 29 de junho de 2008, a reportagem de capa foi “Inconseqüência fatal” assinada por Pedro Brandt do jornal *Correio Braziliense*, que fala do curta-metragem do brasileiro Bruno Torres sobre a morte do índio Galdino. O texto conta com depoimentos de personagens, do próprio cineasta sobre as motivações de trabalhar com um episódio tão trágico num tom reflexivo, além de registrar os procedimentos técnicos para reconstituir a noite em que o índio foi atacado. O diretor também fala que não tem previsão sobre o lançamento do curta.

“Humor de primeira de Stanislaw”, notícia de Luciana Veras, da equipe do *Diário*, sobre a reedição do livro *Rosamundo e os outros*. A jornalista traça um perfil histórico sobre o escritor, conta um pouco da história do personagem Rosamundo e explica sobre a temática das crônicas contidas no livro. O texto finaliza com o serviço indicando nome, editora, número de páginas e o preço.

A matéria de Luciana Veras “Saramago pelos olhos de Fernando Meirelles”, da página seguinte fala do livro “Ensaio sobre a Cegueira” que naquele momento estava sendo o livro mais comentado de Saramago, por conta de filmagem de *Blindness*, filme de Fernando Meirelles. O texto fala das três novas versões de capa que a editora Companhia das Letras relançou por conta da estréia do filme, além de explicar a adaptação dos personagens do livro para o cinema. O texto encerra com serviço: nome, editora e preço. A edição finaliza com a coluna de Luis Fernando Veríssimo.

Identificou-se nesta análise do caderno *Ilustrada* uma forte preferência para as questões relacionadas com o visual. O caderno busca pela inovação na disposição de fotos, imagens, ou seja, a diagramação do caderno se esforça muito para construir um “ar de modernidade” em suas páginas ilustradas. Investe também em títulos interessantes que provocaram na pesquisadora um interesse forte em lê-las, porém nas narrativas de modo geral, não saem do lugar comum das tradicionais perguntas: o quê, quem, onde, quando, por que e como. Além desses elementos, no final das matérias e críticas, está estampado nas páginas: o valor e avaliação, este último no caso das críticas.

No caderno *Viver* e no *Segundo Caderno*, onde as páginas são reduzidas pela metade em comparação ao número de páginas da *Ilustrada*, o JC está posicionado de uma maneira um pouco diferente, não existe uma infinidade de assuntos a serem

abordados, pois o interesse, como explicou Gustavo Brigatti (repórter do *Segundo Caderno* em entrevista por telefone) está direcionado para a cobertura local, que é visivelmente menor que a cobertura jornalística na cidade de São Paulo.

O diálogo possível de Medina não acontece, pois o crítico não faz a crítica, e sim escreve seus comentários de maneira tendenciosa, faz uma espécie de relatório da obra, e em alguns casos, como nas seções de livros, conta parte por parte do livro, deixando para o último parágrafo o que consideram ser mais importante: se é bom ou se é ruim ou número de estrelas. Esse tipo de discurso que está por todas as páginas dos jornais, salvo algumas poucas exceções já mencionadas, direciona a um JC que não possibilita ao leitor, qualquer possibilidade de reflexão.

Nas páginas de artes, reflexões científicas ou filosóficas em que se expressa o chamado “jornalismo cultural”, verifica-se, seguidamente, a presença de textos que não lançam interrogações sobre a produção artística. No cotidiano de cobertura jornalística, sejam notícias, reportagens de maior fôlego ou resenhas críticas, aplicam-se ao artista e à obra de arte, juízos de valor e preconceitos (quase sempre destrutivos). Os sentidos que atravessam essas freqüentes avaliações se revelam impermeáveis, por exemplo, à ambigüidade poética da arte (Medina, 2006:82).

Medina identifica uma transformação positiva quando o jornalista dialoga com a arte, detectando mudança na forma de pautar e produzir narrativas do JC:

Ao cultivarem o convívio com a arte se diferenciam na própria autoria. E não se trata especificamente da forma de se comunicarem, mas sobretudo a sutileza na relação com o humano ser – um ético deslocamento do signo autoritário para o signo dialógico (Medina, 2003:62-63).

Esta pesquisadora identificou ao longo de seu trabalho que a editoria de dança contemporânea é em vários momentos reportada de forma equivocada pelos jornalistas. Seu espaço nos impressos analisados, principalmente no caderno *Ilustrada* da *Folha de S.Paulo* e do *Segundo Caderno* do *Zero Hora* está, em sua maioria, posicionado nas seções dedicadas à agenda cultural sob o signo da difusão.

Por exemplo, a matéria da *Ilustrada* de 12 de junho de 2008, “Balé reconta tragédia de rainha portuguesa”, que noticia um espetáculo que faz referência à história e literatura – história da rainha portuguesa Inês de Castro, coroada depois de morta.

Identifica-se não apenas uma maneira de denominar o espetáculo e sim várias. O

problema não é ter várias formas de nomear o mesmo trabalho e, sim, de posicionar o leitor de forma que ele saiba por que a jornalista optou por utilizar na mesma matéria balé, dança, dança portuguesa, além de dizer que “a companhia segue um repertório eclético, que segue a linha de grandes companhias estatais, como o Balé da Ópera de Paris ou o russo Kirov, misturando grandes clássicos das sapatilhas com criações modernas”.

Com esses elementos, podemos identificar que o distanciamento do público ocorre à medida que diversas informações são apresentadas, estando ausente um discurso que aproxima o leitor dessa realidade. Subentende-se que o leitor do caderno cultural carregue em seu repertório elementos que o façam compreender a temática do espetáculo e as suas diversas formas. A matéria ocupa ¼ da página superior da Ilustrada/Acontece – espaço que o jornal dedica para informar o que “acontece” (agenda cultural) – ao lado da agenda de teatro, dividindo espaço com anúncio da Coleção Folha: Astros Inesquecíveis.

Tragicamente, no jornalismo que cobre arte e a ensaística se acentuam o reducionismo e a alienação. A arte é, sim, matéria-prima de informação socialmente significativa. O povo ama sua arte e seus artistas; não fosse assim, por que os políticos em campanha eleitoral tanto se valem deles? Mas, como parte da realidade sociocultural presente, gera e consagra fatos noticiáveis. O protagonismo deste fato, o artista, assume, para a sociedade, um valor olímpico, a ele delega, por procuração, seus desejos mais profundos e humanos. As relações entre jornalismo e a arte não vão nada bem. A começar por empresários predatórios que consideram os espaços da arte ou da cultura explícita como supérfluos, deficitários, descartáveis. Os jornalistas, por sua vez, desenvolveram nos últimos tempos uma mentalidade de certo desprazer, um certo ar de desprezo, quanto aos artistas locais, e, ao mesmo tempo, uma disponibilidade à bolsa de valores em que os olímpicos internacionais ocupam o *hit parade*. (...) Que, pelo menos, os jornalistas, ao se intitularem “culturais”, despertem para a imensidão do poço, além de cultivarem a planície universal. A mistificação de novas tecnologias, do pós-moderno e da pós-histórica nos deixa aturdidos e impotentes para fazer valer nossa voz no clube dos credores (Medina, 2006:129-130).

É o que se identifica ao observar atentamente também a matéria da seção Ilustrada/Acontece, “1º Ato e Baleiro riem da busca pelo corpo ideal” sobre o espetáculo “Geraldas e Avencas”, o mesmo espetáculo que Meira mencionou em entrevista ao falar sobre a dificuldade em identificar um espetáculo de dança contemporânea:

Não só é “confundida” com teatro, como fica para um segundo plano, em relação a outros assuntos. É mais comum conseguir um espaço melhor quando é a estréia de algum espetáculo ou se a montagem vem de fora do Recife, como aconteceu na semana passada com o 1º Ato, de Belo Horizonte, que veio com “Geraldas e Avencas” e foi matéria de capa da sexta-feira.

O que Meira retrata é exatamente esse modelo de JC refém da agenda cultural, onde a dança contemporânea ocupa espaço sempre acompanhado do agendamento.

As análises sobre a seção de dança contemporânea ocuparão posição central no próximo capítulo desta pesquisa, sob o título “A dança contemporânea no palco da complexidade”. Entretanto, neste momento, a preocupação principal está relacionada a uma análise de caráter quantitativo dos cadernos *Ilustrada*, *Viver* e *Segundo Caderno*, na medida em que há necessidade de identificar o número de inserções que cada manifestação artística ocupa nesses impressos.

Ilustrada

No caderno *Ilustrada*, por exemplo, as Colunas aparecem 53 vezes, sendo que 26 delas são de autoria de José Simão, quatro de Marcelo Coelho, quatro de Contardo Calligaris, quatro de Carlos Heitor Cony, três de Drauzio Varella, quatro de Ferreira Gullar, quatro de Nelson Ascher, uma de Nina Horta, duas de Antonio Cícero, duas de João Pereira Coutinho e uma de Bia Abramo.

A Agenda Cultural, Coluna Social, Astrologia, Quadrinhos, Sudoku e Palavras-Cruzadas, como também a programação de televisão aparecem todos os dias do mês, lembrando que a seção Televisão foi capa do caderno no mês de junho duas vezes com as matérias “Além da Imaginação” e “Vilão negro. Por que não?”, uma entrevista com o ator Milton Gonçalves, que conta que recebeu mensagens irritadas de militantes do movimento negro por interpretar deputado corrupto em “A Favorita”.

As seções de Tecnologia e Internet ocupam espaço semanal com o nome de “Em rede” e esteve presente no jornal quatro vezes durante o mês de junho, constituindo um espaço dedicado às novidades do universo tecnológico e virtual, essencialmente informativo e objetivo. A coluna “Outro Canal”, com comentários em forma de pequenas notas, apareceu 19 vezes no mês, dividindo espaço com a coluna intitulada “Novela”, que apareceu três vezes, e Quadrinhos, quatro vezes, sendo que uma vez como capa do caderno. A seção de Museu apareceu uma vez, enquanto Fotografia, três vezes, CDs, cinco vezes, sendo que uma vez como capa de lançamento.

A seção de Artes Plásticas apareceu 18 vezes, sendo duas vezes na primeira página, enquanto as Divulgações de Exposições apareceram quatro vezes. A seção de Gastronomia ocupou espaço no caderno 12 vezes, sendo uma vez capa. Já a seção de DVDs/Lançamento esteve presente cinco vezes, enquanto Filmes/Lançamentos apareceu três vezes. Moda esteve presente 11 vezes na *Ilustrada*.

As seções de Crítica apareceram 12 vezes no mês de junho, enquanto as seções de Literatura somaram seis inserções. Matérias dedicadas a Políticas Públicas apareceram 10 vezes, sendo capa em duas delas. Os recordistas foram Cinema, com 51 inserções, sendo nove vezes capa; Música, com 57 inserções, quatro vezes capa; Teatro, com 37 inserções no mês de junho, três vezes capa; Livros com 32 inserções, sendo duas vezes capa. Informações e matérias sobre a Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP) apareceram na *Ilustrada* oito vezes, uma vez capa.

A seção de Dança Contemporânea, foco de nossa pesquisa, teve quatro inserções durante o mês, sempre próxima da Agenda Cultural, configurando as matérias, desse modo, um caráter difusionista para a seção. Duas matérias sobre Dança Contemporânea pareceram na seção *Ilustrada/Acontece* (Ver anexo dos dias 12 de junho e 14 de junho de 2008).

Segundo Caderno

No *Segundo Caderno* do jornal *Zero Hora* as seções dedicadas a TV somam 97 inserções no mês de junho, sendo três vezes capa; a Agenda Cultural apareceu 50 vezes, nenhuma delas capa. Música apareceu 90, sete vezes foi capa. Cinema saiu na capa quatro vezes e teve ainda mais 54 inserções durante o mês. As seções de Eventos, Horóscopo, Livros, Teatro, Palavras-Cruzadas, Quadrinhos e Artigos somam uma média de 25 inserções no mês, sendo que Teatro foi capa três vezes e Livro uma vez. Coluna Social apareceu 19 vezes, e as Colunas somam 91 inserções. Matérias das seções de DVDs e Opinião tiveram 11 inserções, enquanto Dança apareceu três vezes no jornal.

Algumas sessões, como Arquitetura e Urbanismo, Exposição e Fotografia somaram uma vez cada. A seção Artes apareceu seis vezes, e Cultural, dez vezes, sendo três vezes capa. Moda e Literatura apareceram seis e nove vezes, respectivamente.

Viver

No caderno *Viver*, do *Diário de Pernambuco*, a seção dedicada à Música apareceu 55 vezes no mês de junho, sendo 15 vezes capa. Cinema teve 29 inserções, cinco vezes capa. Coluna Social apareceu 25 vezes, enquanto Livros, contou com 19 inserções e foi capa três vezes, vindo em seguida Literatura, que teve 16 inserções no mês e foi capa duas vezes. Moda e Artes Plásticas apareceram 10 vezes. Eventos apareceu 31 vezes no jornal e foi capa uma vez. Curso de Cinema apareceu cinco vezes no mês, o mesmo número de inserções foi pra Gastronomia e Política Pública.

Quadrinhos teve quatro inserções e Exposições e Dança somaram três inserções cada uma. As seções dedicadas à Fotografia, à FLIP e Religião somaram seis inserções, duas vezes cada uma. Antropologia, Arquitetura, Educação, Rádio e Vídeo tiveram uma inserção no mês.

Observações gerais

Com essa amostragem é possível detectar que as seções mais exploradas nos três cadernos culturais são as de Música, Cinema e Televisão, considerando que o signo predominante é o da difusão, pois essas seções estão posicionadas de acordo com a agenda do momento, ou seja, as matérias de música, por exemplo, são elaboradas de acordo com o lançamento e shows, e cinema, exclusivamente com as estréias. Essa realidade se repete quando o assunto é Televisão.

Segundo o jornalista de cultura do jornal *Zero Hora* Eduardo Ferreira Veras, em entrevista a esta pesquisadora, o debate constante na área de JC diz respeito a quanto os cadernos de cultura e editoriais de "variedades" das revistas semanais estão ou não pautados pela indústria cultural e suas agendas. Ele observa que esse problema passa pela diminuição de espaços críticos, pela confusão entre opinião e crítica, além dos preconceitos que as próprias redações mantêm em relação aos profissionais da área, além de indagar sobre o quanto as empresas estariam ou não dispostas a investir na formação e no aprimoramento de seus funcionários. Para Veras, o fato de ser artista e estar integrado no ambiente acadêmico lhe oferece resultados estimulantes, sobretudo para a atividade jornalística. Ele explica, na mesma entrevista, que “o estudo instrumentaliza com um vasto repertório de imagens, conceitos e leituras”.

As preocupações sobre a visão reducionista de fazer jornalismo e as possibilidades de produzir narrativas diferenciadas estão presentes não só no âmbito da

pesquisa. Para Veras, essas indagações são pertinentes. Ele mostra como, no cotidiano das redações, esse reducionismo está presente na produção jornalística:

Sim, existe um pensamento reducionista e pautado por fórmulas prontas no cotidiano dos jornais. Acredito que, eventualmente, e com resultados muito bons e muito inteligentes, alguns jornais e alguns jornalistas conseguem driblá-los. Mas há duas questões aqui que talvez valesse a pena considerar: (1) o reducionismo é próprio da atividade jornalística. Não é desejável e pode ter conseqüências desastrosas, mas ele integra, sim, o quadro geral de expectativas desse ofício. A necessidade de falar para um público amplo e heterogêneo, o pânico instaurado nas Redações com o anunciado fim do jornal no suporte "papel", a ambição algo desmedida de prestar "serviço", a pretensão didatizante, os espaços reduzidos, a superficialidade quase inerente ao texto para jornal, tudo isso parece conduzir a um modelo reducionista. (2) As Redações estão hoje cada vez mais "jovens", com profissionais em geral mal remunerados e ainda em formação. A pouquíssimos é dada a chance de se dedicar a uma matéria mais aprofundada e reflexiva. As equipes são pequenas, e as pessoas estão muito sobrecarregadas. Há repórteres com três ou quatro pautas por dia. Que texto mais elaborado ou que reflexão crítica são possíveis sob essas condições? A realidade das Redações está pautada por arrivismos diversos, pressões múltiplas e até por grosserias. Não podemos esquecer, ingenuamente, que também o jornal é um produto industrial. (...) Não se trata de fazer pouco das soluções utópicas (acredito nelas com entusiasmo, daí inclusive meu interesse pela arte), mas examino com suspeita as suas aplicações práticas. Reitero, porém, mais uma vez, que tenho encontrado em jornais e revistas brasileiros tentativas muito bem-sucedidas de escapar dos olhares redutores.

Veras compartilha a idéia de que é possível encontrar narrativas mais "abertas". Porém, devido às questões mencionadas acima, não é possível encontrá-las cotidianamente e, sim, nos cadernos de fim de semana ou publicações atípicas e especiais, como, por exemplo, a revista *piauí*. Para o jornalista, “mudanças em qualquer área serão sempre necessárias e bem-vindas, mais não seja para que não se enrijeçam os músculos. As mais urgentes (...), parece que dizem respeito a pautas menos ditadas pela indústria cultural e maior possibilidade de crítica”.

Para Meira, em entrevista já citada, o estudo acadêmico em jornalismo e o estudo sobre JC é bem diferente do cotidiano. Pois quando se está pesquisando é possível instigar a buscar novos olhares, investigar outras maneiras de ver uma obra artística, acrescentar referências:

Acredito que é possível sair do modelo reducionista, sim, mas muitas vezes não é um processo simples. Por questões de espaço, prioridades, horário de fechamento, linha editorial, muitas vezes escrevemos textos que não exploram

todo o potencial da notícia. Acredito que o Viver tem esta preocupação, na medida do possível. Mas depende muito também da vontade do repórter em acompanhar um determinado setor, sugerir pautas criativas, saber “vender seu peixe” para quem está no comando, “cavar” pautas exclusivas. Temos narrativas mais abertas também, mas o foco é sempre informativo. Vou citar um exemplo desta semana que passou. Nossa capa de sábado foi sobre um projeto de fotografia e vídeo em Condado, na Zona da Mata Norte de Pernambuco, com mulheres ligadas ao cavalo-marinho. Os outros jornais deram apenas notinhas. Um colega meu, o repórter André Dib, foi lá pessoalmente, entrevistou as mulheres e as artistas que orientaram a oficina.

Para Meira, o que a motiva a sair do lugar comum do jornalismo de caráter estritamente noticioso é ter a possibilidade de buscar um modo diferente para começar o texto, pinçar os depoimentos mais tocantes ou reveladores dos artistas. Mesmo alegando ser um embate constante:

Não dá para ser poético numa notinha de quatro centímetros ou reescrevendo releases... Outro ponto importante é estar tranqüilo, feliz consigo mesmo, pois a rotina da redação é uma “máquina de moer gente”, muito estresse e adrenalina, tem que haver uma (ou várias) válvulas de escape. Faço terapia bioenergética há uns 4 anos, vira e mexe pratico yoga, já fiz tai-chi-chuan por 2 anos e dança do ventre também. Hoje, tenho ido caminhar na praia bem cedinho, quando dá tempo... É mais fácil inovar quando temos mais espaço disponível, numa matéria para o domingo, mais trabalhada, na qual se tenha ouvido mais fontes (Meira em entrevista já mencionada).

O que Meira enxerga como mudança para a prática jornalística mais aberta corresponde a alguns anseios de Medina: “mais espaço para a publicação das matérias, mais tempo para que elas fossem elaboradas pelos repórteres, mais espaço para a crítica e artigos de especialistas. Também acho saudável investigar assuntos fora da agenda de eventos”. Além disso, propõe algumas ações fora do exercício mecânico da profissão de jornalista:

Circular para fazer contato com novas fontes e conhecer as obras dos artistas; ampliar seus conhecimentos com leitura de livros e revistas, sites na internet, DVDs, cinema e continuar estudando, se atualizando (...). Gosto muito de conversar, de conhecer novas pessoas, de ouvi-las, de saber sobre suas trajetórias profissionais e pessoais.

A importância de ouvir as diversas vozes dos sujeitos que o jornalista encontra ao longo de seu dia de trabalho é o que Medina nos convida a fazer. Kunsch chama a atenção para as diversas formas de entendimento do mundo que o jornalista precisa saber compreender, juntar, abraçar, integrar. Precisa saber ouvir também. A atitude terna perante os acontecimentos é proposta por Restrepo. A observação do mundo com suas interdependências e complementaridades é tema das preocupações de Capra, enquanto Morin chama a atenção para a necessidade de se trabalhar com as questões de modo complexo. Tudo isso aponta um caminho para uma ressignificação do modo de conhecimento do mundo. As narrativas estão presentes cotidianamente, esperando que alguém as veja, que o jornalista as perceba e que o leitor as compreenda.

CAPÍTULO 3

A DANÇA CONTEMPORÂNEA EM PAUTA NO PALCO DA COMPLEXIDADE

*“Sê atento à hora em que teu espírito deseja falar por
meio de parábolas. É ali
que a tua virtude tem
começo. Somente na dança
eu sei como contar a
parábola das coisas mais
altas...”*

Friedrich Nietzsche

Antes de nos aprofundarmos no tema central deste capítulo que é a dança contemporânea, faz-se necessário retornar alguns anos, quando a dança moderna surge no início do século XX, com o uso das pontas e gestos ainda bem parecidos com o balé clássico. Suas coreografias iniciam uma trajetória que se constituíram por meio de ideologias diferentes, tanto do balé romântico como o do balé clássico.

Como nos lembra Faro¹², Isadora Duncan¹³ foi o grande nome da dança moderna, “com a exceção de alguns filmes bem primitivos, o que nos ficou da arte de Duncan foi o muito que se escreveu sobre ela e a benéfica liberação que sua rebeldia trouxe ao mundo da dança em geral” (Faro, 2004: 81).

Nesse contexto, a dança moderna descarta as possibilidades de se constituir somente por intermédio de histórias que seguem uma seqüência de fatos lógicos, e incorpora passos do balé clássico e que permite a mistura de sentimentos.

Rebelde desde criança, Duncan não se deixou pautar por nenhum dos cânones existentes em matéria de dança. Deixando-se influenciar principalmente pela Grécia e pela arte grega, dançava sempre com uma túnica esvoaçante, e foi a primeira bailarina ocidental a dançar de pés no chão e a aparecer no palco sem malhas. Sua arte não agradou o puritanismo americano, e foi na Europa que ela obteve sucesso, principalmente junto aos artistas mais jovens. Em 1904, abriu uma escola em Berlim, e dois anos mais tarde se apresentava em público

¹² Antonio José Faro autor da obra *Pequena História da Dança* (6ª. edição, 2004).

¹³ Angela Isadora Duncan, bailarina norte-americana, considerada a pioneira da dança moderna, causou polêmica ao ignorar técnicas do balé clássico em seu trabalho.

com seus alunos. Ela chamava seu trabalho de “dança livre”, já que não seguia as escolas de dança reconhecidas. Ao mesmo tempo, ousou dançar as composições de alguns músicos, que eram, até então, privilégio dos concertos e recitais. Convém lembrar aqui, que nos 100 anos de Duncan, toda a música de balé era especialmente composta, e muito poucas tinha verdadeira qualidade. Duncan quebrou esse tabu, dançando sinfonias de Beethoven, noturnos de Chopin e valsas de Brahms, para escândalo dos puristas, acostumados a outro tipo de arte, dócil e submissa a parâmetros preestabelecidos (Faro, 2004:81).

Faro ressalta que quando Duncan dançou na Rússia, em 1905, tornou-se o centro de controvérsias, entre os admiradores da dança clássica e a juventude intelectualizada, de modo que “influenciou Michel Fokine¹⁴ que, no seu balé *Eunice*, colocaria pela primeira vez no palco do Teatro Maryinsky bailarinas de pé no chão e vestidas de túnica preta”. (Faro, 2004:81).

Essa influência, constata Faro, se estendeu a nomes como Serge Diaghilev¹⁵ e Alexander Benois¹⁶, que absorviam de Duncan sua maior característica que era improvisar. Improvisava com e na música, além de impor forte personalidade, que atingiu uma influência decisiva no desenvolvimento da dança teatral.

Se muitos, por exemplo, consideram Michel Fokine “o pai do balé moderno”, por ter sido o coreógrafo que rompeu definitivamente com as regras até então vigentes, Diaghilev seria o homem que, como empresário e administrador, possibilitaria a emergência do balé moderno como organização concreta (Faro, 2004:83).

Um dos grandes estímulos de Diaghilev para seu trabalho nos Teatros Imperiais – no qual era contratado –, segundo Faro, foi sua ligação com Vaslav Nijinsky¹⁷, mas uma das regras impostas pelo teatro era que os bailarinos usassem calção por cima da

¹⁴ Michel Fokine, ou Mikhail Mikhailovich Fokin, ingressou na Escola Imperial de Bailados, anexa ao Teatro Marinsky, com nove anos de idade. Estudou com Platon Karsavin, Pavel Guerdt e Nicholas Legat. Graduou-se em 1898, entrando para o corpo de baile do Teatro Marinsky como solista. Tornou-se logo um bailarino de primeira categoria, começando a lecionar em 1902. Três anos mais tarde criou as coreografias dos seus primeiros bailados: *Acis e Galatea* para o espetáculo anual dos alunos e *A Morte do Cisne* para Anna Pavlova. Aceitou um convite de Serge Diaghilev para ser coreógrafo da temporada dos Ballets Russos, realizada em Paris em 1909.

¹⁵ Serge Pavlovitch Diaghilev, empresário de balé russo, estabeleceu-se, em 1887, em São Petersburgo, onde publicou uma revista quinzenal sobre arte e, até 1901, foi assistente dos teatros imperiais. Seu maior sucesso foi a da temporada de balé russo, em 1909, que fez Diaghilev decidir consagrar-se exclusivamente a essa arte. Para a temporada de 1910, encomendou a Stravinsky - então desconhecido – “O pássaro de fogo”, que foi um novo êxito. Em 1911, Diaghilev formou sua própria companhia, que contou com a participação de Anna Pavlova, Tâmara Karsavina, Vaslav Nijinsky, Balanchine, Serge Lifar, Alicia Markova, etc. Como coreógrafo, Michel Fokine era a personalidade dominante, estabelecendo os princípios do balé moderno. Diaghilev levou seu balé também à América do Norte e do Sul, revelando ao mundo a arte rítmica e colorida do balé russo.

¹⁶ Alexandre Benois Nikolayevich, artista, crítico de arte e historiador.

¹⁷ Bailarino e coreógrafo russo. Um dos bailarinos mais talentosos da história. É reconhecido pela profundidade e intensidade em suas caracterizações.

malha, para que as formas masculinas não ficassem em evidência, mas para Diaghilev isso nada significava quando o assunto era criação.

Numa reapresentação de *Giselle*, Diaghilev convenceu Nijinsky a entrar numa cena sem o calção. Na platéia se encontrava ninguém menos que a czariana-mãe, a qual, indignada, abandonou o teatro, seguida por toda a nobreza presente. O escândalo fez com que Nijinsky renunciasse a seu cargo antes de ser demitido (Faro, 2004:83).

Mesmo com todas as transformações e quebras de regras, Diaghilev, como explica Faro, entendia que o que já havia sido produzido deveria ser preservado, e em seu repertório mantinha obras com *Giselle*, *O Lago dos Cisnes* e *A Bela Adormecida*. O que identifica o interesse pela inovação, abertura de novos caminhos para a criação artística e a utilização de novas linguagens o que não exclui, nem desconsidera a importância do trabalho já produzido. Além disso, algumas idéias de Diaghilev abriram caminhos para outras mudanças e serviu de incentivo para Martha Graham¹⁸, Balanchine¹⁹ e Ashton²⁰. (Faro, 2004:85).

Faro lembra que o escritor americano John Martin “definia dança moderna como o resultado de quatro princípios: substância (movimento), dinamismo, *metakineses* e forma, como resultado do movimento, independente da música ou de outras formas” (Faro, 2004:115).

Vale lembrar que uma das características da dança moderna foi a criação de um vocabulário de dança próprio por seus coreógrafos, como Martha Graham, mesmo que não chegassem a constituir uma técnica formalizada (Faro, 2004:104). Isto significa afirmar que, mesmo não obtendo uma base definida, no sentido de formalizada, as técnicas de vários coreógrafos fazem parte do cotidiano de diversas companhias e também são lecionadas em escolas de dança.

Nos primórdios da dança moderna, seus cultores não tinham outra idéia em mente além de sua própria liberação, iniciada através de diversos experimentos.

¹⁸ Coreógrafa, professora e bailarina estadunidense. Suas inovações técnicas exerceram enorme influência no mundo inteiro e revolucionou a dança moderna e tornou-se conhecida como a mãe da dança moderna.

¹⁹ Considerado um dos maiores influenciadores do mundo da dança, George Balanchine nasceu em São Petersburgo, em 1904. Por influência do pai compositor, o bailarino estudou composição e piano no Conservatório de Leningrado, o que se tornaria no futuro a base para ser considerado pelos críticos como "o coreógrafo de maior conhecimento musical de nossos tempos", ingressando na Escola Imperial em 1914. A escola, posteriormente o nome para Escola de Bailado do Estado Soviético.

²⁰ Frederick William Mallandaine Ashton iniciou sua carreira no *Ballet Rambert* (1960-1937) e foi coreógrafo principal do *Royal Ballet* (1937-1970) e seu diretor também (1963-1970).

Tanto Isadora Duncan quanto Ruth St. Denis não baseavam o seu não-conformismo em qualquer ordem ou máxima. Sabiam apenas que os princípios da dança acadêmica não eram para elas e sentiam a necessidade de levar a liberação da dança para além desse estilo que viam como os fios estranguladores de uma tradição ultrapassada. Logo sentiram que estavam trabalhando para uma razão definida, mas é provável que seus primeiros passos tenham sido intuitivos. Duncan foi buscar suas raízes na Grécia antiga e St. Denis, nas danças rituais do Oriente, mas ambas foram primitivas em sua tentativa ansiosa de voltar ao que julgam ser a fonte natural da arte através do movimento (Faro, 2004:117).

Neste sentido, identifica-se na dança moderna o início de um caminho que considera não mais apenas uma maneira, uma técnica e sim trabalha com a idéia de que várias são as formas de entendimento do mundo. Na dança moderna a influência do pensamento de coreógrafos foi determinante para a inserção de elementos até então nunca usados (nem no balé romântico e nem no clássico), um pouco diferente da dança contemporânea que tem o bailarino como o construtor de suas próprias linguagens, imerso muitas vezes num ambiente de autonomia criativa. Isso não significa que a dança moderna não trabalhe com esses elementos, mas identificou-se no decorrer dessa pesquisa a presença determinante do pensamento do coreógrafo na dança moderna enquanto que na dança contemporânea os bailarinos ocupam um espaço de autonomia, são protagonistas de suas próprias narrativas, o que será foco de uma observação mais detalhada adiante.

Além de contribuir para os princípios da liberdade de ação no campo da dança, os modernos exploram de forma quase científica as possibilidades motoras e as limitações do corpo humano, o uso do dinamismo, o emprego dramático do espaço e do ritmo corporal em movimentos. Tais explorações têm servido não apenas à própria dança moderna, mas a qualquer forma de expressão corporal, uma vez dispersas dessas descobertas ou redescobertas são aplicáveis à ação física do corpo em qualquer de suas manifestações (Faro, 2004:118).

Mais um exemplo de que a dança moderna se constituiu de diversas maneiras conduzindo a história da dança para um espaço artístico que corresponda não só ao movimento de observação e sim de contemplação onde o público seja tocado, compreenda, além da observação pura e simples. Isadora Duncan desejava que cada movimento seu fosse sentido, e não entendido.

Isadora Duncan acreditava que a alma estava localizada perto do plexo solar, e o dançarino moderno espera que sua platéia reconheça o efeito da dança na mesma região. Em outras palavras, ele não está dirigindo suas idéias através da dança diretamente ao cérebro condicionado a coisas aprendidas em sala de aula

ou impressas no programa do espetáculo. O que ele procura é atingir diretamente a alma ou as emoções, localizadas no plexo solar ou onde quer que estejam, e que receberá apenas a filtragem do seu trabalho, seja para análise, comentário, aceitação ou recusa. Inevitavelmente, a explicação pode ser mais complicada que o resultado. Mas, resumindo: a dança moderna é a expressão do homem interior-intérprete e sua comunicação direta com o homem interior-assistente. Por isso os criadores da dança moderna foram buscar sua temática nos impulsos sexuais, nos problemas raciais, no relacionamento do homem com Deus, nos problemas domésticos, nas questões relativas à democracia, em suas próprias auto-biografias, seja de forma trágica, cômica, satírica ou abstrata (Faro, 2004:119).

Sendo assim, identifica-se a dança moderna como uma manifestação artística intelectualizada que busca a reflexão, que fez o uso da arte para além da diversão, onde poesia e realidade são reinterpretadas e reconfiguradas, criando assim um processo gradativo de experiência e de comunicação entre o bailarino/intérprete e/ou seu público.

A dança contemporânea pode ser vista como um prolongamento da trajetória histórica de todas as linguagens das danças – balé clássico, o balé romântico, o balé moderno, o sapateado, o jazz, etc. e se encontra em trabalhos de artistas que vivem em nosso tempo, ou seja, se encaixa no ambiente atual, onde há uma infinidade de permissões com relação ao estilo, base, objetivos e forma. Melhor dizendo, como explica Gilsamara Moura, em relato oral, não existe uma dança contemporânea e sim várias danças contemporâneas.

A dança contemporânea é uma manifestação artística que pode ser apresentada com estrutura não linear tanto em aulas como nos espetáculos; possibilita referência ao passado, a presença da ironia e da paródia, a velocidade de criação e de informação, a fragmentação e multiplicação de imagens, a rejeição a uma narrativa única, a liberdade de criação, o hibridismo, a contaminação de linguagens, uma nova estrutura de pensamento no que diz respeito aos sentimentos e comportamentos artísticos e sociais, a interação de diversas manifestações culturais como a pintura, escultura, literatura, vídeos, instalações, além de inovar até mesmo no que diz respeito aos espaços de apresentações: não fica restrita aos palcos.

Há uma pluralidade e uma diversidade imensa de modos de pensar o mundo na dança contemporânea e cada um deles propõe novos tipos de pensamentos expressos através do corpo. A mistura de dança e literatura, ou melhor, a fusão dessas linguagens (...). O corpo que vai se contaminando insemna o pensamento reflexivo sobre como esta contaminação acontece e se processa. Não é novidade assistir a um espetáculo que reúna várias linguagens no palco. A interdisciplinaridade vem se instaurando, cada vez mais, nos processos de pesquisa em dança. Uma multiplicidade de outras mídias, tal como, vídeo,

cinema, novas tecnologias, etc., dialogam simultaneamente com o mundo da dança. (Moura *apud*, Nora, Sigrid (org.) 2004:118).

As danças contemporâneas carregam em seu repertório uma característica democrática, pois possibilita o uso de elementos como a percepção de espaço, o intercâmbio de diversas linguagens como a literatura, as artes visuais e o teatro, etc.

Pode por meio do repertório vivencial e corporal de cada bailarino descobrir as suas particularidades e explorá-lo de maneira aberta, pois as discrepâncias corporais de um bailarino contemporâneo servem como estímulo na dança. O bailarino e coreógrafo brasileiro Klauss Vianna²¹ entendia que “a dança começa no conhecimento dos processos internos. Você é estimulado a adquirir compreensão de cada músculo e do que acontece quando você se movimenta” (Vianna, 2005: 104).

Neste sentido, a dança contemporânea emerge num contexto de co-habitações, isto é, co-habitam idéias, conceitos, técnicas, processos diversos, originais e influenciados, inovadores e “reinventadores”.

É nesse ambiente que a dança contemporânea nasce e tem se desenvolvido em sintonia com o percurso dos séculos XX e XXI, caracterizados pela emergência de novas tecnologias e ideologias. Essa manifestação artística permite misturas, arranjos e rearranjos; ela é mestiçagem pura e inspira-se em outras linguagens, tais como, música, teatro, pintura, literatura, cinema e outras áreas como filosofia, moda, teoria geral dos sistemas, etc. Nesse “caldeirão” ela se renova sempre, privilegiando o espaço do corpo como processador de todos os elementos mencionados.

Acerca disso, o bailarino Vianna chama a atenção para a problemática de questões preconcebidas ao pensar a dança e movimento:

Dessa forma, devemos buscar compreender e assimilar nossa interdependência como o espaço, esquecendo a forma, que quando preconcebida, é morta, estática, acomodada e impede o aprendizado, o aperfeiçoamento e a criação de novos gestos. Se trabalho enriquecendo minhas possibilidades musculares, eu sou o movimento e não apenas me movo. E, se me movo integralmente, tenho em mim todas as forças que regem o universo. Quando danço, portanto, está dentro de mim a engrenagem que faz o movimento do mundo. O que vemos, no entanto, é que o domínio da arte da dança, em nossos dias, obedece a certas regras e convenções em função de um ideal estético antecipadamente suposto e proposto. Mas é possível a dança além desses limites, como uma das raras

²¹ Autor da obra *A Dança*, desenvolveu um método próprio para a expressão corporal na dança e no teatro, reconhecida hoje como Técnica Klauss Vianna. Fundou junto com Angel Vianna (sua esposa), o Balé Klauss Vianna, em 1962. Lecionou na Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia, onde inovou incluindo na grade curricular anatomia, capoeira, entre outras.

atividades em que o ser humano se engaja plenamente de corpo, espírito e emoção. Mas do que uma maneira de exprimir-se por meio do movimento, a dança é um modo de existir – e é também a realização da comunhão entre os homens (Vianna, 2005:105).

O bailarino Mikhail Baryshnikov²² declarou certa vez que o que mais o fascina na dança contemporânea é a possibilidade de interpretar a própria idade. Por essas características de diversidade, pluralidade, simultaneidade, multiplicidade, no sentido de ser adequada a qualquer pessoa, optou-se por escolher essa linguagem das danças contemporâneas para o estudo de caso. Soma-se a isso o fato dessa linguagem artística ser pouco compreendida e reportada pelos profissionais do JC, o que reflete no modo muitas vezes incompreensível como esse tema é tratado na mídia impressa diária.

A dança contemporânea tornou-se uma nova e arrojada manifestação cultural, o que permite diferentes possibilidades artísticas entre o indivíduo e o espaço em que ele vive. Ela oferece aos praticantes pluralidades de expressões culturais, favorece a autonomia, a convivência e a percepção da multiplicidade da vida humana. Katz explica:

Muitos representam a dança como a expressão de um eu interior. Outros, como ligação com o sagrado. Dança como aquilo que dá forma ao invisível. No entanto, ela também poderia ser tomada como um modelo para o entendimento dos acontecimentos do mundo. Por se constituir como uma evidenciação do trânsito entre o biológico e o cultural, modeliza as questões permanentes ao homem, da evolução à tecnologia, dos sistemas auto-organizados à temporalidade. Afinal, exatamente porque os cérebros inovam tanto, é que o comportamento inventa primeiro e a anatomia muda depois. Onde senão na dança isso se explicita no próprio modo de fazer (Katz, 2005: 168).

Além desse hibridismo percebido visualmente, a temática dos espetáculos das danças contemporâneas são extraídas a partir do diálogo com a literatura, história, filosofia, antropologia, física e também com as narrativas do cotidiano. Assim, as danças contemporâneas também podem ser lidas como maneira de entendimento do mundo e de seus acontecimentos cotidianos, pois existem artistas interessados em registrar essa complexidade da sociedade em seus espetáculos.

²² Mikhail Nikolaévich Baryshnikov bailarino clássico que revolucionou devido à sua técnica de saltos e aos passos que fazia ainda no ar. Em 1998 surpreendeu o público com um espetáculo de criações contemporâneas. Segundo as suas próprias declarações: "O ballet clássico é para jovens. O que mais me fascina na dança contemporânea é a possibilidade de interpretar a nossa própria idade".

O corpo se oferece como um geral onde pululam particularidades. Uma sociedade de dezenas de milhares de milhões de células. Corpo produto e produtor, com dimensão cognitiva. Corpo que faz o movimento e, ao mesmo tempo, resulta dele. Como um epílogo de nenhuma seqüência. Conquistar o específico deste corpo físico significa construir as interfaces e as pontes entre todos os saberes que brotam nele e dele (Katz, 2005:184-185).

A dança contemporânea também comporta outras perspectivas de retratar e perceber a realidade. Sendo assim, um espetáculo de dança pode recriar e criar uma nova leitura, a partir da união e cooperação com diversos elementos que estão postos no mundo.

Como já mencionado, o cotidiano dos trabalhadores de corte de cana, por exemplo, se transforma, a partir da leitura do responsável pela concepção do espetáculo, que recorta, traz uma visão particular do que essa classe trabalhadora representa e sob quais ângulos será abordada, com uma infinidade de signos. Linguagens gestuais e verbais, figurino, cenário, trilha sonora, o próprio corpo com todos os seus elementos, contribuem para que o bailarino construa seu trabalho, assim constituindo recortes da realidade e apresentá-las ao público.

Diante disso, observar a dança contemporânea como uma linguagem artística que sofre a contaminação de diversas linguagens e que reinterpreta as concepções de outros momentos da história da dança, não significa um apego ao passado por falta de “repertório” e sim mostra o interesse de bailarinos e coreógrafos em construir narrativas que dêem um ressignificado ao que foi deixado, reutilizar o legado, agregar a eles novos sentidos, formas e recontextualizando, costurando complexa e compreensivamente elementos do passado com novas abordagens e novos espaços.

Considerações

Nos três impressos analisados foram encontradas no caderno *Ilustrada* cinco matérias da seção de dança, o caderno *Viver* seis e no *Segundo Caderno* quatro matérias.

No dia 2 de junho de 2008, na página E8, a notícia de caráter informativo “Parsons renova sua dança ‘brasileira’” é assinada pela jornalista Adriana Pavlova, colaboradora da *Folha*. Não há nenhuma identificação sobre a seção na página. No início do texto anuncia se tratar se dança contemporânea. Pavlova traça um perfil do coreógrafo David Parsons, menciona que o artista concedeu entrevista por telefone ressaltando seu encantamento pela Amazônia e Salvador, falou sobre a inspiração que

Milton Nascimento lhe deu para conceber seu balé produzido em 2006 e perguntou sobre a dança brasileira. O texto se desenvolve como um histórico sobre a carreira de Parsons, sua ligação com Milton Nascimento, seus espetáculos e utiliza bastante as falas do coreógrafo para construir o texto. Finaliza com serviço: quando, onde, quanto, além de conter um quadro como o programa do espetáculo.

A notícia “Balé reconta tragédia de rainha portuguesa” de Ana Pavlova (dessa vez com enviada especial ao Rio) está localizada na página E10 do dia 12 de junho de 2008 na seção *Ilustrada/Acontece*. No texto, não há identificação de qual modalidade de dança da Companhia Nacional de Bailado, de Lisboa, se concentra na construção do espetáculo. A repórter situa o leitor sobre a história universalizada por Camões, fala sobre o processo de criação dos coreógrafos Olga Roriz e Vasco Wellenkamp e coloca suas falas no texto. Nas informações que seguem depois do subtítulo “História não-linear” há um relato de Roriz e Wellenkamp, sobre o aspecto do espetáculo e como ele é composto. O texto encerra com um histórico da companhia e com o serviço: quando, onde e quanto. O texto ocupa 2/3 da página. Ao lado se encontra programação de teatro.

Na *Ilustrada/acontece* do dia 14 de junho de 2008, a matéria “1º Ato e Baleiro riem da busca pelo corpo ideal”, de Ana Pavlova (colaboração para a *Folha*), é sobre o espetáculo ‘Geraldas e Avencas’, em ocasião da sua estréia no Sesc Pompéia. A jornalista traz as indagações da diretora Suely Machado e como o cantor e compositor Zeca Baleiro entrou nesse processo. “Zeca é perfeito porque consegue como ninguém traduzir com poesia e fina ironia temas complexos do cotidiano. No final a gente ri das próprias imperfeições”. (*Ilustrada*, 14 de junho de 2008, pág. E11)

Pavlova descreve a disposição dos bailarinos em cena e explica o que os movimentos significam, além de destacar o que Baleiro considera como um momento divertido do espetáculo. Baleiro relata como foi trabalhar na composição do espetáculo. A jornalista finaliza o texto contando onde o espetáculo estreou, suas futuras apresentações e o serviço: quando, onde e quanto.

“Festival leva dança às ruas do centro” é o nome da matéria que Ana Pavlova escreveu em 23 de junho de 2008 na página E5 da *Ilustrada*, que fala sobre o evento o Sesc “Visões Urbanas”. Pavlova conta sobre a proposta do festival e como serão as intervenções das companhias, além de contar a trajetória do festival e sua programação. O texto finaliza com a fala da curadora Mirtes Calheiros: “A cidade é feita de momentos duros, de corre-corre, de violência. Espetáculos que modificam o cotidiano suavizam

esta relação com a cidade”. Um quadro com destaques do evento compõe a matéria, acompanhado do serviço: quando, onde e quanto.

“‘Parangolés’ de Hélio Oiticica inspiram dança” é o título da última matéria de Ana Pavlova sobre dança no dia 26 de junho de 2009, na página E11 na seção *Ilustrada/Acontece*. O texto anuncia a estréia do espetáculo na Galeria Olido (São Paulo) que foi pensado pela coreógrafa e bailarina Mariana Muniz e é permeado ricamente pelas falas da coreógrafa:

Os parangolés que são capas, ganham vida como a obra se forem vestidos. O próprio Hélio dizia que eles só faziam sentido se fossem vestidos pelo público. (...) Eles são um instrumento cênico riquíssimo, porque por trás da criação, quando Hélio fez experiências no Morro da Mangueira, no Rio, há samba, poesia e dança. (*Ilustrada*, 26 de junho de 2008, pág. E11)

Ilustrada

No caderno *Viver* do dia 18 de junho de 2008, Tatiana Meira, foi a autora da matéria “Pesquisa: caminhos entrelaçados na dança”, texto que fala sobre o novo espetáculo dos bailarinos Ângelo Madureira e Ana Catarina Vieira, “O nome científico da formiga”, na ocasião de estréia no Sesc Anchieta e Sesc Consolação em São Paulo.

Batizar seu novo espetáculo como *O nome científico da formiga* funciona como provocação escancarada. (...) “Uma formiga carrega dez vezes mais o peso de seu próprio corpo. Queríamos fazer uma crítica irônica à dança contemporânea, encontrar respostas para as perguntas que lançamos desde *Clandestino*, nosso último espetáculo. Falar de liberdade, direitos autorais, identidade, raiz. Para completar, dá aquela idéia de a dança hoje ser um trabalho de formiguinha, que não tem um caminho único, mais vários deles que se entrelaçam” (...) Contando com duas projeções de vídeo dirigidas por Fernando Faro, que também organizou o roteiro e alinhou a sutileza das cenas, o novo espetáculo traz outras parcerias que agregam valor ao trabalho. O estilista pernambucano Gustavo Silvestre buscou inspiração na moda dos anos 1920 e 1930 para criar os figurinos. A iluminação é assinada por Juliana Augusta Vieira, irmão de Ana Catarina, formada em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo, e em coreografia pelo Espaço Cenográfico São Paulo (2004). (*Viver*, 18 de junho de 2008, pág. D2)

Um texto costurado com muitos elementos quase que inexistentes no JC diário. Meira constrói a história dos bailarinos de maneira compreensiva e analítica, uma narrativa que posiciona o leitor sobre o processo de pesquisa dos artistas e sobre seus questionamentos. Quando utiliza as falas dos bailarinos é para agregar no texto, não são colocadas como peças decorativas. O texto é informativo de forma criativa.

No dia 18 de junho de 2008 a matéria “Trinta anos de dedicação à dança”, de Tatiana Meira, conta a história da escola de dança Estúdio de Dança. Comemoração como tantas outras se não fosse pelo seu olhar observador que faz questão de absorver todos os detalhes e transformá-los em informações que contribuem para que seu texto se transforme numa verdadeira narrativa, onde as vozes da fundadora da escola Ruth Rozenbaun e sua inseparável amiga Lúcia Helena Gondra são registradas.

A matéria tem uma suíte, “Cia Ribalta inaugura nova fase”, que conta sobre a criação de um novo grupo aproveitando a festividade dos 30 anos da escola Estúdio de Dança. Um texto mais objetivo, porém a autora não perde a oportunidade de fazer uso de suas observações e constrói uma narrativa diferenciada, capaz de registrar particularidades que são transformadoras nas páginas do caderno *Viver*.

Nos dias 19 e 20 de junho de 2008, a pesquisadora encontrou duas notas sobre dança, a primeira intitulada “Dança: Marcelo Sena analisa pesquisas” sobre um evento para o qual o bailarino foi convidado no Espaço Experimental do Grupo Experimental de dança em São Paulo e a segunda, intitulada “Cênicas. Projetos de dança encerram inscrições”, sobre dois projetos da Prefeitura do Recife.

“Unione revela versatilidade da dança”, sem assinatura, publicada no dia 28 de junho de 2008, fala sobre o espetáculo da companhia “Unione Companhia de dança”. O texto explica a construção do espetáculo que utiliza balé clássico, dança moderna e dança de salão, apresenta seus bailarinos e conta a trajetória da companhia, prêmios que recebeu e o roteiro da turnê.

Tatiana Meira voltou no dia 29 de junho com a matéria “Dança. São Paulo assiste Coreológicas Recife”, sobre companhia de dança do Recife, que estará em cartaz em São Paulo a convite do Instituto Caleidos. Neste texto Meira também sai do formato convencional de explicações e de maneira criativa narra sobre as apresentações da companhia que tem participação do público, fala da agenda, das idéias da companhia e dos projetos para o futuro, além da agenda.

No *Segundo Caderno* do dia 2 de junho de 2008, o espetáculo da companhia francesa *Dos à Deux* apareceu na coluna de Roger Lerina com uma nota intitulada “Teatro à vista”, que conta ligeiramente sobre a companhia que foi a Porto Alegre com três espetáculos. A nota termina da seguinte maneira:

Quer conferir essa maratona teatral de alto nível como convidado da Contracapa? Então vai lá no site www.zerohora.com/promocoas, clica na

promoção e responde com sinceridade: “Por que você ama o teatro?”. As três melhores respostas ganham ingressos para assistir às três peças, com direito a acompanhante.

“Dança. Os mil tons de Parsons”, assinada por Paola Deodora, foi matéria do Segundo Caderno do dia 7 de junho de 2008. A matéria contém duas páginas, sendo que uma página é dedicada à foto e ao título da matéria e a outra página com texto, inicia falando da primeira peça da companhia do ano de 1982, além da turnê no Brasil, de quantas peças serão apresentadas e em quantas cidades irão passar. O texto encerra com uma declaração de Parsons dizendo que adora o Brasil. A meia página é acompanhada de mais três declarações do coreógrafo, além de um quadro com informações do espetáculo.

“No limite do Corpo” foi capa do *Segundo Caderno* do dia 18 de junho de 2008, sem assinatura o texto noticia os três espetáculos da companhia de teatro-dança Dos à Deux, relata como a companhia foi criada, menciona cronologicamente todos os seus espetáculos e finaliza com explicação de André Curti sobre o nome da companhia:

“Dos à Deux é um jogo de palavras para a imagem de dois homens, um de costas para o outro, sempre medindo forças. Eles se amam e se odeiam, e não podem se separar. Pode ser apenas um trocadilho, mas define nosso teatro e define a vida de todos nós”

A última notícia analisada foi do dia 23 de junho de 2008, intitulada “Dança. Escola Bolshoi abre Festival”, de autoria de Roberta Pschichhoz (Vale do Sinos/Casa Zero Hora) o texto fala da abertura do Festival em São Leopoldo, da presença da Campanha Jovem da Escola do Teatro Bolshoi. O texto é acompanhado por serviço indicando quando, endereço, o espetáculo e ingressos.

Considerações

As matérias analisadas de modo geral estão inseridas num contexto reducionista, uma vez que o repórter não constrói narrativas que contribuem para o entendimento da seção de dança. A dança contemporânea, como tantas outras manifestações artísticas, já passou por diversas transformações e o jornalista deveria ao menos se empenhar em retratar essas mudanças. Diversas narrativas estão soltas pelo mundo, pedindo que alguém as interprete, as sinta. Querem ser vistas. Somente um jornalismo engajado e conectado com essas propostas construirá novas maneiras de narrá-las.

O jornalista, o comunicador como agente cultural ocupa um espaço privilegiado na sociedade – não pode se contentar em exercer a função administrativa dos sentidos já estabelecidos em qualquer instância de poder. Para renovar e criar uma narrativa rigorosa, sutil e solidária, tanto os diversos produtores do saber científico quanto aquele que rege e articula a interpretação da contemporaneidade carecem do contato e do movimento: o corpo por inteiro abre a sensibilidade para a intuição criadora que, por sua vez, mobiliza a razão complexa para uma intervenção transformadora. E esse protagonismo humano a máquina ainda não superou (Medina, 2008: 109).

Visão reducionista tem aqueles que dizem que os leitores do JC preferem mais informações e menos narrativas complexas. O jornalismo não deve se contentar com e nem ficar preso às informações rasas. O pensamento que constrói as narrativas de dança contemporânea busca questionar esses impasses que o jornalismo impresso tarda a pensar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cortinas estão abertas ou fechadas para a compreensão?

Este estudo se caracteriza como uma reflexão de tipo epistemológico ao identificar a importância de se trabalhar com as questões que envolvem transdisciplinaridade, os saberes plurais, com um discurso aberto, com agregação de tantos elementos possíveis para a construção de uma verdadeira narrativa no Jornalismo Cultural (JC).

Neste sentido, a epistemologia complexo-compreensiva, como iluminação teórica, se mostra capaz de construir algumas direções que buscam ultrapassar os limites da explicação e proporcionar alternativas para a produção de narrativas mais complexas e compreensivas, em especial nas seções dedicadas à dança contemporânea.

Como abordado no primeiro e segundo capítulos deste estudo, existe uma tendência em produzir o JC a partir de informações ligeiras. A falta de entendimento das manifestações artísticas como produção de sentidos se torna constante, o que abre espaço para a arte ser cada vez mais olhada e observada como mercadoria.

Neste sentido, a dança contemporânea é compreendida por esta pesquisadora como uma manifestação artística se permite escapar desse modelo meramente difusionista e se configura como uma manifestação que busca não posicionar o seu público num estado de passividade e contemplação, pois a dança contemporânea propõe-se como arte questionadora.

As páginas culturais estão repletas de um discurso não compreensivo, de “personagens” que determinam a maneira como o JC deve ser produzido, em que pluralismo é sinônimo de um texto ligeiro, pois há uma infinidade de assuntos que devem ser abordados, posicionando a observação “mais crítica” como uma narrativa que apenas vez ou outra é lembrada.

Os jornalistas e os responsáveis pela cobertura do JC em vários momentos trabalham sob a sombra do signo da incompreensão e colocam com frequência sua assinatura para jornalismo opinativo imerso em noções reducionistas. As estrelas se

tornam um termômetro do que é bom e do que não é bom. A *Ilustrada* escolhe os “melhores” programas culturais do final de semana, com um texto de serviço, e pronto. Está feito e muito pouco compreendido. A pesquisa procurou destacar que a produção do JC que simplesmente exclui as complexidades das produções artísticas é uma forma não compreensiva de se ver a cultura. A cobertura cultural que escolhe alguns elementos e descarta outros, que diz o que deve ou não deve ser visto, que denomina de “mais profissional” o jornalismo que precisa atender à maioria de leitores, que busca livrar-se de uma produção que sensibiliza jornalistas, que determina o cinema e a música, por exemplo, como as editoriais mais importantes do jornal, como mostra este estudo, está na linha do velho paradigma que diz o que é e o que não é válido, portanto reducionista e não compreensivo.

A idéia de pluralidade como uma maneira sensível e significativa de produzir narrativas culturais propicia uma mudança fundamental na compreensão da prática jornalística, o que implica uma extraordinária transformação que passa do jornalismo difusionista para um JC capaz de captar os acontecimentos artísticos de forma relacional. Como fez Meira em “Caminhos entrelaçados na dança”, humanizando a narrativa e privilegiando a tendência à interconectividade ao perceber a realidade em suas diversas formas, não apenas por meio de uma forma específica, única.

O JC como é praticado hoje, salvo raras exceções, permanece numa caixa de incompreensão e sob o signo da difusão, onde narrativas são inexistentes. A cobertura de dança contemporânea se encontra posicionada por uma produção que privilegia as aspás, os marcos, a trajetória da companhia, sua importância, deixando de lado a construção de narrativas, seu processo de pesquisa, não observando atentamente as transformações pela quais a companhia, o (a) bailarino/coreógrafo (a) passa. A crítica se transforma em um espaço onde o autor descreve a obra escolhida de forma tendenciosa, fazendo com que a reflexão não exista e a incomunicação se estabeleça. Mesmo que a cobertura da seção de dança indique pluralidade de temas e recursos que as companhias utilizam para conceber seus espetáculos, relatando, por exemplo, a primeira vez que um coreógrafo americano concebe um espetáculo inspirado nas canções de Milton Nascimento, ou quando uma companhia portuguesa põe no palco a história da rainha coroada depois de morta, os repórteres não conseguem absorver esses elementos em seus textos.

Algumas poucas vozes foram ouvidas no JC na *Ilustrada*, no *Viver* e no *Segundo Caderno*. Foram poucas, mas existem e não escaparam pelas mãos do repórter

empenhado em sentir e narrar a vida. Sim, algumas vozes são ouvidas, o vai e vem de histórias acabou por preencher o espaço, 30 anos de dedicação à dança foi narrado, sentido. Sua voz autoral salta das páginas como se fosse seu único momento de dançar, dança com as palavras, deixa de lado as amarras da formatação reducionista que os jornais diários há muito tempo incorporaram. Criou-se um espaço no qual o tempo de ouvir foi privilegiado, aproveitado. A compreensão, a capacidade de encontrar sentido nos fragmentos dos acontecimentos cotidianos, converte-se em narrativas complexas e compreensivas. Não mutiladoras.

A possibilidade de existir uma produção de JC que não esteja cotidianamente colado à agenda cultural não se caracteriza como uma proposta utópica e, sim, uma proposta dialógica para o registro dos acontecimentos na editoria de cultura e, em particular, na seção de dança.

A invisibilidade da dança é evidente e se perde no emaranhado de estréias, cinemas, celebridades e discursos reducionistas. Dança é divulgada em coluna social, divide espaço com os tantos anúncios de loja de móveis, ocupa um cantinho, lá bem minúscula da página dedicada ao São Paulo Fashion Week e uma peça de teatro humorística onde os atores que brilham no centro do globo da televisão brasileira têm voz.

A construção de espaços dedicados ao JC e às “danças da contemporaneidade” é necessária, para que essas narrativas sejam retratadas fora do ambiente reducionista, fora do foco das grandes super-produções pré-determinadas pela Indústria Cultural e pela agenda.

Essa atitude provocaria no leitor uma nova experiência de observação da arte como forma de conhecimento do mundo, resgatando, assim, a natureza do trabalho artístico, absorvendo seus sentidos, fazendo crescer um processo abundante de pensamentos e o reconhecimento das interdependências das linguagens, como um caminho possível para um olhar não mutilador.

BIBLIOGRAFIA

- ALEXANDRE, Marcos (2001) *Jornalismo: linguagem da simplicidade*. Rio de Janeiro: Litteris.
- ADORNO, Theodor W. (1970) *Crítica cultural y sociedad*. Barcelona: Ediciones Ariel.
- ____ (1999) *Textos Escolhidos*. Trad. Luiz João Baraúna. São Paulo: Nova Cultural.
- ARBEX JÚNIOR, José (2001) *Showrnlalismo: a notícia como espetáculo*. São Paulo: Casa Amarela.
- BAHIA, Juarez (1990) *História da Imprensa Brasileira*. São Paulo: Ática.
- ____ (1990) *As Técnicas do Jornalismo*. São Paulo: Ática.
- BARROS, Laan Mendes de. Representações da cultura brasileira na mídia francesa: 2005 – o Ano do Brasil na França. *Líbero*, n.18, 2006, p.93-104.
- BELLANGER, Claude; GODECHOT, Jacques; GUIRAL, Pierre, TERROU, Ferdinand (1969) *Histoire Generale de la Presse Française, 1815 a 1871*. Paris: Presses Universitaires de France.
- BENJAMIN, Walter (1994) *Obras escolhidas vol.1*, Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. (tradução Sergio Paulo Rouanet). São Paulo: Editora Brasiliense.
- BERNARDET, Jean-Claude (1978) *Brasil em tempo de cinema: ensaio sobre o cinema brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- BOURDIEU, Pierre (1989) *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Cia. das Letras.
- ____ (1996) *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras.
- ____ (1997) *Sobre a Televisão - Seguido de A Influência do Jornalismo e Os Jogos Olímpicos* (tradução de Maria Lúcia Machado). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- CÂNDIDO, Antônio (1981) *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia.
- CAPRA, Fritjof (1988). *O ponto de mutação* (tradução Newton Roberval Eichemberg). São Paulo: Editoria Cultrix.
- CAPUZZO, Heitor (org.) (1986). *O cinema segundo a crítica paulista*. São Paulo: Nova Stella.
- CAUNE, Jean. As relações entre cultura e comunicação: núcleo epistêmico e forma simbólica. *Líbero*, n.22, 2008, p.33-42.

- COELHO, Cláudio Novaes Pinto & CASTRO, Valdir José de (orgs.) (2006) *Comunicação e sociedade do espetáculo*. São Paulo: Paulus.
- COELHO, Marcelo (2006) *Crítica cultural: teoria e prática*. São Paulo: Publifolha.
- COLI, Jorge (2003) *O que é arte*. São Paulo: Brasiliense.
- COLIN, A. (1966) *La presse dans la société contemporaine*. Paris.
- DARNTON, Robert & ROCHE, Daniel (org.) (1996) *Revolução Imprensa: a imprensa na França, 1775-1800*. São Paulo: Edusp.
- DEBORD, Guy (1997) *A sociedade do espetáculo*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto.
- ____ (1992) *Commentaires sur la Société du Spectacle*. Paris: Éditions Gallimard.
- DESCARTES, René (2003) *Discurso do método*. 2ª. edição, São Paulo: Martins Fontes.
- FARO, Antônio José (2006) *Pequena história da dança*. 6ª. edição, Rio de Janeiro. Editora Jorge Zahar.
- FOLHA DE S. PAULO (2000) *Primeira Página*. São Paulo: Publifolha.
- FILHO, Hildeberto Barbosa (1993) *A impressão da palavra: literatura e jornalismo cultural*. João Pessoa: Idéia.
- FONTAINE, Andre (1903) *Essai sur le principe et les lois de la critique d'art*. Paris: A. Fontemving.
- FORTUNA, Marlene (2002) *A obra de arte além de sua aparência*. São Paulo: Annablume.
- GARCIA, Maria Cecília Nascimento (2004) *Reflexões sobre a crítica teatral nos jornais: Décio de Almeida Prado e o problema da apreciação da obra artística no jornalismo cultural*. São Paulo: Ed. Mackenzie.
- GOMES, Fábio (2005) *Jornalismo Cultural*. Porto Alegre: Brasileirinho Produções. Disponível em <http://www.jornalismocultural.com.br/livroseletronicos.html>.
- GOOS, Maria Carolina Giliolli (2005) *Dança: fragmentos de sonhos*. Araraquara (Trabalho de conclusão de curso – Centro Universitário de Araraquara - UNIARA).
- JANUÁRIO, Marcelo (2005) *O olhar superficial: as transformações no jornalismo cultural em São Paulo na passagem para o século XXI*. São Paulo (tese de mestrado USP).
- JATOBÁ, Anna Maria da Rocha (1989) *Leituras jornalística e estética do suplemento cultural Contexto*. São Paulo (tese de mestrado USP).

- JOBIM, Danton (1960) *Espírito do Jornalismo*. Rio de Janeiro: São José.
- KATZ, Helena (2005) *Um, dois, três. A dança é o pensamento do corpo*. Belo Horizonte: Editorial FID.
- KUNSCH, Dimas Antônio & LAAN, Mendes de Barros (orgs.) (2008) *Comunicação: saber, arte ou ciência?* São Paulo: Editora Plêiade.
- KUNSCH, Dimas Antônio (2000) *Maus pensamentos: os mistérios do mundo e a reportagem jornalística*. São Paulo: Annablume/FAPESP.
- KUNSCH, Dimas Antônio. Compreendo ergo sum: Epistemologia complexo-compreensiva e reportagem jornalística. *Communicare*, v.5, n.1, 1º sem., 2005, p.43-54.
- ____ Elogio à razão luminosa. *Communicare*, v.3, 2003. p.159-161.
- ____ Teoria guerreira da incomunicação: jornalismo, conhecimento e compreensão do mundo. *Líbero*, v.15/16, 2005, p.22-31.
- ____ A comunicação jornalística em tempos de ódio: as revistas brasileiras e a guerra contra o Iraque. *Comunicação Midiática*, v.5, 2006, p. 79-98.
- ____ Comunicação e incomunicação: aproximação complexo-compreensiva à questão. *Líbero*, v.10, n.19, 2007, p.51-59.
- ____ Crise, compreensão e comunicação: contra a certeza do pensamento avassalador. *Líbero*, n.22, 2008, p.43-51.
- KUNSCH, Dimas Antônio & MARTINEZ, Monica. Histórias de vida produzidas por jornalistas-escretores: uma experiência. *Communicare*, v.7, 2007, p.31-41.
- KUNSCH, Dimas Antônio & BARROS, Laan Mendes de. Saber pensar seu pensamento: reflexões em conjunto sobre epistemologia da comunicação. *Líbero*, n. 10, 2007, p.9-20.
- KUNSCH, Dimas Antônio (2004) *O eixo da Incompreensão*. A guerra contra o Iraque nas revistas semanais brasileiras de informação. São Paulo. (tese de doutorado USP).
- LAGO, Cláudia & BENETTI, Márcia (orgs.) (2007) *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis: Vozes.
- LIMA, Edvaldo Pereira (2008) *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. São Paulo: Manole.
- LINDOSO, Felipe (org.) (2007) *Rumos [do] Jornalismo Cultural*. São Paulo: Summus/Itaú Cultural.

- LOPES, Débora & FREIRE, Marcelo. O jornalismo cultural além da crítica: um estudo das reportagens na revista Raiz. *BOCC*, p. 1-12.
- MARTINS, Maria Helena (org.) (2000) *Rumos da Crítica*. São Paulo: SENAC/Itaú Cultural.
- MARTINS, Maria Helena (org.) (2000b) *Outras leituras: literatura, televisão, jornalismo de arte e cultura, linguagens interagentes*. São Paulo: SENAC/Itaú Cultural.
- MARX, Karl (1980) *O capital*. livro 1, vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- MATTELART, Armand e Michèle (1999) *História das teorias da comunicação*. São Paulo. Edições Loyola.
- MEDINA, Cremilda de Araújo & GRECO, Milton (orgs.) (1994) *Saber Plural: o discurso fragmentalista das ciências e a crise de paradigmas*. São Paulo: ECA/USP.
- MEDINA, Cremilda de Araújo (2006) *O signo da relação: comunicação e pedagogia dos afetos*. São Paulo. Editora Paulus.
- ____ (1986) *Entrevista, o diálogo possível*. São Paulo: Ática.
- ____ (1998) *Políticas de produção da indústria cultural ética e técnica da informação*. São Paulo: UCBC/Paulinas.
- ____ (2003) *A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano*. São Paulo: Summus Editorial.
- ____ (2008) *Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos*. São Paulo: Summus Editorial.
- MEDINA, Cremilda (2007) Jornalismo e signo da relação: a magia do cinema na roda do tempo. *Líbero*, n.19, 2007, p.17-28.
- MELO, José Marques (1972) *Estudos do jornalismo comparado*. São Paulo: Pioneira.
- ____ (1994) *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes.
- ____ (1992) *Indústria cultural, jornalismo, jornalistas*. São Paulo: Revista Barcelona. EDUSP.
- ____ (2003) *Jornalismo opinativo*. São Paulo: Editora Mantiqueira.
- MOREIRA, Roberto S. C. (1979) *Teoria da comunicação; ideologia e utopia, em busca de elementos teóricos para a leitura ideologia da indústria cultural*. Petrópolis: Vozes.
- MORAIS, Fernando (1994) *Chatô, o rei do Brasil: a vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo: Companhia das Letras.

- MORIN, Edgar (2008) *Ciência com Consciência* (tradução Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- ____ (2006) *Cultura de Massas no Século XX: Necrose*, Vol. 2 (tradução Agenor Soares Santos). Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária.
- ____ (1984) *O problema epistemológico da complexidade*. Rio de Janeiro: Biblioteca Universitária.
- ____ (1975) *Cultura de Massas no Século XX: o espírito do tempo* (tradução Maura Ribeiro Sardinha). Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária.
- MOURA, Flávio Rosa (2004) *Diálogo crítico: disputas no campo literário brasileiro (1984-2004)*. São Paulo (tese de mestrado USP).
- NEVEU, Érik (2004) *Sociologie du journalisme*. Paris: La Découverte.
- ____ (1996) *Une société de communication?* Paris: Montchrestien.
- NOBLAT, Ricardo (2002) *A arte de fazer um jornal diário*. São Paulo: Contexto.
- ORWELL, George (2006) *Na pior, em Paris e Londres*. São Paulo: Cia das Letras.
- PENA, Veja Alfredo & NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do (orgs.) (1999) *O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade*. Rio de Janeiro: Garamond.
- PIZA, Daniel (2003) *Jornalismo cultural*. São Paulo: Contexto.
- PONTES, Heloisa (1998) *Destinos mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- RESTREPO, Luis Caros (1998) *O direito à ternura*. Petrópolis: Vozes.
- ROLLEMBERG, Marcello (2000) *Papel-Jornal: artigos de jornalismo cultural*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- RIVERA, Jorge B. (2003) *El periodismo cultural*. 3. ed. Buenos Aires: Paidós.
- RUELLAN, Denis (2006) Corte e Costura do Jornalismo. *Líbero*, n.18, 2006, p.31-40.
- SIEGFRIED, Maser (1975) *Fundamentos de teoria geral da comunicação: uma introdução aos seus métodos e conceitos fundamentais*. São Paulo: Epu. (USP).
- SILVA, Wilsa Carla Freire da (1997) *Cultura em pauta: um estudo sobre o jornalismo cultural*. São Paulo (Dissertação de Mestrado em Comunicação - USP).
- SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira (2007) A Cultura no jornalismo cultural. *Líbero*, n.19, 2007, 107-116.
- VIANNA, Klauss (2005) *A dança*. São Paulo: Summus.

Sites acessados

<http://www.jsfaro.pro.br/>

<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/>

www.culturaemercado.com.br

www.digestivocultural.com

http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/setembro2005/ju302pag11b.html

<http://luisarlosrestrepo.com>

<http://www.jornalismocultural.com.br/>

<http://edgarmorin.sescsp.org.br/>

<http://www.ivc.org.br/>

<http://www.diariodepernambuco.com.br/cedoc/historia.shtml> Último acesso em 11 de fevereiro de 2010.

<http://www.ivox.com.br/opiniao/?id=46977> Último acesso em 11 de fevereiro de 2010.

<http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default.jsp?uf=1&local=1§ion=Geral&newsID=a2497977.xml> Último acesso em 11 de fevereiro de 2010.

<http://idanca.net/>

<http://www.movimento.org/>

ANEXO 1: Entrevistas

Entrevista com Tatiane Meira, jornalista da editoria de Cultura do jornal *Diário de Pernambuco*

Você se formou em Jornalismo em que ano?

Tatiane Meira - Em 1998, no segundo semestre, pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Quantos anos você trabalha no Diário de Pernambuco?

Entrei no DP como repórter de Economia, em agosto de 1998. Fiquei nesta editoria durante 1 ano e 11 meses. Saí da empresa (pedi demissão), fui morar na Inglaterra durante 6 meses. Voltei a ser contratada em abril de 2000, desta vez para o Viver, a editoria de cultura do DP. Portanto, trabalho lá há uns 10 anos, mas não foi um período ininterrupto.

Sempre trabalhou para a editoria de Cultura?

Detalhei acima. Mas existe outro detalhe curioso em minha trajetória. No principal jornal concorrente do DP, o Jornal do Commercio, fui estagiária do Caderno C, a editoria de cultura de lá, durante 1 ano, de junho de 1997 a junho de 1998. Meu sonho era continuar atuando na área cultural, quando me formei, mas acabei aceitando a vaga em Economia e foi uma fase muito importante, de amadurecimento e aprendizado.

Você oficialmente é a jornalista responsável pela dança contemporânea no jornal? Quais são as suas principais atividades no jornal? Ou quais as seções você cobre? Dança, artes plásticas, cinema?

Sim, sou a repórter que mais faz as matérias sobre dança, mas nem sempre foi assim. Quando entrei no Viver, era uma espécie de repórter-coringa, sem área fixa. Mas já tinha uma paixão antiga pela dança. Fui bailarina desde criança (comecei em Salvador, na Ebateca e na escola Compassos. Continuei no Recife, na Academia Mônica Japiassú) até meus 18 anos (cheguei a participar durante uns 2 anos de uma companhia profissional daqui, chamada Vias da Dança, mas parei por causa do vestibular. Quando adolescente, também fiz curso de teatro na Mônica Japiassú). Não fico apenas com a dança. Também escrevo sobre teatro e outras manifestações da parte de cênicas, como ópera e circo. Por incrível que pareça, também respondo pela parte de Gastronomia (dividindo com outras pessoas, pois a demanda é muito grande). Cheguei a assinar uma coluna de receitas, durante mais de 2 anos, num suplemento chamado Caderno de Domingo. A coluna se chamava Almoço de Domingo. Cubro artes plásticas quando o setorista, Júlio Cavani, está de férias ou impossibilitado de fazer o texto. Em dança e teatro, nas semanas em que a agenda está mais cheia, conto esporadicamente com a ajuda de Ivana Moura, a editora do Viver e que cobriu cênicas no caderno durante muitos anos (certamente mais que uma década), e com frequência com o auxílio de Pollyanna Diniz, que também é repórter e bastante interessada nesta área.

Qual é a idéia que você tem sobre Cultura?

Depende do contexto. Cultura é tudo que o homem produz com um intuito artístico (ou não). Hoje, acredito que o conceito de cultura está tão amplo, que não se restringe somente à cultura erudita, mas também ao que é produzido em todas as classes sociais, sem distinção.

Qual é a sua avaliação sobre o jornalismo cultural em Recife e no Brasil?

No Recife, o jornalismo cultural já passou por várias fases, assim como no Brasil, creio que são movimentos semelhantes. Aqui, as editorias de cultura tentam preparar matérias especiais, que não fiquem limitadas às agendas semanais de eventos e espetáculos, estréias e shows. Mas, muitas vezes, esbarram na falta de papel, na enorme quantidade de anúncios, nas deficiências estruturais mesmo (no DP, dependendo da época, a equipe está menor e isso complica a divisão das tarefas. Os computadores são obsoletos – só passamos a ter internet em todos os micros há 4 anos, quando nos mudamos para a redação nova, em Santo Amaro – antes a sede do DP era no centro da cidade e a internet ficava restrita a um único micro por editoria (os outros funcionavam apenas com o Unissix, uma linguagem da época do DOS, com tela preta e lettrinha branca em cima; não havia nem o Word); temos poucos fotógrafos, é difícil conseguir um carro para sair para a rua, de acordo com o horário. Na semana passada, esperei durante 1h e 30 min. para voltar da rua para a redação, por exemplo. O telefone lá é péssimo, principalmente para ligar para celular – fica dando eco, morro de vergonha dos entrevistados. Cheguei a comprar um chip de outra operadora com uma promoção de R\$ 10 gratuitos por dia e coloquei num aparelho antigo de meu companheiro, porque estava gastando muito com meu celular para fazer as entrevistas). Avaliar o jornalismo cultural no Brasil seria tarefa arriscada para mim, pois confesso não ter este conhecimento. Acompanho um pouco lendo a Bravo, a Revista Continente (que é editada aqui), a Ilustrada da Folha, o Estadão, o Correio Brasiliense, do qual republicamos várias matérias. Mas acredito que fazemos um jornalismo cultural sério e de alto nível.

Acredita que uma atividade acadêmica interfere, lhe põe mais aberta poeticamente para a criatividade ou ainda aguça sua visão crítica para com o jornalismo cultural?

Com certeza. Estar na universidade, estudando, aprendendo, é bem diferente do cotidiano do jornal. Instiga a buscar novos olhares, investigar outras maneiras de ver uma obra artística, acrescentar referências.

Cotidianamente encontramos nas páginas culturais um modelo reducionista de olhar os acontecimentos. A fórmula do certo ou errado, das estrelas de mais ou de menos está em primeiro plano. Concorda com esse pensamento ou pensa que é possível fugir da fórmula trivial do fazer jornalismo e produzir narrativas, que o jornalista Edvaldo Pereira Lima chama de “jornalismo de transformação”, ou seja, longe de divulgação jornalística que não oxigena a mentalidade, (nem dos leitores e nem dos próprios “fazedores” do jornalismo).

Acredito que é possível sair do modelo reducionista, sim, mas muitas vezes não é um processo simples. Por questões de espaço, prioridades, horário de fechamento, linha editorial, muitas vezes escrevemos textos que não exploram todo o potencial da notícia. Acredito que o Viver tem esta preocupação, na medida do possível. Mas depende muito também da vontade do repórter em acompanhar um determinado setor, sugerir pautas criativas, saber “vender seu peixe” para quem está no comando, “cavar” pautas exclusivas. Temos narrativas mais abertas também, mas o foco é sempre informativo. Vou citar um exemplo desta semana que passou. Nossa capa de sábado foi sobre um projeto de fotografia e vídeo em Condado, na Zona da Mata Norte de Pernambuco, com mulheres ligadas ao cavalo-marinho. Os outros jornais deram apenas notinhas. Um colega meu, o repórter André Dib, foi lá pessoalmente, entrevistou as mulheres e as artistas que orientaram a oficina.

É possível encontrar essa preocupação na redação do Caderno Viver?

E ainda, é possível encontrar narrativas mais “abertas” nas páginas do Viver? Respondi acima.

Acredita que o jornalista com um pensamento relacionador modifica a estratificada personalidade impositiva que se manifesta explicitamente na orientação das pautas, bem como sua execução, o que implica virtualidades de observação, entrevista, redação e edição?

Pergunta complexa, minha cara, não sei se entendi direito. Continuo batendo na mesma tecla das perguntas anteriores. Depende do jornalista furar o bloqueio da mesmice, sair dos padrões com sugestões diferentes, que ninguém deu ainda. Agora mexer na edição é mais raro, pois isso cabe principalmente às editoras. Mas a gente deixa sugestões de título e pode pedir para ver o “print”, cópia impressa da página antes da liberação (correção) final.

Me explique como funciona a produção do Viver. Quantos jornalistas, colunistas, críticos trabalham no jornal? Existem convidados que escrevem esporadicamente no Viver sobre determinado assunto?

Atualmente, são duas jornalistas no comando (Ivana Moura e a editora-assistente, Kéthuly Góes – eram dois assistentes antes, até dezembro, quando Renato L foi convidado para assumir a Secretaria de Cultura da Prefeitura do Recife e, por enquanto, a vaga está em aberto. Já ajudei na edição em umas quatro fases diferentes. Da última vez, fiquei editando durante um ano) e mais cinco repórteres (eu, André Dib, Júlio Cavani, Pollyanna Diniz e Michelle de Assumpção – estamos tentando contratar mais um repórter, mas a vaga ainda está em negociação), uma estagiária (Lucélia Brito). Também fazemos textos para a Revista de Domingo (de gastronomia, comportamento, decoração), editada por Phelipe Rodrigues. E existe um editor-júnior, Diogo Carvalho, que é da equipe de Últimas (Capa Dois), e também ajuda no fechamento da coluna de televisão (e nas matérias de gastronomia). Nossos colunistas são: Paulo Coelho (às segundas-feiras); Luzilá Gonçalves (Letras às terças, sobre literatura); Márcio Cotrim (O berço da palavra, nas quartas); e Xico Sá (Modos de macho e modinhas de fêmea, aos sábados). Tínhamos uma coluna de quadrinhos, às terças, que não está sendo publicada no momento. É bem raro termos alguém escrevendo como convidado, mas acontece em matérias especiais, de domingo, ou cadernos especiais também, como os que fizemos sobre o frevo, Ariano Suassuna ou o cordelista Leandro Gomes de Barros.

É difícil identificar um espetáculo de dança contemporânea? Às vezes a dança contemporânea é confundida com teatro?

Não só é “confundida” com teatro, como fica para um segundo plano, em relação a outros assuntos. É mais comum conseguir um espaço melhor quando é a estréia de algum espetáculo ou se a montagem vem de fora do Recife, como aconteceu na semana passada com o 1º Ato, de Belo Horizonte, que veio com Geraldas e avencas e foi matéria de capa da sexta-feira.

É possível, mesmo imersa a interminável falta de tempo do cotidiano olhar para o seu “fazer” jornalístico de maneira poética? Como trabalha essa questão?

Tento buscar um modo diferente para começar o texto, pinçar os depoimentos mais tocantes ou reveladores dos artistas. Mas é um embate, uma briga constante. Não dá para ser poético numa notinha de quatro centímetros ou reescrevendo releases... Outro ponto importante é estar tranqüilo, feliz consigo mesmo, pois a rotina da redação é uma “máquina de moer gente”, muito estresse e adrenalina, tem que haver uma (ou várias) válvulas de escape. Faço terapia bioenergética há uns 4 anos, vira e mexe pratico yoga, já fiz tai-chi-chuan por 2 anos e dança do ventre também. Hoje, tenho ido caminhar na praia bem cedinho, quando dá tempo...

Você se considera conservadora ou inovadora na construção de suas narrativas culturais diárias?

É mais fácil inovar quando temos mais espaço disponível, numa matéria para o domingo, mais trabalhada, na qual se tenha ouvido mais fontes. Mas creio que sou conservadora, Carol, sem perder a poesia, se é que este equilíbrio é possível...

O jornalismo cultural necessidade de mudanças? Quais seriam as mais urgentes?

Mais espaço para a publicação das matérias, mais tempo para que elas fossem elaboradas pelos repórteres, mais espaço para a crítica e artigos de especialistas. Também acho saudável investigar assuntos fora da agenda de eventos.

O agendamento realmente dita as regras no jornalismo cultural?

Sim, mas cabe aos jornalistas irem de encontro a esta tendência do mercado cultural.

Quais são os maiores desafios para um jornalista de cultura na contemporaneidade?

Estar antenado com o que acontece em sua cidade e no resto do planeta; circular para fazer contato com novas fontes e conhecer as obras dos artistas; ampliar seus conhecimentos com leitura de livros e revistas, sites na internet, DVDs, cinema e continuar estudando, se atualizando.

O que lhe motiva no trabalho na editoria de cultura?

Gosto muito de conversar, de conhecer novas pessoas, de ouvi-las, de saber sobre suas trajetórias profissionais e pessoais. Também gosto muito de dança em suas múltiplas apresentações e adoro acompanhar os ensaios, fazer cobertura, assistir aos espetáculos e escrever sobre eles depois. Nos últimos anos, tenho sentido o desejo de me aprofundar mais sobre dança e tenho tentado fazer cursos e oficinas teóricos durante festivais.

Preciso também de algumas questões mais técnicas do Jornal Diário de Pernambuco e do Viver. Existe um histórico do jornal com data de fundação, com quantas páginas e cadernos o jornal foi publicado, número de assinantes, desde quando a editoria de cultura existe. Enfim, um histórico mesmo sabe onde posso conseguir?

O Diário de Pernambuco é o jornal mais antigo em circulação na América Latina. Existe há 183 anos e pertence aos Diários Associados, grupo fundado por Assis Chateaubriand.

Entrevista com Eduardo Veras, jornalista de cultura do jornal *Zero Hora* de Porto Alegre

Você se formou em Jornalismo e depois se especializou em História?

Eduardo Veras - Me formei em jornalismo em 1989 pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Depois disso, acompanhei - sem concluir - o curso de graduação em Artes Visuais na mesma universidade. Mais tarde, fiz um mestrado em Artes Visuais, com ênfase em História da Arte, Teoria da Arte e Crítica de Arte, também pela UFRGS. Atualmente, sigo o doutorado no mesmo programa. (Não tenho especialização em História, como sugere a pergunta). Podes acrescentar, se quiser, que sou professor no curso de Comunicação da Universidade do Vale do Rio do Sinos (Unisinus), em São Leopoldo, lecionando uma disciplina chamada Comunicação e Arte. Tenho 43 anos.

Quantos anos você trabalha no Zero Hora?

Desde junho de 1993.

Sempre trabalhou para a editoria de Cultura?

Sempre, desde o início. Entrei como repórter no Segundo Caderno, tendo sido contratado para me dedicar prioritariamente à cobertura de Artes Visuais, embora tenha feito sempre (e continue fazendo) matérias sob outras cartolas: Cinema, Literatura, Filosofia, Comportamento... Eventualmente, ao longo desses quase 16 anos, também atuei em outras editorias do jornal, por temporadas curtas, em matérias especiais ou intervenções pontuais, sobretudo nas editorias de Geral e Política e, mais raramente, nas editorias de Economia, Esportes e Internacional. Desde 1995, venho trabalhando na maior parte do tempo como editor, mas mantenho as atividades de repórter e continuo cobrindo a área de Artes Visuais, inclusive como crítico. Entre 1999 e 2007, editei o suplemento Cultura, que sai aos sábados em ZH (guardadas as proporções regionais, é um caderno que se pretende próximo ao Mais! da Folha ou o Aliás d'O Estado de S.Paulo).

Quais suas principais atividades no jornal? Ou quais as seções você cobre? Artes Plásticas, Cinema?

Acho que já respondi isso na questão anterior.

Como você concilia suas preocupações acadêmicas com as preocupações cotidianas do jornal?

É algo difícil de responder. Não sei, de fato, o quanto consigo conciliar as duas atividades. É certo que uma contamina a outra, acredito que com resultados estimulantes, sobretudo para a atividade jornalística (na medida em que o estudo me instrumentaliza com um vasto repertório de imagens, conceitos e leituras). As limitações para a vida acadêmica advêm sobretudo do pouco tempo que me resta para um mergulho mais aprofundado nas reflexões e leituras imprescindíveis para um trabalho sério de pesquisa. Por vezes, acredito que preferiria apenas estudar, mas, enfim, preciso ganhar a vida de alguma maneira. Não partilho de visões romantizadas sobre o ofício de jornalista. Por outro

lado, acredito que a atividade como jornalista agrega à vida acadêmica um olhar obrigatoriamente atualizado e um texto que, formalmente, persegue a clareza.

Qual é a sua avaliação sobre o jornalismo cultural no Brasil? E para essa resposta você ponderou mais seu lado jornalista ou o artista? Se é que essa distinção é possível ser feita?

Não conseguiria em um espaço breve e em tempo curto fazer a avaliação que a pergunta pede. A questão é complexa, tem muitas nuances, e eu não chego a perceber claramente muitas delas. O principal debate na área, me parece, é aquele que diz respeito a quanto os Segundo Cadernos dos jornais e as editoriais de "variedades" das revistas semanais estão ou não pautados pela indústria cultural e suas agendas. O problema passa também pela diminuição de espaços críticos, pela confusão entre opinião e crítica (a qual exige necessariamente um esforço interpretativo), os preconceitos que as próprias Redações mantêm em relação aos profissionais dessa área, o quanto as empresas estariam ou não dispostas a investir na formação e no aprimoramento de seus funcionários, etc. Na segunda pergunta, fiquei na dúvida se você quis dizer meu lado "acadêmico", em vez de "artista". Mais jovem, quando fiz a graduação (não concluída) em Artes e quando estudei em ateliês de pelo menos dois artistas, eu tinha pretensões artísticas, as quais hoje estão - se não sepultadas - pelo menos adiadas ou adormecidas. Participei como artista, há bastante tempo, de pelo menos quatro exposições coletivas, mas não tenho um "lado artista". Se a questão versava sobre meu "lado acadêmico", também não sei responder. Quando eu deixo de ser um e me torno outro? Certamente, quando escrevo no jornal, sou um jornalista. Quando escrevo minha tese, quando vou à aula, quando participo de debates acadêmicos, quando pesquiso, é o lado acadêmico que emerge. Mas não sei se é mais um ou outro o que responde a este questionário.

Acredita que a atividade acadêmica e artística interfere ou lhe põe mais aberto poeticamente para a criatividade ou ainda aguça sua visão crítica para com o jornalismo cultural?

Acredito que sim. Se o sujeito não é uma besta completa, sempre vai admitir que sua percepção do mundo, sua freqüentação, aquilo que ele recolhe, que estuda, que lhe informa, tudo o que ele vê ou lê lhe põe mais aberto para qualquer atividade.

Cotidianamente encontramos nas páginas culturais um modelo reducionista de olhar os acontecimentos. A fórmula do certo ou errado, das estrelas de mais ou de menos está em primeiro plano. Concorda com esse pensamento ou pensa que é possível fugir da fórmula trivial do fazer jornalismo e produzir narrativas, que o jornalista Edvaldo Pereira Lima chama de "jornalismo de transformação", ou seja, longe de divulgação jornalística que não oxigena a mentalidade dos indivíduos.

Sim, existe um pensamento reducionista e pautado por fórmulas prontas no cotidiano dos jornais. Acredito que, eventualmente, e com resultados muito bons e muito inteligentes, alguns jornais e alguns jornalistas conseguem driblá-los. Mas há duas questões aqui que talvez valesse a pena considerar: (1) o reducionismo é próprio da atividade jornalística. Não é desejável e pode ter conseqüências desastrosas, mas ele integra, sim, o quadro geral de expectativas desse ofício. A necessidade de falar para um público amplo e heterogêneo, o pânico instaurado nas Redações com o anunciado fim do jornal no suporte "papel", a ambição algo desmedida de prestar "serviço", a pretensão didatizante, os espaços reduzidos, a superficialidade quase inerente ao texto para jornal, tudo isso parece conduzir a um modelo reducionista. (2) As Redações estão hoje cada vez mais "jovens", com profissionais em geral mal remunerados e ainda em formação. A pouquíssimos é dada a chance de se dedicar a uma matéria mais aprofundada e reflexiva. As equipes são pequenas, e as pessoas estão muito sobrecarregadas. Há repórteres com três ou quatro pautas por dia. Que texto mais elaborado ou que reflexão crítica são possíveis sob essas condições? A realidade das Redações está pautada por arrivismos diversos, pressões múltiplas e até por grosserias. Não podemos esquecer, ingenuamente, que também o jornal é um produto industrial.

Enfim, não conheço o pensamento de Edvaldo Pereira Lima, mas me parece que, nos dois pontos em que mencionei acima, fica difícil de acreditar em saídas idealistas. Não se trata de fazer pouco das soluções utópicas (acredito nelas com entusiasmo, daí inclusive meu interesse pela arte), mas examino com suspeita as suas aplicações práticas. Reitero, porém, mais uma vez, que tenho encontrado em jornais e revistas brasileiros tentativas muito bem-sucedidas de escapar dos olhares redutores.

É possível encontrar essa preocupação na redação do Segundo Caderno? E ainda é possível encontrar narrativas mais "abertas" nas páginas do Segundo Caderno?

Acho que respondi essa questão na anterior. Quanto à segunda parte, sim, encontramos, com sorte, algumas narrativas mais "abertas". Devido às questões mencionadas anteriormente, isso não se encontra cotidianamente. Talvez seja mais freqüente em cadernos de fim de semana ou publicações atípicas e especiais, como, por exemplo, a revista Piauí.

Acredita que o jornalista com um pensamento relacionador modifica a estratificada personalidade impositiva que se manifesta explicitamente na orientação das pautas, bem como sua execução, o que implica virtualidades de observação, entrevista, redação e edição?

Sim, o que você chama de "pensamento relacionador" (que eu talvez chamasse de "esforço interpretativo") pode atuar sobre a realidade. Mas dificilmente um profissional terá sucesso nessa empreitada se ele agir sozinho e sob as condições já referidas. O trabalho em uma Redação implica em um processo dinâmico, em que às vezes se perde, às vezes se ganha, às vezes se erra, com sorte se acerta.

O jornalismo cultural necessidade de mudanças? Quais seriam as mais urgentes?

Sim. Mudanças em qualquer área serão sempre necessárias e bem-vindas, mais não seja para que não se enrigessam os músculos. As mais urgentes, como referi anteriormente, parece que dizem respeito a pautas menos ditadas pela indústria cultural e maior possibilidade de crítica.

O agendamento realmente dita as regras no jornalismo cultural?

Já comentado. Sim, ele dita, e por diferentes razões: preguiça, comodidade, pressões externas, pressões internas, expectativas diversas, inclusive de grande parte do público. Me parece, no entanto, que não se deve superestimar o poder da indústria cultural. Por outro lado, não se pode dar as costas totalmente para ele. Estou convicto, porém, de que haveria (caso a caso, não com fórmulas prontas) alternativas possíveis para um diálogo com a produção cultural.

Quais são os maiores desafios para um jornalista de cultura na contemporaneidade?

Eu diria que são os mesmos de qualquer outro jornalista, de qualquer área: manter firmes o seu espírito crítico e os seus princípios éticos.

O que lhe motiva no trabalho na editoria de cultura?

Trabalho porque preciso. É uma maneira, digamos, honesta de ganhar dinheiro. Trabalhar na editoria de cultura teria alguns atrativos adicionais: sobretudo, a possibilidade de conhecer e conversar com pessoas que se esforçam para manter um olhar curioso e crítico sobre o mundo. Isso, em alguma medida, se você estiver disposto, pode aguçar sua própria percepção sobre a vida.

ANEXO 2: Jornais

Diário de Pernambuco – Caderno Viver

Recife – Pernambuco

1º de junho de 2008

Literatura China, a nova locomotiva global

Editora Boitempo traz ao público uma análise dos efeitos do capitalismo em sociedades tão distintas quanto a chinesa e a norte-americana

Teatro Magiluth encerra temporada de Ato

Antropologia Ciclo de estudos sobre o imaginário na UFPE

Artes plásticas Ranulpho oferece Coletiva de Outono

Coluna Social. João Alberto

Cinema Quem é Sandra Corveloni, afinal?

Televisão

Cinema Telephone Colorido resgata heranças do povo Mura

Crônica Veríssimo

2 de junho de 2008

Teatro Viagem do umbigo para o mundo

VERSÁTIL Ator soteropolitano Ricardo Castro leva ao Teatro do Parque o espetáculo R\$ 1,99, em que assume até a função de bilheteiro

Coluna Paulo Coelho

Artes Plásticas Paulo do Amparo extrai sons de suas pinturas

Coluna Romero Andrade Lima

Coluna Social João Alberto

Arquitetura Arte protegida por arquitetura escultural

Teatro Hermilo Realidade marginalizada como metáfora do humano

Espectáculo Pé no mundo Arraial junino diverte o público carioca

TV Canal Diario

Novelas

Filmes

Programação de TV

3 de junho de 2008

Teatro Paixão pela arte e pela verdade

Relacionamento entre a escritora Lou Salomé e o poeta Rilke é detalhado em O fogo da vida, que reúne teatro, literatura e artes plásticas

Literatura Letras às terças

Gastronomia e Música Semana regada a fado no Recanto Lusitano

Música Luto Rock perde Bo Diddley

Evento Namorados têm baile no Paço

Evento Curso de roteiro para comerciais

Coluna Social João Alberto

Cinema Cinema do Parque exhibe filmes baianos

Música Espinheiro Band Ciné reinterpreta Piaf

Música Boa Viagem Sweet Fanny lança EP no UK Pub

TV Profissão repórter agora é semanal

TV Canal Diario

Fotografia Espelhos de universo particular

Quadrinhos H o quê?

4 de junho de 2008

Exposição Salto triplo de influências

Rinaldo, Christina Machado e Luciano Pinheiro desenvolvem investigações pessoais para chegar a trabalhos maduros e equilibrados na exposição que começa hoje na Galeria Dumaresq

Literatura O berço da palavra

Política Pública Ministério e Câmara lançam diretrizes do PNC

Gastronomia Vinhos Luis Pato comanda jantar no Club du Vin

Coluna Social João Alberto

Artes Plásticas Braga Câmara expõe figuras humanas

Dança Forró Pé de Calçada defende a tradição

Dança Samba Mesa Autoral na Rua da Moeda

TV TV // Estranho mundo universitário

TV Canal Diario

Artes Plásticas Edital Trajetórias aposta em oito artistas este ano

Teatro Cena baiana Investigação cênica no Pelourinho

5 de junho de 2008

Música Cezinha do Acordeon valoriza o poder da voz

Primeiro disco do sanfoneiro ganha o reforço do canto e das composições próprias; lançamento está marcado para hoje, com pocket show na loja Passadisco

Cinema Telão, pipoca e sessão de democracia no Cabo

Cinema Audiovisual // Diretoria dá novo fôlego para a ABD

Religião Missa para Toinho Alves em Olinda

Coluna Social João Alberto

Cinema Amigos de risco tem sessão especial no Tacaruna

Música Casa Forte Fim de Feira abre temporada

Música Pina Spok e Duda tocam no Frida

TV TV Latinos ganham espaço na TV Cultura

TV Canal Diario

Teatro Entrevista [Fabiana Karla]

Teatro Sete vezes Samantha Schmütz

Música Romântico Leonardo resgata sua porção country

Coluna Veríssimo

6 de junho de 2008

Música Artesão no fole de oito baixos

Zé Calixto, paraibano radicado no Rio de Janeiro e um dos grandes mestres no terreiro do forró, lança novo disco

Evento Memória Ano de 1968 está na pauta de discussões estéticas e sociais

Gastronomia Jeff Colas comanda curso de frutos do mar

Política Pública Interior recebe oficinas do Funcultura

Livro César Amorim lança livro de poesias

Moda Gloria Coelho assina bolsas da Kipling

Coluna Social João Alberto

Artes Plásticas Tracey Emin escandaliza acadêmicos

Política Pública Congresso analisa profissionalização dos DJs

TV TV aberta

Música Roberto Carlos seduzido pela bossa nova

Cinema Cena baiana. Ó pai, ó! transpira baianidade

Cinema Projeto de lei. Filmes brasileiros na educação básica

7 de junho de 2008

Música/ Dança Sambada de coco se espalha no Guadalupe

ANIVERSÁRIO. Público de mais de 10 mil pessoas é aguardado hoje na festa de comemoração de uma década do evento em Olinda

Lançamentos **Livros**

Teatro Grupo Berlinda em temporada

Evento BB faz seminário de produção cultural

Curso/ Cinema Especialização em cinema na Unicap

Coluna Social João Alberto

Cinema A bolsa pode ser falsa, o amor não

TV . Chaves, uma jogada astuta e barata

TV Canal Diario

Música/ Dança Forró agradece ao sanfoneiro Zé Bicudo

Circo/ Educação Inauguração. Escola Pernambucana ganha seu chão

Coluna Modos de Macho

8 de junho de 2008

Música Trovadores reafirmam a poesia do forró

Músicos sertanejos renovam tradição musical apostando no lirismo e na originalidade.

Show de percussão e reciclagem

Coluna João Alberto

Teatro Divirta-se

Música Maciel chega ao topo e manda um abraço

Literatura Pernambuco dos anos 30 é cenário de romance publicado nos EUA

Coluna Veríssimo

9 de junho de 2008

Música Bossa nova é festejada em Olinda. Centro de Educação Musical de Olinda promove concerto, com duas apresentações gratuitas, no Teatro Beberibe

Evento Cine Design. Processos da criação visual e seus avanços no cinema

Coluna Paulo Coelho

Moda Fashion Rio propõe quebra de paradigmas

Teatro Mostra de Artes Cênicas na Várzea

Livro Liszt Rangel faz oficina na Jaqueira

Teatro Mulheres em V tem pré-estréia no CPT

Coluna Waldimir Maia Leite

Coluna Social João Alberto

Evento Quermesse e palhoção na festa do Sítio

Evento Chevrolet Hall. Coube todas as tribos na Festa da Capitá

Evento Imbiribeira. São João da Carvalheira apostou no ineditismo

TV Programação de TV

TV Canal Diario

10 de junho de 2008

Paulínia quer ser Hollywood

Cinema Mercado. Mesmo sem salas de exibição, cidade paulista, a 118km da capital, virou pólo cinematográfico e abriga seu primeiro festival

Literatura Letras às terças

Cinema Entrevista [Marcelo Garcia]

Coluna Social João Alberto

Religião Visita do Papa transforma vida de pequena cidade

Teatro Teatro Beberibe. Cemo homenageia bossa nova

Música Boa Viagem. UK Pub em noite autoral

TV TV. Uma cidade contra o crime

TV Canal Diario

Moda Conforto e liberdade de expressão

Artes Plásticas Exposição. Seres metafóricos de Edson Menezes

Coluna Quadrinhos H o quê?

11 de junho de 2008

Teatro Teatro pernambucano pela voz de seus atores

Dez personalidades da cena local falam sobre a relação com as artes cênicas, no livro que o ator, diretor e pesquisador Romildo Moreira lança hoje, no Sesc de Casa Amarela

Literatura O berço da palavra

Moda Espírito marinho

Fotografia Amparo 60. Fotografia e arte em debate

Coluna Social João Alberto

Música Questões ecológicas e sociais na pauta da C 4

Evento Música/ Dança e Mangá Recife Antigo. Luiz Paixão lidera forró no Mangá

Música/ Dança Casa Amarela. Arrasta-pé no Sítio da Trindade

TV. A favorita vira o jogo com o público

TV Canal Diario

Gastronomia Noite de sedução à mesa

12 de junho de 2008

Música Diva cirandeira amplia repertório musical

Lançamento do disco de Lia de Itamaracá no Nascedouro de Peixinhos conta com participação de vários convidados

Eventos para comemorar o dia dos namorados Uma noite para curtir a dois

Livro Livro resgata obra de Manabu Mabe

Teatro A Porta Aberta traz quatro peças

Livro Dirceu Rabelo lança livro de poesias

Coluna Social João Alberto

Evento DJ Magal comanda a pista eletrônica da Nox

Teatro Cena Baiana. Deus danado no Teatro Armazém

Música Regional. Banda de Pau e Corda no Arriba

TV TV. Desperate housewives anda perdido

TV Canal Diario

Música Virtuosi Brasil alimenta paixões

Música Sinfônica. Orquestra Jovem inaugura temporada na Madre Deus

Coluna Veríssimo

13 de junho de 2008

Música Arte como sacerdócio

Gravador pernambucano completa 80 anos neste domingo e a importância do seu trabalho é praticamente uma unanimidade entre especialistas

Literatura Futebol desafia tédio do deserto

Literatura Inauguração. Espaço para memória do imaginário do Sertão

Coluna Social Sandy casará em setembro

Gastronomia Gourmet Literário na Livraria Cultura

Exposição Alunos de design expõem em Olinda

Coluna Social João Alberto

Artes Plásticas A gravura de Samico "Estou me baseando numa lenda para construir um novo mundo"

Educação Rumos Educação lança edital no Recife

Música Portishead rompe silêncio de quase uma década

Música Garrafada. Sem medo de arriscar nas iguarias sonoras

TV TV Aberta

14 de junho de 2008

Música/ Dança Comandante de um exército de caboclos

Zé Duda, um dos mais respeitados e talentosos mestres do maracatu de baque solto do estado, comemora 60 anos na função anunciando que quer se aposentar e já procura o substituto

Vídeos Lançamentos

Teatro Quatro espetáculos locais fazem últimas apresentações

Teatro Cena Baiana. Festival se despede com saldo positivo

Evento Teacher's anima o Alto do Moura

Música Pé-de-serra comanda a noite em Gravatá

Coluna Social João Alberto

Artes Plásticas Jéssica Martins se rende aos florais

TV TV. Oprah Winfrey ainda é a mais rica

TV Canal Diario

FLIP Flip aposta na literatura cosmopolita

Coluna Modos de macho

15 de junho de 2008

Música/ Dança Segredos do sucesso das casas de pé-de-serra Com a fidelidade do público que gosta de dançar ao som de um bom arrasta-pé, o gênero garante espaços que funcionam durante todo o ano na Região Metropolitana do Recife

Teatro Texto polêmico no Armazém 14

Coluna Social. João Alberto

Cinema Novos longas-metragens saindo do forno

Televisão/ Cinema/ Quadrinho/ TV aberta

Livro Gol de placa na dissecação do Brasil

Coluna Veríssimo

16 de junho de 2008

Teatro Teatro para transformar realidades

Crianças de cinco municípios do interior de Pernambuco conceberam espetáculos com temáticas relacionadas a suas próprias comunidades

Coluna Paulo Coelho

Cinema Cinema defendido pelo sexo feminino em foco

Música Erudita Virtuosi Brasil Música erudita amplia atuação

Coluna João Alberto

Música O adeus comovido a Jamelão

Evento São João Pé-de-serra convive com forró eletrônico em Caruaru

TV Canal Diario

TV Novelas

Filmes

TV Programação de tv

17 de junho de 2008

Livro Zé Limeira renasce para ensinar versos

Livro antológico de Orlando Tejo sobre o "Poeta do absurdo" tem lançamento hoje na Livraria Saraiva

Coluna Letras às terças

Artes Plásticas Salão abre disputa para 2008

Moda Moda Japão toma conta da SPFW

Coluna Social João Alberto

Música Quarteto francês renova sonoridade dos bandolins

Cinema Cineclube Filme de Todd Solondz na Cultura

Música Show Bon Vivant é atração do UK

TV Tv Uma artista que pinta na pele

TV Canal Diario

Música Dona Selma festeja as bodas de ouro

Livro Livraria Cultura // Autoconhecimento revelado por meio da poesia

Quadrinhos H o quê?

18 de junho de 2008

Música Chico Buarque delicado e atemporal

Caixa com quatro CDs inclui 56 músicas retiradas de discos gravados ao longo de quatro décadas e remasterizadas e um DVD

Literatura O berço da palavra

Teatro Os dilemas de Hamlet

Dança Contemporânea Pesquisa // Caminhos entrelaçados na dança

Coluna João Alberto

Evento Palestra e mobilização pela libertação do Tibet

Livro Lançamento Ensaio lembram James Joyce

Evento Ação mulher Cinema e música no Parque

TV Audiência não implica em qualidade

TV Canal Diario

Dança Trinta anos de dedicação à dança

Teatro Afirmção do espaço feminino vai às ruas

19 de junho de 2008

Cinema Professor Pardal do cinema

Herança Percurso do inventor, cineasta, aviador, arquiteto, desenhista, cenógrafo, fotógrafo e engenheiro Pedro Teófilo Batista é resgatado pelo neto Josias

Moda SPFW dá a dica: quase tudo pode

Teatro Humor Pedro Oliveira revela lado feminino

Livro Biografia Tereza Amaral lança livro hoje

Dança Dança Marcelo Sena analisa pesquisas

Coluna Social João Alberto

Evento Farra junina esquenta forrozeiros em Arcoverde

Exposição Casa Amarela Osvaldo Vicente expõe no Sesc

Música Pina Gerlane Lopes no palco do Frida

TV TV Trabalhando para ajudar o diabo

TV Canal Diario

Livros Guerreiro intelectual na luta pela terra

Literatura Literatura jurídica Código Civil ganha versão atualizada

Evento Debate O palhaço-brasileiro de Mazzaropi

Coluna Verissimo

20 de junho de 2008

Música Tom Zé espalha energia sísmica na web

Com Dança - Êh - Sá Ao Vivo, Trama começa projeto Álbum Virtual, que permite ao fã baixar CDs inteiros e gratuitos

Música Música pernambucana circula o mundo

Cinema Debate Festival de Cannes na Aliança Francesa

Dança Cênicas Projetos de dança encerram inscrições

Coluna Social João Alberto

Livro Cultura junina inspira publicações

Moda Delicadeza e atitude no segundo dia da SPFW

TV TV aberta

Evento Bastidores do jornalismo

21 de junho de 2008

Música Renata Rosa dialoga com os mestres

CD Manto dos sonhos mistura elementos do coco, da cantoria, do samba, do cavalo-marinho, dos maracatus e dos ritos indígenas

Música Sanfona Para não sair da vitrola até São Pedro chegar

CDs Lançamentos

Moda Exército de amor e ninfas delicadas na passarela

Livro Livro sobre tatuagem na Saraiva

Coluna Social João Alberto

TV Morre André Valli, o eterno Visconde

TV Tv Silverinha guarda muitos segredos

TV Canal Diário

Evento Fundarpe investe mais nos festivais do Interior

Coluna Modos de Macho

Evento São João Pátio atrai forrozeiros

22 de junho de 2008

Evento Coco reverencia santos juninos

Festejos misturam tradições familiares, crenças e diversão nesse período. Diário dá a dica de onde o público pode participar da brincadeira

Música Vitrine ressalta a poesia do forró

Evento Roteiro // Diversidade de opções e de ritmos no São João

Coluna Social João Alberto

Teatro Laboratório de Aurélia volta para encantar

TV TV Aberta

Cinema Saga de Paêbirú será recontada

Coluna Verissimo

23 de junho de 2008

Cinema São João para todos os gostos

É só escolher o endereço do arrasta-pé, pois o festejo ferve no Recife, Olinda, Caruaru, Arcoverde, Gravatá e em muitas outras cidades

Coluna Paulo Coelho

Cinema Cirurgião plástico assina filme do Guerreiro Didi

Música Chegando no asfalto São João também é tempo para o rap de Mira Negra

Evento Inscrições abertas para o Microfonia

Rádio Rádio Frei Caneca recebe autorização

Coluna Social João Alberto

Evento Programação do Recife garante bom arrasta-pé
Moda SPFW Julio Iglesias e os fortões de Ipanema no verão 2009
TV Programação de TV
TV Canal Diario

24 de junho de 2008

Música Reconciliação na vida e no palco

Dupla Walkyria e Gennaro supera crise no casamento e após seis meses separada volta para fazer o São João mais animado da carreira

Literatura Letras às terças

Música Maestro Nunes recria o forró

Evento Folclore Mateus e Katilinda reforçam as tradições

Política Pública Revelando os Brasis Projetos são contemplados pelo MinC

Coluna João Alberto

Cinema Fé e necessidade de afeto guiam novo Shyamalan

Cinema Paço Alfândega Cineclube em sessão especial

Evento Casa Forte Plaza reedita a Fazendinha

TV TV Um astro sintonizado à realidade

TV Canal Diario

Moda Gisele causa furor no desfile anos 70 da Colcci

Quadrinhos H o quê?

25 de junho de 2008

Livro Um novo sentimento do tempo

Escritor moçambicano Mia Couto lança mais um livro, Venenos de Deus, remédios do diabo, sobre a o inescapável fluir das horas

Literatura O berço da palavra

Evento Nem a chuva atrapalhou o São João no Recife

Música Diversidade Arcoverde vai do forrock ao forrogospel

Coluna Social João Alberto

Evento Louro Santos anima o São João de Timbaúba

Música Zona Sul Garçons cantores estão de volta

Teatro Olinda Poesia e humor no Farândola

TV Aventuras da dupla 86 e 99 no Nick

TV Canal Diario

Música Pacíficos conquistadores

26 de junho de 2008

Cinema Dez anos de cinema "cabeça"

Sala da Fundaj promove a partir de hoje programação comemorativa com clássicos mundiais, cópias restauradas e inéditos no Recife

Política Pública Quarenta e três passam na peneira do SIC

Teatro Teatro Festival Estudantil abre inscrições

Artes Plásticas Arte Exportarte mostra objetos em Gravatá

Cinema Cinema Curso de roteiro é oferecido no Sesc Rio

Coluna Social João Alberto

Evento Território Nordestino embala a noite do Spirit

Música Rock Bob Nelson movimentou o UK Pub

Música Samba Gerlane Lopes é atração no Frida

TV TV O Brasil vê o Japão na tela da TV

TV Canal Diario

Música Gonzaga Leal reafirma versatilidade como intérprete

Música Disco Guardaloop injeta oxigênio na cena pop olindense
Música Aulas práticas Conservatório lança o Orquestrando Pernambuco
Coluna Verissimo

27 de junho de 2008

Literatura **O Sertão de Rosa está em toda parte**
memória Escritor mineiro João Guimarães Rosa, de Grande Sertão Veredas, é lembrado hoje,
dia do centenário do seu nascimento
Música Conservatório Oficinas no Encontro de Música Antiga
Teatro Interpretação Hipérion oferece cursos de férias
Evento Olinda Debate sobre mídia e povos indígenas
Evento Terapia // Inscrições para aulas de massagem e yoga
Coluna Social João Alberto
Música Rock in Rio ganha edição na Espanha
Livro Senhores do prazer
TV TV Aberta
Música Pérolas do baú de Pixinguinha

28 de junho de 2008

Livro **Gastronomia dos mercados populares**
Livro da pesquisadora Ana Cláudia Frazão revela segredos da culinária de feiras públicas do
Recife; lançamento é hoje no Forte das Cinco Pontas
Livros Lançamentos
Música Pífano tocado com maestria vai da novena ao forró
Música Samba Bom humor no som do morro
Coluna Social João Alberto
Dança Unione revela versatilidade da dança
TV TV Aniversário emocionado no Altas horas
TV Canal Diário
FLIP As vozes originais da Flip
Literatura Diário oficial // Conselho Municipal divulga vencedores de Prêmios Literários
Coluna Modos de macho

29 de junho de 2008

Cinema **Inconseqüência fatal**
Brasiliense Bruno Torres dirige curta-metragem sobre a morte do índio Galdino, provocada por
cinco jovens da classe média em 1997
Livro Humor de primeira de Stanislaw
Dança São Paulo assiste ao Coreológicas Recife
Coluna Social João Alberto
Cinema Saramago pelos olhos de Fernando Meirelles
TV Tv aberta
Livro Poetas do Pajeú ganham antologia
Coluna Verissimo

30 de junho de 2008

Música **Santanna respira forró tradicional**
Cantador realiza de dois a três shows por dia na temporada junina em várias cidades; hoje ele se
apresenta no auditório dos Associados | **LEIA MAIS**
Coluna Paulo Coelho
Cinema Safra de documentários

Coluna Social João Alberto

Teatro Ode ao lúdico e singelo

Música Santa Isabel Gonzaga fica a sonhar em show de estréia

Livros Lançamento Coque vive em livros e documentário

TV Canal Diário

TV Novelas

Filmes

Programação de tv

Folha de S. Paulo – Caderno Ilustrada

São Paulo – São Paulo

1º de junho de 2008

TEATRO Louco por Hamlet

TEATRO Mônica Bergamo ‘Cuba la madre que me parió’ Texto em forma de drops

Teatro ‘Hamlet é um personagem engraçadíssimo’, diz ator

TV ‘Duas Caras’ dá lugar a suas suspeitas matéria de Paulo Sampaio da Sucursal do Rio.

Livros “‘Coleção Folha” leva ‘Macunaíma’ às bancas no próximo domingo. Mais Nota explicativa “COMO ADQUIRIR SUA COLEÇÃO

Cinema/ Sinopses

Cinema/ Endereços

TV Outro Canal Daniel Castro. Mais Notas sobre **TV**. Mais **TV** ‘Marcos Palmeira faz programa que dá voz e câmera a índios’. Mais Tabela IBOPE. Mais Resumo ‘Novelas da semana’

TV Coluna de Bia Abramo sobre novela

TELEVISÃO Contendo Crítica de Inácio Araujo. Mais resumo dos filmes do dia. Mais programação do dia na TV aberta e fechada

Coluna de José Simão + Astrologia + quadrinhos + SUDOKU + Cruzadas

Coluna de Ferreira Gullar sobre Corrupção.

DVD Crítica/ ‘Margot e o casamento’

DVD Nicole Kidman desperta mágoas de família em filme.

LIVRO ‘Livro revira sexualidade e religião de Tom Cruise’ e entrevista.

2 de junho de 2008

Política Pública Novos projetos integram MAC e Pinacoteca a áreas verdes.

Mônica Bergamo **Coluna Social**

Artes Plásticas Mac vai privilegiar contemporâneos

Cinema/ Sinopses

Cinema/ Endereços

Música Tereza Salgueiro canta clássicos da música brasileira

TV Outro Canal

TV Nota “Pilar do SBT, carnê do Baú define aos 50 anos. Notas sobre **TV**. **Charge** Julio & Gina

TV Série “E! mostra lado ‘chocante’ da fama

Resumo dos filmes. **Coluna** de Inácio Araujo. Programação da TV

MODA Coleções masculinas voltam a se destacar. Astrologia, quadrinhos, sudoku, cruzadas

Dança ‘Parsons renova dança brasileira’

3 de junho de 2008

Chamada/ abre ‘Iraqe Aqui’

Coluna Mônica Bergamo

Moda Yves Saint Laurent será cremado na quinta, em Paris. Da reportagem local. Rodapé

Seminário Pinacoteca promove evento sobre projetos culturais. Nota. Da reportagem local

Cinema. Sex in the City desbanca ‘Indiana Jones’ em sua estréia. Nota. Da reportagem local

Cinema. Retratos temem represálias Reportagem. José Geraldo Couto/ colunista da Folha

Cinema. Destaques da Mostra ‘Filmes no Centro de Cultura Judaica’ + Com ficção e documentário, mostra apresenta produção atual de Israel. Texto de divulgação + nota. Sérgio Rizzo, crítico da Folha.

Música. Pendereki mostra sua faceta acessível em SP. Irineu Franco Perpetuo.

Música. CD traz cantor menos contido e mais risonho + Jorge Drexler tenta fazer seu 'Araça Azul' em novo disco. Nota sobre o novo CD e serviço + Matéria sobre show e produção. Sylvia Colombo em Buenos Aires.

Música. CD traz cantor menos contido e mais risonho + Jorge Drexler tenta fazer seu 'Araça Azul' em novo disco. Nota sobre o novo CD e serviço + Matéria sobre show e produção. Sylvia Colombo em Buenos Aires.

Cinema. Cinema/ Sinopses. Resumos e classificação por estrelas. Sem autor.

Cinema. Cinema/Endereços.

Televisão. Outro Canal. Coluna sobre televisão e notas. Daniel Castro/ e-mail divulgado dcastro@folhasp.com.br

Televisão. Série 'Warner exhibe final de 'Gossip Girl'. Nota com quando e onde. BB/ Colaboração para a Folha.

Filmes. Resumos dos filmes do dia, classificação por estrelas. Resumo. Inácio Araujo.

Filmes. Crítica. 'Madame Curie' deixa-se ver com enfado. Crítica. Inácio Araujo/ crítico da Folha.

Televisão. Programação. Tabela de horários.

Coluna José Simão

Astrologia/ Quadrinhos/Sudoku/Cruzadas

Crônica. Mãos ao alto, isso é um casamento. Crônica. João Pereira Coutinho.

Agenda. Concurso Bidu Sayão anuncia vencedores/ Estudo divulga nova causa de morte de Chopin/ Encontro discute programação na América Latina. Notas

4 de junho de 2008

CD 'O som dos livros'

Mônica Bergamo **Coluna Social**

Música Matéria 'Bethania é 1 interprete a ganhar premio Sheel.

Teatro 'Brook encena Beckett no Festival de Londrina. **Música Clássica** 'Tributo a Beethoven tem 48 concertos' nota de Irineu Franco Perpetuo. Nota **Música** "Yoko perde ação e "Imagine" fica em Filme

Música 'Memória Som selvagem de Bo Diddley influenciou de punks a rappers

Música 'Maná volta ao Brasil e faz campanha pela floresta

Livros '1 leva inclui biografia de Tim e obra de Maitê. Quadro com alguns títulos. Mais matéria 'Para Professora, áudio não substitui leitura, mas amplia conhecimento. Mais nota 'Segmento é dominado por auto-ajuda'

Novela ANÁLISE 'É o fim da hegemonia das novelas globais. Crítica

Artes plásticas 'Art Basel confirma bom momento da arte brasileira'. 'Paralelas têm presença de galerias menores'

Crítica/artes plásticas/ 'Laços do Olhar' 'Generosidade é trunfo de mostra de Tomie'

ILUSTRADA/ ACONTECE

Cinema 'Mostra reúne filmes de Altman' com tabela de filmes quadro com nome da mostra quando, onde e quanto.

Cinema Blog, show e filme esquentam espera por novo Zé do Caixão

FOLHA ACONTECE

Música, teatro exposições e anúncios de shows

Cinema/ Sinopses

Cinema/ Endereços

TV Outro Canal

TELEVISÃO Reality Show 'Baixista do Kiss volta a dar aula de Rock. **Coluna** Inácio Araújo.

E13 **Coluna** Jose Simão

Coluna Marcelo Coelho. **Notas** sobre televisão livros e personalidades

5 de junho de 2008

Cinema Argentina de olho no Brasil

Coluna Social Mônica Bergamo

Literatura ‘Schwartz abre a 6 Flip com tributo a Machado’. ‘Mesas abordam teatro, cinema e até quadrinhos. Quadro com as mesas da **6 Flip**

Gastronomia COMIDA ‘Na horta do Sr. John’ Janaina Fidalgo, enviada especial a Cerquillo

Gastronomia COMIDA Vinho ‘Adega chilena desponta com novidades’. **Crítica**

Gastronomia Na casa espanhola Torero Valse, os sabores se salvam diante dos deslizos. Bom e barato Armazém serve corte variados de churrasco. ‘Vodca Grey Goose lança sabor pêra. Mais notas intitulada “Tentações”.

Coluna de Nina Horta

TV Televisão. ‘É o momento mais importante da TV latina’

Artes plásticas Tela de Monet é achada na França.

Cinema ‘Filmes não devem se ater aos limites da nacionalidade’. Com raio X do produtor, mais aspás

Cinema/ Sinopses

Cinema/Endereços

Música ‘Mauricio Takara aproxima-se de sonoridade pop em novo disco’

Teatro ‘Cia. Ludens mostra texto de Bernard Shaw inédito no Brasil’

Outro Canal com **TELEVISÃO** especial ‘Programas destacam dia da natureza. **Coluna** Inácio Araújo.

José Simão

Coluna Contardo Calligaris. Notas sobre Teatro, Música erudita e Polanski

6 de junho de 2008

Música Dois no Tom

Mônica Bergamo

Música. ‘Foi difícilimo convencer o Roberto’. Coluna [+]Lançamento ‘Efeméride traz Tom em novas edições’

Música Memória Meirelles uniu jazz e gafeira em clássicos da música brasileira

Osesp inicia mês intenso e com vários convidados

MÚSICA ‘Legend lança CD e volta à parceria com Kanye West. Madonna deve vir em dezembro, diz jornal

Coluna Conexão Pop. Pequenas notas sobre música

Teatro ‘Peça espreita as obsessões de um psicopata

Outro Canal

José Simão

Coluna Carlos Heitor Cony. Notas sobre artes plásticas, literatura, teatro.

ILUSTRADA 2

Moda Fashion-Rio enfrenta o verão pós-Gisele

Coluna Última Moda ‘Para diretora do Fashion Rio, Gisela não fará falta’. Quadro com a programação dos desfiles.

Cinema/Estréias Crítica ‘Sex in the City – o Filme’. Quadro com “Quero ser a...”

Outra opinião ‘Menos Sarah Jessica e mais Dorothy Parker

Cinema/Estréias/‘Crítica’ Joy Division Documentário Alimenta o mito do grupo de Ian Curtis

Cinema/ Estréia/’ Crítica’ ‘Antes que o diabo que você está morto’

7 de junho de 2008

Astrologia

Filmes

José Simão: Buemba! Mulher Invisível posa pelada!

Programação de TV
Horário nobre na TV aberta
Mônica Bergamo
"Sempre vejo a esquisitice do dia-a-dia"
Trechos
Crítica: Contos expõem solidão do "homem sem pé nem cabeça"
Livros: Coletânea reúne 14 diários de guerra
Rodapé literário: Birmânia sem gelo
Crítica/"O Destino do Jornal": Estudo analisa perspectivas para jornal impresso no Brasil
Imprensa nos EUA é tema de Philip Meyer
Memória: Morre poeta venezuelano Eugenio Montejo
Crítica/"Quinta-Coluna": Crônicas de Contardo devem ser provadas em pequenos tragos
Trecho
Vitrine
Crítica/"Flying Circus": DVDs apresentam o humor devastador do Monty Python
Série: Final mostra beijo gay de Aniston e Cox
Laertevisão
Televisão: Berlinenses protagonizam "Big Brother" 24 horas
Resumo das novelas
Drauzio Varella: Medicamentos para o alcoolismo
Artes plásticas: Ciclo de debates sobre a obra de Cildo Meireles começa hoje
Confinamento é tema de nova peça de Roveri
Bóris do título é um cachorro
Artes: Reiszewitz discute fotos com crítico
Cinema: Folha faz sessão gratuita de "Dragão"
Historiador inglês Tony Judt cancela participação na Flip

8 de junho de 2008

‘Bem na fita’. Divulgação da pesquisa Datafolha sobre **cinema** brasileiro
Mônica Bergamo
Teatro Adaptação de Noviça Rebelde é fenômeno no Rio
Cinema e Música Pirataria e Download. Maioria já consumiu CDs e DVDs piratas. Sertanejo e MPB são estilos musicais mais ouvidos. **Teatro** Musicais são os preferidos da minoria que vai ao teatro
Política Pública Seminário em SP debate investimento em cultura
DVD ‘Auto da Compadecida’ vai às bancas
TV ‘A alma do programa não é o apresentador’
DVD Crítica/ ‘Homem sem Rumo’
Cinema/ Sinopses
Cinema/ Endereços
Outro Canal
TV ‘Tédio, sexo e discussões sustentam série’
Ibope + Novelas da Semana resumos.
Coluna Bia Abramo. **TV** + Coluna Inacio Araujo. Filmes + Programação
Coluna José Simão
Coluna Ferreira Gullar
CDs recordam ‘Ídolo da juventude’

9 de junho de 2008

Artes Plásticas Grupo Chelva Ferro abre exposição individual em SP
Moda São Paulo Fashion Week, que começa no dia 17, vai trazer o estilista Kenzo para palestras e fará exposições de quimonos históricos e peças de designers atuais, como Rei Kawakubo

Mônica Bergamo

Moda 'SPFW' traz o Japão Fashion ao Brasil

Outro Canal

Quadrinhos. 'Quadrinhofilia' transita entre gêneros. Quadrinhos/ Astrologia Sudoku/ Cruzadas

Coluna Nelson Ascher. Notas sobre Cinema, evento de literatura e música.

ILUSTRADA 2

Artes Plásticas Melodia do Barulho

Grupo Chelpa Ferro abre mostra na Vermelho com obras inéditas que interagem com som

Cinema Memória Risi foi mestre da comédia social

Artes Plásticas 'Chelpa Ferro cria música mecânica com luz e ruídos'

Cinema/ Sinopses

Cinema/ Endereços

Música Neta de Chaplin combina teatro, Dança e circo em espetáculo. Quadro com exposições, música e teatro

CDs Lançamentos homenageiam Altamiro Carrilho. Irineu Franco Perpetuo Colaborador. Coluna com principais discos.

Crítica/ 'A música no Rio de Janeiro no Tempo de D. João 6º. Nota Biscoito Fino lança dois CDs da época

10 de junho de 2008

Cinema Lourenço Mutarelli vive nas telas o protagonista de romance seu.

Internet Em nova seção, editor de blog mais popular do mundo defende liberdade na rede

Cinema Nacional Autor & Personagem

Mônica Bergamo

Cinema Mutarelli compõe monstro humano

'É um filme de amor para pessoas vividas'

Cinema Versátil, Grampá vai da HQ ao cinema

Artes Plásticas Brasileiros modificam a fachada da Tate modern

TV Série é ambientada na Polícia paulista

Televisão

José Simão

Coluna João Pereira Coutinho. Notas sobre Literatura, mostra de cinema, cinema nacional

ILUSTRADA 2

Sr. Blog

Internet Na rede. Sem controle

Tecnologia Blu-Ray busca espaço no Brasil

Música Marcos Valle lança trabalho com nova geração da MPB. Notas Literatura, televisão

Crítica/teatro/'A Megera Domada' Cacá Rosset cede a fórmulas garantidas na volta do Ornitorrinco

Teatro Moreau reencontra Heiner Muller

Cinema/ Sinopses

Cinema/ Endereços

VI FLIP Festa Literária Internacional de Paraty.

11 de junho de 2008

Arquitetura Olhar concreto

Mônica Bergamo

Literatura. Paulo Coelho lança seu próximo romance pela Agir

Política Pública Especialistas defendem mudanças na Lei Rouanet

Arquitetura Yukio Futagawa cerca com lentes o modernismo

Moda Pequenas grifes se destacam no Fashion Rio

Cinema 'Sex in the City' estreia no país com melhor média por cópia. Nota **Dança** 'Morre bailarina espanhola Mariemma, 91

Outro Canal

José Simão

Coluna Marcelo Coelho

Teatro Mulheres de 'Mother' estrelam peça. **Teatro [+]** comentário Autor compara balzaquianas de 93 às de hoje

Ilustrada 2

Música Paris em histeria

Música chamada para: Mallú Magalhaes e Esthephanie Toth fazem shows em Festival em SP

Música É a musica de uma geração que fala de sexo

E11 **Música** Franceses usam toca-discos como 'banda de rock'

Crítica 'Clima viajante do freejazz marca 1 disco

Teatro 'Bonecos e 45 músicos encenam 'pedro e o Lobo'

Ilustrada/ Acontece. Exposições

Ilustrada/ Acontece. teatro

Cinema/ Sinopses

Cinema/ Endereços

Música Festival reúne estrelas teen do folk

Música Curumin usa referências orientais da infância

12 de junho de 2008

Gastronomia Josimar Melo Avalia cardápios e vinhos de motéis de SP

Teatro Amor sem vergonha. No Dia dos Namorados, Marisa Orth une musica e bom humor em show

Política Pública Lei Rouanet Secretários de Cultura de SP suspeita de boicote do MINC

Mônica Bergamo

Música Melvins e Hives tocam em novo Festival. Escalação reúne três gerações do rock. Marky celebra 20 anos de carreira e toca por sete horas

Música Menezes volta a Beethoven em CD

Crítica/Livro Britânico anuncia morte da indústria fonográfica em Livro

Música Nána e Yamandú fazem Maracatu dos Andes

Teatro 'Quero ver se amadureço e paro de fazer piada'

Teatro Sem medo de 'egotripo' Fernando Yung leva 'A idéia' ao teatro

Política Pública Sayad suspeita de Boicote do MinC

Literatura nota sobre a **Flip**

Gastronomia Comida. Comer, comer. **Crítica** BeFresh não é brilhante, mas está longe da mediocridade de casas 'saudáveis'

Coluna Nina Horta

Balé clássico Balé reconta tragédia de rainha portuguesa. Ao lado tabelas com programação de teatro

Exposição reavalia papel do desenho. Programação de música e exposição

Cinema/ Sinopses

Cinema/ Endereços

Outro Canal

Coluna José Simão

Coluna Contardo Calligaris. Notas sobre Literatura, música, cinema

13 de junho de 2008

Cinema Verde e Amarelo. Na estréia de 'O incrível Hulk' diretor fala sobre as cenas filmadas no Rio; Rocinha é 'o tipo de lugar em que alguém fugindo da lei se esconderia'

Mônica Bergamo

Anúncio Sinatra by Sinatra

Cinema Crítica/ 'O incrível Hulk' Filme 'e correto, mas sem graça

Cinema Crítica/ 'A outra'. Longa com Johansson transforma boa historia em folhetim sem ritmo

Cinema/ estréias. Crítica 'Fim dos tempos'. Novo filme de M. Shyamalan erra ao se levar a sério demais

Cinema 'Era uma Vez...' põe à prova o 'filme de favela'

Exposição 100 anos imigração japonesa. Começa maior evento do centenário

Música Justice será principal atração do Skol Beats. Lançamentos de CDs

Coluna Conexão Pop

Nota. Morre aos 87 anos Jean Desailly; protagonista de 'Um Só Pecado'

Música. De havainas, Calcanhoto canta o mar

Crítica/Música. Discos iluminam outros aspectos da obra de Cartola

Última Moda

Outro Canal

Coluna José Simão

Coluna Calos Heitor Cony. Notas sobre Música, personalidade, cinema

14 de junho de 2008

Livro Opiniões Fortes. Prêmio Nobel J.M. Coetzee lança 'Diário de um ano ruim' que reúne ensaios de conteúdo biográfico, e afirma a Folha que quis discutir a natureza e autoridade das opiniões

Mônica Bergamo

Museu SP planeja museu de folclore

Artes Plásticas Luz dá forma à obra de Wyn Evans

Artes Plásticas Telas de jovens artistas chinesas expõem lado consumista do país

Crítica/teatro/ 'Eu Quero Ver a Rainha'

Teatro FIT Festival destaca Koltès e Jodorowsky

Política Pública Ministro português quer política comum para língua

Cinema Com filmes de Roberto Santos, SP abre biblioteca voltada ao cinema

Livros. Crítica 'História da Imprensa no Brasil' Com análises e relatos, obra traça panorama da imprensa

Nota literatura Laurentino Gomes recebe prêmio da ABL

Livros Crítica/ 'Lições de Roteiristas'. Mesmo datado, livro não interessa apenas ao cinéfilo

Livros Crítica/ 'O Despenhadeiro'. Iconoclastia de Fernando Vallejo vale como sacramento católico + Lista de livros mais vendidos/ Vitrine Livros: ficção / não-ficção

Livros. Coetzze analisa 'autoridade' de opiniões

Livros Crítica/ 'O fazedor'. Borges aproxima invenção e forma histórica

Livros. Crítica/ 'King Kong e Cervejas'. Estréia de Corsaletti em conto mesclam o banal e o poético

Livro Crítica/ 'Nada'

Coluna Rodapé Literário. Instinto de beleza

ILUSTRADA ESCOLHE. Notas Teatro/ Música/ Exposições/ Cinema

Dança Contemporânea Primeiro Ato e Baleiro riem da busca pelo corpo ideal

Cinema/ Sinopse

Cinema/ Endereços

TV Televisão 'Com Radiola', Cultura busca público mais jovem. Filmes. Programação TV aberta e fechada

Coluna José Simão

Coluna Antonio Cicero. Notas Música e cinema

15 de junho de 2008

TV Novela. Além da Imaginação

Mônica Bergamo

Livros 'Coleção Folha' lança crônicas de Quintana

Cinema Documentário mostra ação de pichadores em SP

Teatro 'Faço um teatro romântico, mas concreto'

Teatro Crítica/ 'Não sobre o amor'

Cinema/ Sinopse

Cinema/ Endereços

Outro Canal / Ibope/ Novelas da semana

Coluna Bia Abramo

Televisão. Crítica 'Deuses e Monstros' liga criador e criatura/ Filmes/ Programação

Coluna Jose Simão

Coluna Ferreira Gullar

Música Caixa passeia por quatro décadas de Chico Buarque

16 de junho de 2008

Política Pública Choque de culturas. Ministro interino da Cultura, Juca Ferreira, e secretário de Cultura do Estado de São Paulo, João Sayad, acirram debate sobre uso da Lei Rouanet

Mônica Bergamo

Moda Lenny e Redley iluminam o verão 2009

Política Pública MinC revida artilharia de São Paulo

' Menos 10% do que gastamos é da lei'

Música "O que querem de mim é 'Johnny B. Goode'", diz Berry

Música Comentário Músico foi um dos primeiros a ter platéia multicolorida

Cinema/ Sinopse

Cinema/ Endereços

Outro Canal + Música Fosse menos 'puxador' Jamelão talvez não tivesse morrido

Coluna Nelson Ascher

Notas. Literatura, artes Visuais, ilustração, teatro

17 de junho de 2008

Teatro Brasil na Broadway

Mônica Bergamo

Moda 25 São Paulo Fashion Week. Osken abre hoje desfile de verão

Moda 25 São Paulo Fashion Week Blue Man e Colcci Liberam estréias

Teatro Análise/ Paulo Szot. Elegante, barítono se adapta aos estilos. Econômica, nova peça de Peter Brook vai da comédia ao luto

Internet Na Rede. Baby Tube

DVDs Crítica/'Contos da Lua Vaga'/ 'O Anjo Embriagado'. Clássicos japoneses têm boas edições

Cinema/ Sinopses

Cinema/ Endereços

Outro Canal

José Simão

Coluna João Pereira Coutinho

18 de junho de 2008

Música Os Vikings do Assobio

Mônica Bergamo

Livros Editora prepara série de Livros sobre Mira Schendel

Exposição Após roubo, museu abre exposição com novas doações

Programação de música teatro em cartaz especial

Cinema/ Sinopses

Cinema/ Endereços

Outro Canal

José Simão

Coluna Marcelo Coelho

Música Selos suecos procuram saídas fora da Indústria

19 de junho de 2008

Cinema Velho truque de cara nova. + Coluna [+] **Crítica** Adaptação é fiel a traços do original

Mônica Bergamo

Gastronomia Comida/ **Crítica** Reaberto, Donna vai além de pizzas, mas pratos têm desempenho modesto

Coluna Nina Horta

Gastronomia Comida Pernambuco com açúcar

Teatro 'Hamlet é um mutante', diz Aderbal. Quadro OUTROS HAMLETS

Teatro Baseada em livro, peça sonda universo de um jovem autista

Fotografia Leonora de Barros brinca com o tempo em mostra

Artes Plásticas Programação da 28 Bienal começa hoje com debate

Cinema/ Sinopses

Cinema/ Endereços

CINEMA Memória/ Ela pôs o mundo de ponta-cabeça

Cinema Mostra reúne oito filmes da recente safra francesa

Música. Discípula de Hancock abre Festival

Outro Canal

José Simão Coluna Contardo Calligaris

Notas sobre Cinema e Música

20 de junho de 2008

Cinema. Tão longe, tão perto

Mônica Bergamo

Cinema/ Estréias. Hollywood aproxima atores brasileiros

Cinema/ Estréias. Aragão 'inova' no cinema e na TV

Cinema [+] Crítica. Longa acerta na ação, mas perde humor de Didi

Nota Mostras Cinemateca abriga Glauber e ciclo '68'

Cinema Crítica/'Personal Che' Filme faz minuciosa análise da criação do mito de 'Che'

Cinema Crítica /'O advogado do Terror' Ambigüidades conduzem documentário sobre Vergès

Música Crítica/'Banda Larga Cordel' Talentoso, mas enferrujado, Gil

Música Com Tom Zé, Trama lança projeto de discos grátis

Coluna Conexão Pop

Música Roberto Mendes louva Bethania e Santo Amaro

Quadro dicas de **CDS**

Música Crítica Chuck Berry. Lenda viva decepciona em show previsível e burocrático

TV Série mostra jovem com alma vendida ao Diabo

Teatro Prêmio Tony infla salário de brasileiro e lota teatro

Internet Folha Online estréia o maior roteiro cultural

Outro Canal

José Simão
Coluna Carlos Heitor Cony

21 de junho de 2008

Artes Plásticas Bola da Vez Aos 60 anos, o premiado Cildo Meireles prepara grandes exposições na Tate, em Londres, e no museu Reina Sofía, em Madri

Mônica Bergamo

ENTREVISTA CILDO MEIRELLES. 'Queria ser o meu maior colecionador'. [+] Análise Obras de Cildo desafiam os sentidos

Livros/Crítica Em 'Veneno Remédio' Wisnik 'parafusa' o marxismo Uspiano

Vitrine

Ficção e não ficção

Livros Ingo Schulze leva contos e história alemã à Flip

Livros Crítica/ 'Celular-13 Histórias à Maneira Antiga' Relatos de livro espreitam o instante que rompe a banalidade do cotidiano

Livros Crítica/ 'O ventre' Cony confronta anos JK com romance sarcástico e profundo

Ilustrada Escolhe Teatro/ exposição cinema música

Ópera Tragédia de 'Butterfly' volta a SP

Programação de Teatro

Cinema/ Sinopses

Cinema/ Endereços

Televisão Morre Visconde de Sabugosa da TV. Atriz Dirce Migliaccio, a primeira Emília, se emociona ao falar do parceiro. Programação TV aberta fechada, filmes

José Simão

Coluna Drauzio Varella. Notas Cinema, personalidade, cinema

22 de junho de 2008

TV Vilão negro. Por que não? Milton Gonçalves conta que recebeu mensagens irritadas de militantes do movimento negro por interpretar deputado corrupto em 'A Favorita' e chama política atual de 'podridão'

Mônica Bergamo

TV. 'Como pode não termos um Obama'

TV Série TV. Calma, Betty!

Música Carnegie Hall lotado recebe João Gilberto

Livros 'Poema Sujo', de Ferreira Gullar, é último volume da 'Coleção Folha'

Cinema/ Sinopses

Cinema/ Endereços

Outro Canal Documentário. Repórter busca anônimos na guerra. IBOPE. Novelas da semana (resumo)

Coluna Bia Abramo. Televisão

José Simão

Coluna de Ferreira Gullar

23 de junho de 2008

Teatro Sem utopia. Um dos maiores dramaturgos contemporâneos e destaque da FLIP, o conservador Tom Stoppard fala à Folha sobre teatro e política

Mônica Bergamo

TV MUSEU DA TV. Prédio histórico de SP abrigará museu da TV

Entrevista com Tom Stoppard 'O que me interessa é o cheiro do teatro'. [+] Saiba Mais Beckett é influencia central

Dança Festival leva dança às ruas do centro

Música Músico argentino toca Piazzolla e Gardel com Sinfônica Brasileira

Cinema/ Sinopses

Cinema/ Endereços

Outro Canal

Quadrinhos Zumbis Assombram em HQ de terror. Astrologia, sudoku, cruzadas

Coluna de Nelson Ascher. Notas sobre música, teatro e debate

24 de junho de 2009

Música. João, o tempo e o vento

Mônica Bergamo

Performer Maior performer contemporânea ganha mostra. A sérvia radicada nos EUA Marina Abramovic ganha exposição aberta amanhã na galeria Brito Cimino

Internet Na Rede Webenólogo

Ópera Crítica/ 'Madame Butterfly' Ópera de Puccini vira um teatro nô com arte de Tomie. Quarteto Radamés Gnattali lança seu 1 CD em recital

Cinema/ Sinopses

Cinema/ Endereços

Outro Canal

José Simão

COLUNA João Pereira Coutinho

25 de junho de 2008

Quadrinhos Doutor Fantástico. Inglês Neil Gaiman criador da clássica série 'Sandman', diz à Folha que o Brasil foi um dos primeiros países a reconhecer quadrinho como literatura; ele vem ao país na próxima semana lançar dois livros na Flip

Mônica Bergamo

Livro 'Minha ficção se debruça sobre medos e desejos'

Quadrinhos [+] Saiba Mais Brasileiros comentam influência

Teatro Crítica/ 'Hamlet' Moura faz o Hamlet da sua geração

Música Go! Team traz 'confusão sonora' a SP + Tim Festival anuncia seus primeiros estrangeiros

Fotografia Crítica/Fredi Kleemann Fotógrafo alemão registra nascimento do teatro em SP. Guia de Exposições e Música

Cinema 'Segredo do Grão' aborda imigrantes na França

Cinema/ Sinopses

Cinema/ Endereços

Outro Canal

José Simão

COLUNA Marcelo Coelho

26 de junho de 2008

Cinema Minha vida de Robô

Cinema Crítica História de amor e citações valem filme

Mônica Bergamo

Exposição Robô de Portugal faz pintura abstrata. Notas Livros, palestra, erudito. Bienal vai repetir 'Bienal do vazio' em Veneza

Cinema Pirataria pode levar ao 'fim do cinema'. **DVD/** 'Eraserhead' e 'Império dos Sonhos'

Música DJ dos Racionais faz panorama do rap em mixtape

Música Mario Gil mostra hoje sua 'colcha de retalhos'

Teatro Crítica + Crítica/ 'Romance Vol. 2' Show mantém 'bitola de humorista' de Orth

Teatro Roda Brasil busca renovar público de circo em 'Oceano'

Exposição Mostra no Rio expõe intimidade de Machado

Gastronomia Comida/Bebida Mapa da mina

Gastronomia Comida Crítica Cortes feitos no estilo argentino são destaque no simpático Parrilla Brasil

Gastronomia Coluna Nina Horta

Música 'Porgy and Bess' estréia com jazz, amor e ilusão

Dança Contemporânea 'Parangolés' de Hélio Oiticica inspiram dança

Cinema 'Não quero mais ser vista como atriz revelação'. Programação, teatro, música, exposições

Cinema/ Sinopses

Cinema/ Endereços

Outro Canal

José Simão

Coluna Contardo Calligaris

27 de junho de 2008

Livro O amigo secreto Personagem freqüente das obras de Bandeira, Vinicius, Fernando Sabino e outros, o artista diletante e boêmio Jayme Ovalle ganha livro escrito por Humberto Werneck Mônica Bergamo

Artes Plásticas Beijo gay em Berlim ainda opõe artistas e políticos. Televisão Estréia nos EUA reality show com pais e bebês temporários

Livro 'Sua vida era sua obra', diz biógrafo

Livro + Crítica/'Romance' Rosa Passos canta baixinho a dor do amor

Música Crítica/'Paralamas e Titãs- Juntos e ao Vivo'

Música Bom reencontro de veteranos do rock ganha registros fracos. Nota Paralamas preparam CD para outubro

Música Jamie Lidell volta menos soul e mais pop em 3 CD+ Quadros com dicas de Lançamento CDs

Coluna Conexão Pop

Cinema/ Estréias

Cinema Crítica/ 'Onde Andará Dulce Veiga?'. Nota Cinema Shopping ganhará cinco novas salas

Cinema/ Estréias 'Amélie Poulan' retorna como golpista. + Crítica Sem inovar, comédia romântica faz leitura às avessas da luta de classes

Cinema Crítica/'Lady Jane'

Última Moda

Lirismo e luxo brasileiro na SPFW

Evento Natureza inspira festival de Serrinha

Folha lança hoje Guia com dicas de livros, CDs e DVDs. Do concreto à espuma, Alexandre da Cunha cria a partir da banalidade

Outro Canal

José Simão

Coluna Carlos Heitor Cony

28 de junho de 2008

FLIP O grande leitor

Mônica Bergamo

6 FLiP Carlos Lyra contesta mitos da bossa em livro

6 FLiP Em 'Tropa', fanáticos da justiça vão mais longe que malfeitores. [+] Análise Autor polemizou com tropicalistas e concretistas

6 FLiP 'Uso a intuição para achar a história'

6 FLiP Vitor Ramil lança sua Macondo particular em livro

Coluna rodapé literário Mundos em Miniatura

6 FLiP Memória da ditadura guia argentino

Livro Crítica/'Sem sangue' Alessandro Baricco pisa em solo pouco firme em guerra metafórica de romance

Livros

Livro Crítica/' Ungáua!' Ruy Castro exhibe 'erudição do cotidiano' em crônicas. Vitrine. Livros. Mais Vendidos

Teatro. Grupo encena tecnologia como desafio humano

Crítica/teatro/'Confissões das Mulheres de 30'. Peça tem bom gosto e despojamento típicos de blog de amigos

Programação Teatro

Cinema/ Sinopses

Cinema/ Endereços

Televisão

José Simão

Coluna Antonio Cicero

ILUSTRADA 2

Música Rock no Parque

Crítica/cinema/ 'A última amante' Catherine Breillat subverte convenções do filme de época

Crítica/cinema/ 'Dot.com' Comédia reforça clichês que associam Portugal ao atraso

Secretaria anula concurso após denúncia

Arquitetura Frank Gehry ganha o Leão de Ouro em Veneza

Música Erudita Análise Com John Neschiling à frente, Osesp virou patrimônio comum.

[+]Saiba Mais: Versões dissonantes marcam o caso. Outra opinião: Apesar de temperamento difícil, desafetos só ganharam força com a posse de Serra

29 de junho de 2008

Cinema Nacional. Filme com Fome

Mônica Bergamo **MÚSICA** Rappin' Hood municipal

Cinema Novo filme será drama em prisão. **DVDs Crítica/** 'Sócrates' Rossellini exhibe sua modéstia ambiciosa. Nas lojas: DVD

Teatro Cuba recebe Satyros com mimos e regras

Festa gay usa Beckham e vela para afastar polícia

'Há interessados em investir, mas não podemos recebê-los'. Abel Pietro, ministro da Cultura de Cuba, diz que fim de bloqueios aos investimentos internacionais seria solução para situação 'deplorável' de instituições

Cinema Ator de 'Entourage' dirige filme sobre celebridades

Cinema/ Sinopses

Cinema/ Endereços

Outro Canal

Bia Abramo + Televisão

José Simão

Coluna Ferreira Gullar

30 de junho de 2008

Música Cruzes!!! Primeiro show de Justice no Brasil, em setembro, será o último da dupla de electro-rock 'por um bom tempo

Mônica Bergamo

Música Agressividade marca som da dupla francesa. Bandas realizam festival em família no Ibirapuera. Motonotas

Cinema/ Sinopses

Cinema/ Endereços

Outro Canal

Livro Cia. Das Letras faz recall de livro de Borges. Astrologia, quadrinhos, sudoku, cruzadas
José Simão
Coluna Nelson Ascher. Notas Música e exposição

Zero Hora – Segundo Caderno

Porto Alegre – Rio Grande do Sul

3 de junho de 2008

MPB com leve sotaque português – Ex-vocalista do Madredeus se apresenta hoje no Teatro do Sesi (Roger Lerina)

CINEMA Mostra de documentários

MARINA BERTOLUCCI RS VIP (coluna social)

TEATRO Passagem para Canela – Compra de ingressos para festival de bonecos já pode ser feita por telefone

Chamarra vence Carijo da Canção

ENTREVISTA/ DISCOS/ LIVROS/ CINEMA/ ESTRÉIAS

A nova cor do Weezer – A banda norte-americana lança hoje nos EUA seu sexto álbum (Gabriel Brust)

Receita para dançar – Jovialidade e pretensão marcam o segundo álbum da banda britânica The Kooks (Gabriel Brust)

Tropicália em Nova York – Piscodelismo, punk e disco inspiram o MGMT (acima, Bem Goldwasser e Andrew VanWyngarden) (Luís Bissigo)

GUIA HAGAH Ao piano/ O Gibizon dos 25/ Ospa para Gaia

EVENTOS Música, Teatro, Circo, Exposições, Eventos, Interior (Caxias/ Gravataí), Ingressos

GUIA HAGAH TELEVISÃO Por assinatura, Novelas, Aberta

Espaço fixo para o jornalismo – Caco Barcellos comanda equipe do “Profissão Repórter”, no ar todas as terças

Seqüência da trama dos Mutantes estréia hoje

Filmes tv por assinatura

GUIA HAGAH CINEMA Alemão segue em cartaz

Estréias

Em Cartaz

Infantil

Especial

Grande Porto Alegre

Interior

Litoral

CINEMA Novíssimo documentário brasileiro – Sala P.F. Gastal exhibe mostra com filmes do projeto Rumos (Daniel Feix)

ARTIGO “Ocas e transparentes” por Cláudio Moreno

QUADRINHOS Turma da Mônica

PALAVRAS CRUZADAS DIRETAS Revista Coquetel

HORÓSCOPO Oscar Quiroga

ROGER LERINA CONTRACAPA

Sbórnia no cinema

Esquema novo

O macaco tá certo

4 de junho de 2008

Imagem reversa – Vitor Ramil lança romance “Satolep”, segunda incursão do autor na prosa narrativa (Carlos André Moreira)

LIVROS Clarice Lispector

MARINA BERTOLUCCI RS VIP coluna social

OPINIÃO

Um novo olhar sobre Édipo (Renato Mendonça)

ENTREVISTA/ DISCOS/ LIVROS/ CINEMA/ ESTRÉIAS

Para ver Clarice – Autora de “Águia Viva” ganha fotobiografia (Daniel Feix)
Histórias reais, seres imaginários (Luís Bissigo)
GUIA HAGAH O Nordeste é Aqui/ De Vacas e Abelhas/ Maná Esgotado/ Izmália no Solar
EVENTOS Música/ Teatro/ Circo/ Exposições/ Eventos/ Interior (Montenegro, São Leopoldo), Ingressos
GUIA HAGAH TELEVISÃO Por assinatura, Novelas, Aberta
Uma moça muito certinha – Juliana Paes interpreta a repórter Maíra em “A Favorita”
Rede de fofocas em Manhattan
Filmes TV por assinatura
Filmes/TV aberta
GUIA HAGAH CINEMA – O Tempo e o Lugar
Estréias
Em Cartaz
Infantil
Especial
Grande Porto Alegre
Interior
Litoral
CINEMA Fora de Controle – Filme sobre Ian Curtis estréia sexta na Capital
ARTIGO “Ernani Chagas” por Sérgio Faraco
QUADRINHOS Turma da Mônica
PALAVRAS CRUZADAS DIRETAS Revista Coquetel
HORÓSCOPO Oscar Quiroga
ROGER LERINA CONTRACAPA
Beatles in concert
Carrie, a estrela
Nascimento da dança
Nota/ Caroline Miranda

5 de junho de 2008

Desejo e culpa – Walmor Chagas é o protagonista do filme gaúcho “Valsa para Bruno Stein”, que estréia amanhã (Marcelo Perrone)
MÚSICA Atrações da Unimúsica
MARINA BERTOLUCCI RS VIP coluna social
CULTURA
Inclusão pela arte – Secretaria da Cultura anunciou ontem projetos que prevêem ações sociais
MÚSICA
Canções de outra praia – Show do Unimúsica combina músicas brasileiras e alemãs
ENTREVISTA/ DISCOS/ LIVROS/ CINEMA/ ESTRÉIAS
Hollywood lado B – Ciclo no Cine Santander celebra Hal Hartley, David Lynch e Gus Van Sant (Daniel Feix)
Hal Harley/David Lynch/ Gus Van Sant
OPINIÃO Irmãos na dor e no amor – Louis Garrel e Romain Duris estreiam “Em Paris” (Roger Lerina)
GUIA HAGAH O Ovo da Serpente/ Culinária Pop/ Jazz com Sabor Bávaro
EVENTOS Música/ Teatro/ Circo/ Exposições/ Eventos/ Interior (Caxias do Sul), Ingressos
GUIA HAGAH TELEVISÃO Por assinatura, Novelas, Aberta
O médico é o mostro – Hugh Laurie, o genial protagonista do seriado “House”
Sexo e a Cidade
Em Dose Tripla
Filmes TV por assinatura
Filmes/tv aberta
GUIA HAGAH CINEMA – Dores e Amores em São Paulo
Estréias

Em Cartaz
Infantil
Especial
Grande Porto Alegre
Interior
Litoral

OPINIÃO – Teresa sabe sambar – Ex-vocalista do Madredeus cantou MPB no Teatro do Sesi (Roger Lerina)

REMIX por Grazi Badke – Front Woman Canadense

Artigo “O épico e o trágico” por Luiz Pilla Vares

QUADRINHOS Turma da Mônica

PALAVRAS CRUZADAS DIRETAS Revista Coquetel

HORÓSCOPO Oscar Quiroga

ROGER LERINA CONTRACAPA

Banzai Tattoo!

Rock n´gol

Nota: Zeca Camargo e Fundação Iberê Camargo

6 de junho de 2008

CAPA ANÚNCIO UNIVERSITÁRIO
ANÚNCIO CLARO/ KZUKA NA ZERO

KZUKA NA ZERO – Jogo do namoro

GUIA HAGAH Maná Esgotado/ Dança do Sesi/ Música Instrumental no Porão do Beco

EVENTOS Música/ Teatro/ Circo/ Exposições/ Eventos/ Interior (Passo Fundo, Rio Grande, Santa Cruz do Sul, Santa Rosa), Ingressos

GUIA HAGAH TELEVISÃO Por assinatura, Novelas, Aberta

Com a magia de Juju – Na selva: Tak (D) e seus amigos estréiam o novo desenho da Nickelodeon

História da Telinha

Filmes TV por assinatura

Filmes/tv aberta

ARTES – Monumento possível – Artista paulista enterra figura de bandeirante em São Miguel (Silvana de Castro)

Entrevista/ Discos/ Livros/ Cinema/ Estréias

Ele perdeu o controle – Estréia cinebiografia do atormentado vocalista da banda Joy Division (Roger Lerina)

Golpe na realeza (Marcelo Perrone)

DVD Uma outra máfia – “O Gângster” conta história do traficante negro Frank Lucas (Daniel Feix)

Lançamentos

Top 10

Rewind

GUIA HAGAH CINEMA – O Dilema de Bruno Stein

Pré-estréias

Estréias

Em Cartaz

Especial

Grande Porto Alegre

Interior

Litoral

Meu par perfeito é assim...

Quem pegou quem no mundo das celebridades...

ANÚNCIO

7 de junho de 2008

CULTURA – O Brasil perde seus esconderijos

Boa leitura

O prazer das palavras – Crioulo (Cláudio Moreno)

Galáxia de São Paulo (Renato Mendonça)

DEBATE Sobre arte e moral – Nem tudo seria verdade no caso de artista que deixou morrer um cão (Eduardo Veras)

BRASIL

Mata adentro (Gabriel Brust)

“O desenvolvimento não existe mais” por Pedro Fonseca – Professor de Economia da UFRGS)

LITERATURA – 1968, o ano que derrubou a literatura (Luís Augusto Fischer)

CULTURA – O risco cerca o trono de Édipo (Donaldo Schüller)

8 de junho de 2008

TV + SHOW

Perdidos na Noite (Gustavo Brigatti)

A volta de Ana Paula Arósio às personagens de época

TV+NOTÍCIAS

TELE TUDO por Marianne Scholze

O melhor

O pior

TALK SHOW – Ritmo acelerado

TV+ NOVIDADES

No ar Nova programação da emissora entra no ar a partir desta segunda-feira

Conheça as caras e os programas novos na telinha da TVCOM

Por dentro do que vem por aí

TV+GUIA HAGAH

Resumo das novelas/ TV aberta

TV+GUIA HAGAH TV

TV Por assinatura

Filmes

A loira e a morena

Dos bares aos palcos

Skank + Cachorro

EVENTOS e ESPETÁCULOS

Música, Teatro, Teatro Infantil, Dança, Circo, Exposições

TV+GUIA HAGAH CINEMA

Ian Curtis

Pré-estréias

Estréias

Em cartaz

Especial

Grande Porto Alegre

Interior

Litoral

TV+ENTREVISTA

Novela Ana Paula Arósio demonstra maturidade como atriz ao interpretar personagem insana em “Ciranda de Pedra” – A idade da razão (Mariana Trigo)

TV+ DE TUDO UM POUCO

Breve num cinema perto de você – Super-herói em baixa

Já na sua locadora

Fora da TV/ Desmascarando os hits da internet

FORA DE SÉRIE – Tudo sobre seriados (Camila Saccomori)

Discutindo a relação na cama/ Fala Série/ Pare

TV+ VOCÊ É O CANAL

Tirou daqui
Onde você está?
Eu + meu ídolo

JOGO DA MEMÓRIA (Márcio Pinheiro) – Uma menina superpoderosa/ A linda Lindsay

9 de junho de 2008

Coldplay – Novo CD da banda britânica, um dos mais esperados do ano, chega às lojas esta semana (Gabriel Brust)

TELEVISÃO – A nova programação da TVCOM

MARIANA BERTOLUCCI – RS VIP – coluna social

10 + Destaques da Semana

DVDs

Livros

CDs

Entrevista/ Discos/ Livros/ Cinema/ Estréias

Para assistir de camarote – Katia Suman estará à frente do Camarote TVCOM que estréia hoje à noite

GUIA HAGAH

Pequenos Personagens, Grande Teatro

Para Dançar ao Som do Rhythm and Blues

A Dona da História

EVENTOS

Música

Teatro

Exposições

Eventos

Cursos

Interior (Novo Hamburgo)

Ingressos

GUIA HAGAH TELEVISÃO

Extravagante, mas do bem – Guilherme Weber é o excêntrico Arthur em “Ciranda de Pedra”

Por assinatura

Novelas

Aberta

De guitarras para o ar

Filmes TV por assinatura

Filmes TV aberta

GUIA HAGAH CINEMA

Estréias

Em cartaz

Especial

Grande Porto Alegre

Interior

Litoral

TVCOM renova a programação

Bruna Gabriele é a Miss RS

SEMINÁRIO

Letras sem fronteiras – Milton Hatoum (E) e Sergio Ramírez (D) estão no Fronteiras do Pensamento

ARTIGO “Música e sexo” por Kleidir Ramil

QUADRINHOS – Turma da Mônica

PALAVRAS CRUZADAS DIRETA – Revista Coquetel

HORÓSCOPO – Oscar Quiroga

CONTRACAPA – Roger Lerine

Playbollywood
Madonna
Água da boa
Som para exportação

10 de junho de 2008

Unidos pela bossa – Caetano Veloso e Roberto Carlos vão dividir o palco em shows comemorativos aos 50 anos da nossa nova (Renato Mendonça)

MODA Fashion Rio

MARIANA BERTOLUCCI – RS VIP – coluna social

MODA Hippie com grife – Cores fortes e formas elaboradas desenham o verão (Márcia Feijó)

A casa feito corpo

Entrevista/ Discos/ Livros/ Cinema/ Estréias

Recuperando o Tom – Universal relança 15 álbuns de diferentes fases de Tom Jobim (Antônio Carlos Miguel – Agência Globo)

De volta às prateleiras

GUIA HAGAH

OSPA homenageia imigrantes japoneses

Rádio para rir

Sarau discute a maldade

EVENTOS

Música

Teatro

Exposições

Eventos

Cursos

Grande Porto Alegre (Canoas/ Novo Hamburgo)

Ingressos

GUIA HAGAH TELEVISÃO

Sonho de bola

Sucesso na TV e na Internet

Por assinatura

Novelas

Aberta

Filmes TV por assinatura

Filmes TV aberta

GUIA HAGAH CINEMA

O Segredo da Princesa

Estréias

Em cartaz

Especial

Grande Porto Alegre

Interior

Litoral

COMO FOI

Festa para Maná – Banda mexicana lotou o Pepsi On Stage no domingo à noite (Luís Bissigo)

ARTIGO “Clássicos à mão” por Luís Augusto Fischer

QUADRINHOS – Turma da Mônica

PALAVRAS CRUZADAS DIRETA – Revista Coquetel

HORÓSCOPO – Oscar Quiroga

CONTRACAPA – Roger Lerine

João Donato é bossa

Brin Coringa

Gosto muito de te ver, leãozinho

11 de junho

O melhor do muito bom – De amanhã até domingo, o Bonecos Canela apresenta os destaques dos 20 anos de festival

ARTES Casa de montagem

MARIANA BERTOLUCCI – RS VIP – coluna social

ARTES Construindo imagens

Entrevista/ Discos/ Livros/ Cinema/ Estréias

A guerra peças vítimas – Livro reúne diários de crianças em zonas de conflitos (Eduardo Simões)

OPINIÃO

Diários são testamentos (Luiz Zini Pires)

Lançamentos

GUIA HAGA

Rosa Tattooada comemora 20 anos no Opinião

Móica lança disco solo no Myspace

Do Caribe para o solar com tonda y combo

Direto dos Pampas

EVENTOS

Música

Teatro

Exposições

Eventos

Interior (Gramado/ Santa Cruz do Sul)

Ingressos

GUIA HAGAH TELEVISÃO

Corrupta excelência – Milton Gonçalves é Romildo Rosa, um deputado corrupto em “A Favorita”

Adaptação difícil da telona para a telinha

Por assinatura

Novelas

Aberta

Filmes TV por assinatura

Filmes TV aberta

GUIA HAGAH CINEMA

Hal Hartley, último dia

Estréias

Em cartaz

Especial

Grande Porto Alegre

Interior

Litoral

MÚSICA

As favoritas do público – Zezé di Camargo & Luciano cantam hoje, às 21h, no Teatro do Sesi (Rosângela Monteiro)

ARTIGO “Contos do amor (sempre) insuficiente” por Dina Corso

QUADRINHOS – Turma da Mônica

PALAVRAS CRUZADAS DIRETA – Revista Coquetel

HORÓSCOPO – Oscar Quiroga

CONTRACAPA – Roger Lerine

Parabéns, Dona Eva

Último Suspiro

Iberê no Cinema

Notas: Carol Prates e Louise D'Tuani

12 de junho de 2008

Para rir agarradinho – Dia dos Namorados combina com comédia romântica (Marcelo Perrone)

TEATRO Bonecos Canela

MARIANA BERTOLUCCI – RS VIP – coluna social

TEATRO A rua é palco para os bonecos – Filmes de semana terá programação gratuita ao ar livre para quem for passear em Canela

Discos/ Entrevista/ Livros/ Cinema/ Estréias

Com açúcar e com afeto – Comédia romântica muda a fórmula, mas preserva ainda o seu encanto (Marcelo Perrone)

O que ver em DVD (Clássicos e Contemporâneos)

O estranho mundo de David Lynch

MÚSICA Novos tons de Jobim – Armandinho e Paulo Moura tocam de graça

REMIX Por Grazi Badke – Dois é Tri

ARTIGO “O grande sátiro” por Letícia Wierzchowski

QUADRINHOS – Turma da Mônica

PALAVRAS CRUZADAS DIRETA – Revista Coquetel

HORÓSCOPO – Oscar Quiroga

CONTRACAPA – Roger Lerine

Domingão no Porão

Dios Salve La Reina

Cinco que Valem por Seis

O clássico nunca fica velho - Chuck Berry

Bidê ou Balde Canta Cazusa

13 de junho de 2008

Nos bailes da vida – Estréia hoje “Chega de Saudade”, filme que fala de amor e solidão na terceira idade (Roger Lerina)

MÚSICA Rita Lee no Sesi

MARIANA BERTOLUCCI – RS VIP – coluna social

SHOW Esporte espetacular – Equipe dos Harlem Globetrotters apresenta amanhã espetáculo que combina basquete e humor

OPINIÃO A comemoração do fingimento (Renato Mendonça)

MÚSICA Rita passeia no palco – Sucessos e canções inéditas estão no roteiro do novo show de Rita Lee, “PicNic”, amanhã, no Teatro do Sesi (Luís Bissigo)

ARTIGO “A ronda de Caetano Veloso” (Ricardo Silvestrin)

MÚSICA Um grupo cheio de estilo – Quarteto vocal americano The Stylistics faz show no Teatro do Bourbon Country domingo

Tributo argentino ao Queen

Discos/ Entrevista/ Livros/ Cinema/ Estréias

É o Hulk na comunidade – Em “O Incrível Hulk, uma favela do Rio de Janeiro é o refúgio de cientista que tem a sina de se transformar em um monstro verde

Um rei entre elas (Marcelo Perrone)

DVD Atriz de sangue azul – Cate Blanchett volta ao papel da rainha inglesa Elizabeth I

Lançamentos

Top 10

Rewind

ANÚNCIO – CARTÃO CLUBE DO ASSINANTE

INFANTIL

Programa de família – Festival Internacional de Bonecos Canela terá peças especiais para as crianças

GUIA HAGAHzinho

Teatro

Grande Porto Alegre/ Novo Hamburgo

Atrações infantis

ARTIGO “Três anos sem fumar” por Liberato Vieira da Cunha

QUADRINHOS – Turma da Mônica

PALAVRAS CRUZADAS DIRETA – Revista Coquetel

HORÓSCOPO – Oscar Quiroga

CONTRACAPA – Roger Lerine

Marias Vão com Tudo

Esta Noite se Improvisa

Show de Basquete

Espaço Closed

Fala de Rodrigo Santoro

14 de junho de 2008

40 anos de teatro novo – Grupo liderado por Ronald Radde comemora aniversário com ópera-rock (Renato Mendonça)

LITERATURA Gaúchos na Flip 2008

MARIANA BERTOLUCCI – RS VIP – coluna social

ARTES Um torvelinho de madeira – Artista plástico alemão inaugura obra que assinala aniversário de 15 anos do Torreão

LITERATURA Literatura gaúcha vai à praia – Escritores do RS participam da edição 2008 da festa literária de Paraty (Gabriel Brust)

Tom Stoppard (dramaturgo e roteirista) “Diálogos me vêm naturalmente” – Agência Estado

GUIA HAGAH

Rita Lee

Tempo em Construção

Bonecos Desfilam pelas Ruas de Canela

EVENTOS

Música

Teatro

Teatro Infantil

Dança

Exposições

Eventos

Grande Porto Alegre/ São Leopoldo

Interior/ Canela

GUIA HAGAH TELEVISÃO

São tantas emoções – Mima Spritzer (E), Irene Brietzke e Lurdes Eloy (D) em “Fantasias de uma Dona de Casa”

Parceria retomada

De médico e de louco

Por assinatura

Novelas

Aberta

Filmes TV por assinatura

Filmes TV aberta

CULTURA Vandalismo nosso de cada dia – Nesta edição: sertanista conta como localizou indígenas que viviam isolados

Obama, Cuba e América Latina – Ex-líder sandinista, intelectual, escritor e político, Sergio Ramírez esteve em Porto Alegre falando sobre a realidade da sua Nicarágua, de Lula, de Chávez e do futuro da região se os democratas vencerem as eleições nos EUA (Luiz Zini Pires)

OPINIÃO Desde quando faxina é cultura? – Diretor critica projetos anunciados na semana passada pela Sedac (Luiz Paulo Vasconcellos)

BOA LEITURA

O cupim sai de cena (Renato Mendonça)

URBANISMO

Um patrimônio que desmorona – O furto e o vandalismo estão- de forma cada vez mais intensa – comprometendo a integridade de obras concebidas com o propósito de humanizar o espaço público (Eduardo Veras)

CINEMA Bruno Stein e Walmor Chagas, agora são um só – Autor gaúcho de “Valsa para Bruno Stein” escreve sobre longa que nasceu no Estado a partir do seu romance e que continua em cartaz em Porto Alegre (Charles Kiefer)

MÚSICA

Nomes (Celso Loureiro)

CULTURA O passado visto do céu – Um dos últimos sertanistas, 30 anos dividindo morada com tribos da Amazônia, José Carlos dos Reis Meirelles conta como localizou uma tribo isolada no mês passado (Fábio Schaffner)

GUIA HAGAH CINEMA

Pré-estréias

Estréias

Em cartaz

Especial

Grande Porto Alegre

Interior

Litoral

Destaques da Flip 2008

ARTIGO “Alienígenas” por Nilson Souza

QUADRINHOS – Turma da Mônica

PALAVRAS CRUZADAS DIRETA – Revista Coquetel

HORÓSCOPO – Oscar Quiroga

CONTRACAPA – Roger Lerine

Homem-cachorro

Bobby da Folha

15 de junho de 2008

No Centro da Ciranda – Tammy Di Calafiori cresce e aparece como a romântica Virgínia da novela das seis

TELE TUDO por Marianne Scholze

TV+NOTÍCIAS

O melhor

O pior

Notas

TV+ENTREVISTA

Novela João Emanuel Carneiro entra para o primeiro time de autores da Globo com “A Favorita” – Aprendiz no horário nobre (Patrícia Villalba)

Marcas registradas do autor

TV+ GUIA HAGAH

RESUMO DAS NOVELAS

TV ABERTA

TV+ GUIA HAGAH TV

POR ASSINATURA

FILMES

No set com Dempsey

Vozes afinadas

Queen inédito

EVENTOS E ESPETÁCULOS

Música

Teatro

Teatro Infantil

Dança

Exposições

Cinema

TV+ GUIA HAGAH CINEMA

Entre a loira e a morena

Pré-estréias

Estréias

Em cartaz

Especial

Grande Porto Alegre

Interior

Litoral

TV+

Fogo e paixão – Incêndio na tela – Novela “Chamas da Vida” mostrará bastidores da rotina de bombeiros

TV+HAHAHA

Abra a boca e ria com eles – Riso: Comediantes do “CQC” (Band) e do “15 Minutos” (MTV) renovam o fôlego do gênero humorístico na TV

Por trás dos óculos escuros (TV+SHOW)

BREVE NUM CINEMA PERTO DE VOCÊ – Drama real

JÁ NA SUA LOCADORA – Comédia – O humor devastador do Monty Python

TV FORA DA TV – Há 20 anos liderando audiências

TV+ DE TUDO UM POUCO

FORA DE SÉRIE por Camila Saccomori

Quatrocentos anos de Solidão/ Fala Série/ Pare

TV+ VOCÊ É O CANAL

EU + MEU ÍDOLO

JOGO DE MEMÓRIA por Márcio Pinheiro

16 de junho de 2008

Da Ilexlândia para o mundo (Roger Lerina)

TEATRO Festival de Bonecos

MARIANA BERTOLUCCI – rs vip – coluna social

Entrevista/ Discos/ Livros/ Cinema/ Estréia

“Vitor Ramil é o favorito da minha geração” – Drexer confessa sua admiração pelo compositor gaúcho e diz que “Cara B” só existe graças ao Oscar conquistado em 2005 (Roger Lerina)

COMO FOI

O brilho dos pequenos astros – Festival Internacional de Teatro de Bonecos de Canela divertiu milhares de pessoas na serra gaúcha com espetáculos de 45 grupos de oito países (Anelise Zanoni)

GUIA HAGAH

A musa do soul

O inventor do rock ´n´roll

O dono da voz

EVENTOS

Música

Teatro

Exposições

Eventos

Grande Porto Alegre/ São Leopoldo

Interior/ Santa Maria

Ingressos

GUIA HAGAH TELEVISÃO

Por assinatura

Novelas

Aberta

Afinal, quem é quem? – Mocinha ou vilã, Donatela (E) ou Flora (D)? O mistério de “A Favorita”

Letra, literatura e música

Filmes TV por assinatura

Filmes TV aberta

GUIA HAGAH CINEMA

Pré-estréia

Estréias

Em cartaz

Especial

Grande Porto Alegre

Interior

Canela cresce com os bonecos

10+ Destaques da Semana

ARTIGO “Palavras (34)” por Luiz Antonio de Assis Brasil

QUADRINHOS – Turma da Mônica

PALAVRAS CRUZADAS DIRETA – Revista Coquetel

HORÓSCOPO – Oscar Quiroga

CONTRACAPA – Roger Lerine

Arte de Rua

Arte Japonesa

Maré Cheia

Wonder Wander

Nota Sabrina Sato

17 de junho de 2008

Chuck Berry (Luís Bissigo)

MÚSICA Bobby McFerrin

MARIANA BERTOLUCCI – rs vip – coluna social

GUIA HAGAH

Concerto da OSPA

TV no sarau

Sons da cidade no Teatro Renascença

EVENTOS

Música

Teatro

Exposições

Eventos

Grande Porto Alegre/ Montenegro

Ingresso

GUIA HAGAH TELEVISÃO

Por assinatura

Novelas

Aberta

É verão na passarela – Canal a cabo GNT fará extensa cobertura do São Paulo Fashion Week, a partir de hoje

Filmes TV por assinatura

Filmes TV aberta

GUIA HAGAH CINEMA

Pré-estréia

Estréias

Em cartaz

Especial

Grande Porto Alegre

Interior

Litoral

Entrevista/ Discos/ Livros/ Cinema/ Estréias

Os lábios de Scarlett – A estrela de Hollywood estréia como cantora (Gabriel Brust)

Brasileiro ganha prêmio Tony – O barítono Paulo Szot recebeu prêmio das mãos de Liza Minnelli

MÚSICA Quem fez o rock rolar – Atração do próximo sábado em Porto Alegre, Chuck Berry é um dos pioneiros do gênero (Luís Bissigo)

A trajetória/ 10 coisas sobre Chuck Berry

MÚSICA O dono da voz – Bobby MacFerrin faz show a capela hoje no Teatro do Bourbon Country (Luís Bissigo)

ARTIGO “A educação do Cupido” por Cláudio Moreno

QUADRINHOS – Turma da Mônica

PALAVRAS CRUZADAS DIRETA – Revista Coquetel

HORÓSCOPO – Oscar Quiroga

CONTRACAPA – Roger Lerine

Ao vencedor, as pulgas!

Notas: Patrícia Poeta, Vitor Ramil e Joss Stone

19 de junho de 2008

Joss Stone – Cantora britânica faz show hoje no Pepsi On Stage

CINEMA Novo filme de Beto Souza

MARIANA BERTOLUCCI – rs vip – coluna social

MÚSICA Chuck Berry decepciona no Rio – Músico que toca sábado em Porto Alegre errou muito no primeiro show no Brasil (Christina Fuscaldo – Rio/ Agência O Globo)

REMIX por Grazi Badke “Escadaria Andina”

OPINIÃO Original regente de fanfarras (Gustavo Brigatti)

Entrevista/ Discos/ Livros/ Cinema/ Estréias

Enquanto a morte não vem – Beto Souza filma adaptação de Josué Guimarães em São Gabriel (Homero Pivotto Jr.)

GUIA HAGAH

Videoarte

Erudito contemporâneo

EVENTOS

Música

Teatro

Dança

Exposições

Eventos

Grande Porto Alegre/ São Leopoldo

Ingressos

GUIA HAGAH TELEVISÃO

Por assinatura

Novelas

Aberta

Os galãs também amam – O mulherio suspira por Harley, o sedutor personagem de Cauã

Reymond em “A Favorita”

Filmes TV por assinatura

GUIA HAGAH CINEMA

Johnny entre os grandes

Pré-estréia

Estréias

Em cartaz

Especial

Grande Porto Alegre

Interior

Litoral

OPINIÃO Shyamalan lembra Hitchcock em “Fim dos Tempos” (Roger Lerina)

BALÉ Encanto da dança – St. Petersburg Ballet abre turnê brasileira pela capital gaúcha

ARTIGO “Camarada e amante” por Luiz Villa Vares

QUADRINHOS – Turma da Mônica

PALAVRAS CRUZADAS DIRETA – Revista Coquetel

HORÓSCOPO – Oscar Quiroga

CONTRACAPA – Roger Lerine

O Tibete é aqui

Torcedorzinhos

Nota Gisele Bündchen/ Joss Stone

20 de junho de 2008

Agente 100 noção – Herói do clássico seriado de TV dos anos 1960 está de volta em “Agente 86” (Marcelo Perrone)

MÚSICA O samba de Alcione

MARIANA BERTOLUCCI – rs vip – coluna social

FESTIVAL DE INVERNO Para ver, ouvir e pensar – Drexler, Cacá Diegues e Fernando

Morais estão entre as atrações

Programação

MÚSICA Beatles em concerto – Orquestra da Ulbra, coro e convidados recriam repertório da banda em “Magical Classical Tour” (Renato Mendonça)

ARTIGO “A sopa nossa de cada dia” por José Pedro Goulart

GUIA HAGAH

Ney Matogrosso

Piano no Sesi

Olivia Byington

EVENTOS

Música

Teatro

Dança

Exposições

Eventos

Grande Porto Alegre/ Gravataí/ Novo Hamburgo

Interior/ Caxias do Sul/ Ijuí

Ingressos

GUIA HAGAH TELEVISÃO

Por assinatura

Novelas

Aberta

O diabo que o carregue – Alma vendida: Sam (Bret Harrison, E) trabalha para o próprio demo (Ray Wise, D) no seriado “Reaper”

Disfarce ameaçado

Filmes TV por assinatura

Filmes TV aberta

GUIA HAGAH CINEMA

A Estréia de Gus Van Sant

Pré-estréias

Estréias

Em cartaz

Especial

Grande Porto Alegre

Interior

Litoral

MÚSICA Para sambar no teatro – Maranhense radicada no Rio, Alcione faz uma única apresentação hoje à noite, no Teatro do Sesi (José Roberto Assunção)

Entrevista/ Discos/ Livros/ Cinema/ Estréias

Neo-realismo uruguaio – Em cartaz em sessões de pré-estréia de hoje a domingo, “O Banheiro do Papa” retrata uma visita de João Paulo II à fronteira do Uruguai com o Brasil por um ângulo inusitado (Luis Carlos Mertem – Agência Estado)

México para gringo ver – Filme mexicano “Bella”, que estréia hoje, faz o gênero “tipo exportação” (Daniel Feix)

Novo drama familiar italiano – Kimi Rossi Stuart (E) dirige “Estamos Bem Mesmo Sem Você”

DVD

Calafrio no escurinho – Tributo ao cinema reúne mais de 30 diretores (Marcelo Perrone)

Lançamentos

TOP 10

Lynch no país das maravilhas – Harry Dean Stanton e Laura Dem estão no elenco de “Império dos Sonhos” (Roger Lerina)

ANÚNCIO – CARTÃO DO ASSINANTE

INFANTIL

Xuxa leva baixinhos ao Gigantinho – Show “Xuxa Festa” tem sessão no sábado

GUIA HAGAHZINHO

Teatro

ARTIGO “As pessoas em geral” por Liberato Vieira da Cunha

QUADRINHOS – Turma da Mônica

PALAVRAS CRUZADAS DIRETA – Revista Coquetel

HORÓSCOPO – Oscar Quiroga

CONTRACAPA – Roger Lerine

Complicada e perfeitinha

poET's Phone Home

Jamelão

Nota Diana Corso

21 de junho de 2008

CULTURA – O medo atrás do véu

BOA LEITURA

OPINIÃO Política Cultural, sim senhor! (Mônica Leal)

CARTOLA CIA faz retrato irmão de Fidel – Ex-agente norte-americano traça um polêmico perfil de Raúl Castro e mostra o novo líder cubano como um homem inseguro, avesso aos livros e alcoólatra (Oscar Pilagallo)

As três irmãs do Teatro São Pedro (Renato Mendonça)

Ayaan cruzou a fronteira – A mulher que ousou desafiar os extremistas muçulmanos e questionar o Islã vive cercada de guarda-costas (Luiz Zini Pires)

Deus, Alcorão e os bons muçulmanos – Ayaan Hirsi Ali

Cronologia

TRILOGIA O exército de Osório – Militar gaúcho de bravura incontestável tem sua vida contada em nova biografia que marca os 200 anos de seu nascimento (Carlos André Moreira)

O PRAZER DAS PALAVRAS – O pesadelo de Cassandra (Cláudio Moreno)

CULTURA – O mundo pós-Estados Unidos – No livro “The Post-American World”, o editor da revista Newsweek, Fareed Zakaria, explica como mundo mudou do antiamericanismo para o pós-americanismo (Silvia Feraboli e Cláudio César Dutra de Souza)

21 de junho de 2008

Panda ninja

MARIANA BERTOLUCCI – rs vip – coluna social

MÚSICA Eterna alma do rock – Depois de passar por São Paulo, Chuck Berry faz show hoje à noite, no Pepsi On Stage, em Porto Alegre (Jotabê Medeiros – Agência Estado)

Proença em concerto no Sesi

SÃO PAULO FASHION WEEK

Reverência ao japonismo – Moda homenageia os cem anos da imigração japonesa (Paola Deodoro – enviada especial/São Paulo)

TOP 5

São Paulo à espera de Gisele

GUIA HAGAH

Alice em autógrafo

Nico em Caxias

Os gatos de Aldemir Martins

EVENTOS

Música

Teatro

Infantil

Dança

Exposições

Eventos

Interior/ Carazinho

GUIA HAGAH TELEVISÃO

Por assinatura

Novelas

Aberta

Paixão pelo teatro – Wener Schönemann e Eva Sopher em cena do documentário “Dona Eva e o Theatro”

Uma dona de casa muito viajandona

Filmes TV por assinatura

Filmes TV aberta

GUIA HAGAH CINEMA

A Estréia de Gus Van Sant

Pré-estréias

Estréias

Em cartaz

Especial

Grande Porto Alegre

Interior

Litoral

ARTIGO “Madrastas” por Nilson Souza

LIVRO Arte Surreal – A partir de amanhã, RBS Publicações lança colecionável de Salvador Dalí

ARTIGO “As fogueiras de junho” por Antonio Augusto Fagundes

QUADRINHOS – Turma da Mônica

PALAVRAS CRUZADAS DIRETA – Revista Coquetel

HORÓSCOPO – Oscar Quiroga

CONTRACAPA – Roger Lerine

KT em Poa

Democracia na China
Nota Maria Rita/ Simoni e Zélia Duncan

22 de junho de 2008

TV+SHOW

Didi de novo com Dedé

Carmo Dalla Vecchia, aprendiz de repórter

TV+NOTÍCIAS

O melhor

O pior

TELE TUDO por Marianne Scholze

Notas +

Experiência Sensorial/ Gringa do Samba/ Muso Poderoso/ Seduzido pelas Letras

BREVE NUM CINEMA PERTO DE VOCÊ

JÁ NA SUA LOCADORA

TV FORA DA TV

FORA DE SÉRIE por Camila Saccomori

Trabalho literalmente infernal

FALA SÉRIE!

PARE

TV+ENTREVISTA Do outro lado da notícia – Galã gaúcho Carmo Dalla Vecchia vive um repórter idealista em “A Favorita” (Diego Adami)

Da boca do monte para a boca de cena

TV+ GUIA HAGAH

Resumo das novelas

TV aberta

TV+ HAGAH TV

Por assinatura

Filmes

Proença no Sesi

Apimentadas

EVENTOS E ESPETÁCULOS

Porto Alegre e Região Metropolitana

Música

Teatro

Teatro infantil

Dança

Exposições

Grande Porto Alegre (Charqueadas e São Leopoldo)

TV+HAGAH CINEMA

Pré-estréias

Estréias

Em cartaz

Especial

Grande Porto Alegre

Interior

Litoral

TV+ GLAMOUR Que que é? Ela tá pagando! – Humor – Bordões de Lady Kate (Katiúscia Canoro) caem na boca do público no quadro de maior sucesso do “Zorra Total”

TV+VOCÊ É O CANAL

TIROU DAQUI

ONDE VOCÊ ESTÁ?

JOGO DA MEMÓRIA por Márcio Pinheiro

23 de junho de 2008

Tom Zé para baixar – Músico abre projeto que oferece legalmente álbuns para download
(Gustavo Brigatti)

ENTREVISTA Philip Roth e o novo livro

MARIANA BERTOLUCCI – rs vip – coluna social

MÚSICA No limite entre música e ruído

DANÇA Escola Bolshoi abre festival (Roberta Pschichholz – Vale do Sinos/ Casa Zero Horas)

Entrevista/ Discos/ Livros/ Cinema/ Estréias

Philip Roth e a nova América – Novo livro anuncia uma guinada na carreira de um dos mais importantes romancistas da atualidade (Marília Martins AG/ Nova York)

OPINIÃO O fantasma agonizante (Carlos André Moreira)

GUIA HAGAH

Mundo livre faz a festa

Noite com a orquestra

Duas no Sesi

Vidas Cruzadas

A volta do prodígio

EVENTOS

Música

Teatro

Exposições

Eventos

Oficinas

Grande Porto Alegre/ São Leopoldo

Interior/ Caxias/ Uruguaiana

Ingressos

GUIA HAGAH TELEVISÃO

Por assinatura

Novelas

Aberta

De volta à estrada – Longe do horário nobre há 13 anos, Claudia Ohana vive uma caminhoneira em “A Favorita”

Criatura animadinha

Filmes TV por assinatura

Filmes TV aberta

GUIA HAGAH CINEMA

Tributo a Ian Curtis

Pré-estréias

Estréias

Em cartaz

Especial

Grande Porto Alegre

COMO FOI – O inventor do rock esteve aqui – Chuck Berry fez show sábado à noite para 3 mil pessoas no Pepsi On Stage (Renato Mendonça)

ARTIGO “Leite de verdade” por Kledir Ramil

QUADRINHOS – Turma da Mônica

PALAVRAS CRUZADAS DIRETA – Revista Coquetel

HORÓSCOPO – Oscar Quiroga

CONTRACAPA – Roger Lerine

Lego Legal

Nota/ Max Fercondini

24 de junho de 2008

Da rua para a galeria

MÚSICA Chico César

MARIANA BERTOLUCCI – rs vip – coluna social

Entrevista/ Discos/ Livros/ Cinema/ Estréias

Esquenta a estética do frio – Chico César lança CD de frevo e forró (Luís Bissigo)

O cérebro eletrônico de Gilberto Gil (Roger Lerina)

ARTES

Arte urbana em espaço nobre – Santander Cultural abre hoje a mostra “Transfer” (Eduardo Veras)

Estética da iconoclastia – Beleza Imperfeita, projeto em cartaz no Gasômetro a partir de hoje, é dedicado ao lado B da produção audiovisual contemporânea (Daniel Feix)

OPINIÃO A missa e além dela (Eduardo Veras)

GUIA HAGAH

Fome de quê?

Sapatilha

Aniversário

EVENTOS

Música

Teatro

Exposições

Eventos

Interior/ Caxias/ Santa Cruz do Sul

Ingressos

GUIA HAGAH TELEVISÃO

Por assinatura

Novelas

Aberta

Tudo por um diamante – Sonia (Christiane Torloni) e Olavo (Reginaldo Faria): romance e segredos em “Beleza Pura”

Filmes TV por assinatura

Filmes TV aberta

GUIA HAGAH CINEMA

Charlone e o Banheiro do Papa

Pré-estréias

Estréias

Em cartaz

Especial

Grande Porto Alegre

Interior

Litoral

ARTIGO “Madrastas” por Nilson Souza

LIVRO Arte Surreal – A partir de amanhã, RBS Publicações lança colecionável de Salvador Dalí

ARTIGO “As fogueiras de junho” por Antonio Augusto Fagundes

MEMÓRIA Homenagem à provocação – Leitura dramática no Arena vai lembrar trajetória de Ana Taborda

ARTIGO “Metz, Ramil, Alabarse” por Luís Augusto Fischer

QUADRINHOS – Turma da Mônica

PALAVRAS CRUZADAS DIRETA – Revista Coquetel

HORÓSCOPO – Oscar Quiroga

CONTRACAPA – Roger Lerine

Bicho Homem

Yamandu-San

Jamanta vai voltar
Nota Ewan McGregor

26 de junho de 2008

Muitos anos de vida – Espetáculo faz parte das comemorações do TSP (Patrícia Rocha)

CINEMA A história de um zumbi gay

MARIANA BERTOLUCCI – rs vip – coluna social

MÚSICA A vida até parece uma festa – CD e DVD registram turnê de Paralamas e Titãs (Jotabê Medeiros – Agência Estado)

Entrevista/ Discos/ Livros/ Cinema/ Estréias

Polaróides mundanas (Roger Lerina)

OPINIÃO Algo vai mal no reino (de Hollywood) (Daniel Feix)

GUIA HAGAH

De teatro a leis

Corpo e identidade em debate

Cabeça de lata no Garagem

EVENTOS

Música

Teatro

Exposições

Eventos

Interior/ Pelotas

Ingressos

GUIA HAGAH TELEVISÃO

Por assinatura

Novelas

Aberta

Doutor dos sonhos – Em “Ciranda de Pedra”, Marcello Antony acredita em final feliz de Daniel com a filha Virgínia (Tammy Di Calafiori)

Rainha de molho

Filmes TV por assinatura

Filmes TV aberta

GUIA HAGAH CINEMA

Videoarte na sala de cinema

Pré-estréias

Estréias

Em cartaz

Especial

Grande Porto Alegre

Interior

Litoral

ARTES O túnel do grafite

ARTIGO “Verdadeira história de pescador” por Letícia Wierzchowski

REMIX por Grazi Badek

QUADRINHOS – Turma da Mônica

PALAVRAS CRUZADAS DIRETA – Revista Coquetel

HORÓSCOPO – Oscar Quiroga

CONTRACAPA – Roger Lerine

O poeta não morreu

Remédio contra a violência

Izmália Carioca

Nota/ Cindy Lauper

27 de junho de 2008

150 anos esta noite – No dia do aniversário de um dos teatros mais queridos do país, a OSPA convida os gaúchos a cantarem o “Parabéns” para o São Pedro

CINEMA Suspense com Ethan Hawke

MARIANA BERTOLUCCI – rs vip – coluna social

Mostra na ABL celebra Machado

ARTES Os novos curadores – A Argentina Victoria Noorthoorn e o chileno Camilo Yáñez vão delinear a próxima Bienal (Eduardo Veras)

ARTIGO “Enquanto corria a barca” por Ricardo Silvestrin

MÚSICA A casa é das amigas – Simone e Zélia cantam hoje no Sesi

Entrevista/ Discos/ Livros/ Cinema/ Estréias

Parente é serpente – Suspense do veterano Sidney Lumet mostra a desintegração de uma família a partir de um crime (Daniel Feix)

Nova Bonequinha – Audrey Tautou lembra Audrey Hepburn em nova comédia francesa

Heróis de bicicleta – Estréia hoje “O Banheiro do Papa” (Roger Lerina)

DVD Amor que não tem sexo – Premiado filme argentino “XXY” chega às locadoras sem passar pelos cinemas (Daniel Feix)

LANÇAMENTOS

TOP 10

REWIND – Em algum lugar do passado (Roger Lerine)

GUIA HAGAH

Para ler em Gramado

Yamandu Made in Japan

Gaita Imperdível

Vanessa de Maria lança CD

EVENTOS

Música

Teatro

Exposições

Dança

Eventos

Grande Porto Alegre/ São Leopoldo

Interior/ Caxias/ Santa Maria

Litoral

Ingressos

GUIA HAGAH TELEVISÃO

Por assinatura

Novelas

Aberta

Para um coração exagerado – Banda gaúcha Bidê ou Balde participa do “Som Brasil” em homenagem a Cazuza

Band exhibe o Festival de Parintins

Filmes TV por assinatura

Filmes TV aberta

GUIA HAGAH CINEMA

Humor germânico

Estréias

Em cartaz

Especial

Grande Porto Alegre

Interior

Litoral

ANÚNCIO CARTÃO CLUBE DO ASSINANTE

INFANTIL Os robôs também amam – Estréia hoje a animação “Wall-E”, da Disney/Pixar

GUIA HAGAHzinho

Teatro infantil

ARTIGO “Um disco de vinil” por Liberato Vieira da Cunha

QUADRINHOS – Turma da Mônica

PALAVRAS CRUZADAS DIRETA – Revista Coquetel

HORÓSCOPO – Oscar Quiroga

CONTRACAPA – Roger Lerine

Mau mau a mão

Barulho literário

Bota aqui o seu pezinho

Diálogos de anjos

Yo!

Nota/ Charlize Theron

Yamandu – Yamandu Costa faz show hoje em Passo Fundo e amanhã em Porto Alegre (Luís Bissigo)

LITERATURA Guimarães Rosa

MARIANA BERTOLUCCI – rs vip – coluna social

TEATRO Um perdão à loucura – “Perdoai” estreia hoje na Capital

LIVRO O sertão é em toda parte – No centenário de nascimento do mineiro Guimarães Rosa, a professora Walnice Nogueira Galvão lança novo ensaio (Francisco Quinteiro Pires)

ARTIGO “Ele” por Nilson Souza

GUIA HAGAH

Doideiras

O velho dilema

Roupa com grife

Game boy e trompete

EVENTOS

Música

Teatro

Teatro Infantil

Exposições

Eventos

Interior/ Pelotas/ Passo Fundo

Ingressos

GUIA HAGAH TELEVISÃO

Por assinatura

Novelas

Aberta

Adeus às fantasias – Rodopiando pelo salão: Careca da Silva e Mima Spritzer no último episódio da série “Fantasias de uma Dona de Casa”

Dias da Música

Filmes TV por assinatura

Filmes TV aberta

GUIA HAGAH CINEMA

Pré-estréias

Estréias

Em cartaz

Especial

Grande Porto Alegre

Interior

Litoral

LIVRO Picasso na coleção – A partir de amanhã, RBS Publicações lança colecionável do pintor espanhol

ARTIGO “História do Rio Grande do Sul” por Antonio Augusto Fagundes

QUADRINHOS – Turma da Mônica

PALAVRAS CRUZADAS DIRETA – Revista Coquetel

HORÓSCOPO – Oscar Quiroga

CONTRACAPA – Roger Lerine

Música pra tocar sentado

Notas/ Carolina Dieckmann e Mirelle Mósena

28 de junho de 2008

CULTURA Casas de São Paulo – O Theatro São Pedro alcança o seu 150º aniversário e projeta seu futuro nas cortinas de concreto do inovador Multipalco

Na boca do palco (Renato Mendonça)

Reservado aos escravos

Palco para toda obra

O cinematógrafo chegou

Dois andares que são quatro

Recordações da juventude

Jobim reinou no São Pedro

2,5 metros de parede

A história obscura do lustre

Maré cor-de-rosa

Antes da luz elétrica

O passado como guia do futuro (Theatro São Pedro e Multipalco)

Pedra sobre Pedro – Aos palcos o sonhado Multipalco, seis andares de cultura numa construção de 16 mil metros quadrados, sai do papel e ganha forma, mas pena diariamente para conseguir recursos financeiros

MÚSICA Platéia e palco (Celso Loureiro Chaves)

30 de junho de 2008

Pioneiro da modernidade – Exposição recupera a pintura de Waldeney Elias dos anos 60 e 70 (Eduardo Veras)

LITERATURA Mia Couto

MARIANA BERTOLUCCI – rs vip – coluna social

Entre o Islã e Freud – A africana Ayaan Hirsi Ali e o brasileiro Renato Mezan são as atrações do Fronteiras de hoje

Entrevista/ Discos/ Livros/ Cinema/ Estréias

Um novo sentimento do tempo – Mia Couto reflete sobre solidão, amor, envelhecimento e finitude em seu novo romance, “Venenos de Deus, Remédios do Diabo” (Ubiratan Brasil/ Agência Estado)

Flip homenageia Machado de Assis

GUIA HAGAH

Echo & The Bunnymen

Só Nós

Maratona pelo Rock

EVENTOS

Música

Teatro

Exposições

Eventos

Oficinas

Grande Porto Alegre/ Canoas

Ingressos

GUIA HAGAH TELEVISÃO

Por assinatura

Novelas

Aberta

Fazendo o caminho inverso – Em “A Favorita”, Leonardo Medeiros é Elias, marido de Dedina (Helena Ranaldi)

O cheiro da morte

Filmes TV por assinatura

Filmes TV aberta

GUIA HAGAH CINEMA

Baile da Saudade

Estréias

Em cartaz

Especial

Grande Porto Alegre

Interior

Litoral

MÚSICA De onde vem a bossa nova – Autobiografia de Carlos Lyra questiona a origem do estilo musical (Caio Jobim)

A Jamaica nas Missões

ARTIGO “Palavras (35)” por Luiz Antonio de Assis Brasil

QUADRINHOS – Turma da Mônica

PALAVRAS CRUZADAS DIRETA – Revista Coquetel

HORÓSCOPO – Oscar Quiroga

CONTRACAPA – Roger Lerine

Poa no Poa em cena

Fusão Musical

Nota Gilberto Gil

ANEXO 3: Tabelas

Anexo 3
Tabelas

Tabela Quantitativa *Folha de S.Paulo* – Caderno Ilustrada
São Paulo – São Paulo

Editoria	N.º de inserções	Capa
Agenda Cultural	30	0
Arquitetura	3	1
Artes	4	0
Artes Plásticas	16	2
Astro./Quadr./ Sud./ Cruz.	2	1
CD	4	1
Cinema	51	9
Coluna social	1	0
Crítica	12	0
Crônica	1	0
Dança	4	0
DVD	5	0
Evento	1	0
Exposições	4	0
Filmes	3	0
Flip	7	1
Fotografia	3	0
Gastronomia	10	1
Internet	5	0
Literatura	6	0
Livros	30	2
Moda	11	0
Museu	1	0
Música	57	4
Novelas	3	0
Outro canal	19	0
Política Pública	8	2
Quadrinhos	4	1
Teatro	37	3
Tecnologia	1	0
TV	28	2

Tabela Quantitativa Diário de Pernambuco – Caderno Viver
Recife – Pernambuco

Editoria	N.º de inserções	Capa
Antropologia	1	0
Arquitetura	1	0
Artes Plásticas	10	0
Cinema	29	5
Circo/ Educação	1	0
Coluna	21	0
Coluna Social	25	0
Crônica	1	0
Curso/ Cinema	5	0
Dança	7	0
Educação	1	0
Espetáculo	1	0
Eventos	31	1
Exposições	3	1
Flip	2	0
Fotografia	2	0
Gastronomia	4	0
Gastronomia/ Música	1	0
Literatura	16	2
Livro	19	3
Moda	10	0
Música	55	15
Música/ Dança	3	0
Política Pública	5	0
Quadrinhos	4	0
Rádio	1	0
Religião	2	0
Vídeo	1	0

Tabela Quantitativa Zero Hora – Segundo Caderno
Porto Alegre – Rio Grande do Sul

Editoria	N.º de inserções	Capa
Agenda Cultural	50	0
Arquitetura e Urbanismo	1	0
Artes	6	0
Artigo	29	0
Brasil	1	0
Cinema	54	4
Cultura	10	3
Coluna	91	0
Coluna social	19	0
Dança	3	0
Debate	3	0
DVD	11	0
Entrevista	1	0
Evento	22	0
Exposições	1	1
Fotografia	1	0
Horóscopo	20	0
Infantil	2	0
Literatura	9	0
Livros	24	1
Moda	6	0
Música	83	7
Opinião	11	0
Palavra Cruzada	20	0
Quadrinhos	20	0
Teatro	27	3
TV	94	3